

MARIA
LACERDA
de MOURA

mai e...
nãO vos
ultipliqueis

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
EDITORA
Rua Lavradio, 100 Rio de Janeiro
1933

Ao meu querido amigo

A. Néblind

— homem livre, desertor social que se basta a si mesmo na luta heroica pela subsistencia — por um nobre ideal de solidariedade humana, — o meu livro forte e corajoso — como um simbolo de esforço do "individualismo da vontade de harmonia" para uma aspiração mais alta de entendimento entre os dois sexos.

"Jamais uma restrição mental."

MAHÂTMÂ GANDHI

UM PROGRAMA?

DECLARAÇÃO DE PRINCIPIOS? ...

"Maria Lacerda de Moura ainda não se encontrou a si mesma".

"Desconfio que Maria Lacerda não sabe exatamente o que quer ..."

"Pertence a algum partido? Qual é esse partido?"

"Que deseja, afinal essa Senhora?"

"Que reforma propõe essa publicista?"

"Qual o seu programa?"

Essas e outras muitas objeções fazem os "criticos" de ataques sistematicos a tudo quanto escrevo.

E como tais perguntas e tais conceitos se multiplicam no meu caminho, respondo, de maneira geral, aos meus contendores, quicá obscurecendo ainda mais a sua má vontade de compreensão ou a sua impotencia de chegar a outra harmonia diversa da sua harmonia.

Geralmente os que me agridem não me leram. Si me leram, não me quizeram compreender.

Certos agressores cometeram a ingenuidade de confessar não haver lido o livro atacado. Foi o titulo que os impressionou desagradavelmente. Outros voltam atrás,

com coragem, e, confessando o engano, tornam-se meus amigos.

Todos me conhecem pelo que ouviram dizer... de mal...

Houve quem me visse com um facho acêso á frente da multidão que incendiou "Il Piccolo", descabelada, gritando como possessa, incitando aos estudantes e aos populares. E todos sabem que eu estava em Guararema, a 2 horas da Capital e que só vim a saber do ocorrido no dia seguinte, pelos jornais da tarde de 24 de Setembro.

Uns são inimigos sistematicos sem nunca-me terem visto, sem conhecerem uma só pagina dos meus escritos.

Alguns me elogiam, si ouvem elogios dos presentes e me atacam agressivamente, si sou agredida... Alguns fogem, quando presentem agressão, e aparecem para colhêr os louros... E a maledicencia não falta.

E não ha meio termo: ou o entusiasmo incondicional ou a agressão incondicional. E a calunia.

Que me não encontrei a mim mesma? Quem é que já se encontrou a si mesmo, sob o Sól?

Quem poderá dizer: "eu sou o caminho, a verdade e a vida"?

As palavras de Cristo foram deturpadas pelos padres. Cristo deveria ter pronunciado esta verdade profunda: "Que cada qual siga o seu caminho, a sua verdade e a sua vida, tal como eu tenho o meu caminho, a minha verdade e a minha vida."

Quando eu me encontrar a mim mesma serei um Deus realizado. Só se encontraram a si mesmos por so-

bre a terra, os padres, os politicos profissionais, os pensadores de rebanho — tontos de vaidade, pesados de orgulho, tropegos de presunção intelectual, dobrados ao peso dos dogmas e das afirmações categoricas, seguros de si mesmos, infalíveis e jactanciosos.

Só sabem exactamente o que querem — esses politicos, os "profiteurs" da imprensa, os armamentistas, os comerciantes, os industriais, as mensagens dos páis da patria, os castens, os "gigolôs", os sacerdotes; a Igreja Catolica Romana, os imperialismos yankee, britannico e mussolinesco, o Papa, Tacchi Venturi — o chefe dos jesuitas, as associações de "boxeurs", os militares, o "coronel", as embaixadas diplomaticas, Hitler, "L'Accion Française"...

Todas essas cousas e toda essa gente tem um programa definido, sistematicamente traçado e de realização pratica, baseado no dinheiro, no poder ou na astucia — para engodar aos papalvos, organizar, mobilizar o rebanho social para mais facilmente explora-lo, mandar, tyrannizar, roubar, assaltar, vencer, domar, ganhar, gosar, saquear, salvar...

Todas essas cousas e toda essa gente tem um plano delineado no papel ou no "ring", sempre versus...

Mensagens, programas, apostolados ingenuos ou marteiros, reformadores, manifestos, cornucopias de esperanças, de liberalidades, promessas de felicidades e bem estar social — só sabem transbordar os partidos politicos ou religiosos, os demagogos, os oradores populares, os donos da humanidade escravizada: padres, aspirantes a reinos, imperios, republicas ou academias, os candidatos ás

Constituintes ... as casas lotericas, as feiticeiras e as cartomantes ...

Não é de agora que se exige de mim um programa ou a ingressão "corajosa" em um partido.

Que me defina! Que sêle o meu nome com determinado rotulo, afim de que pôssa ter "autoridade" ... Que carregue o peso de uma chapeta e o auxilio indispensavel de duas muletas sociais. Que me batise finalmente. Preciso completar-me. Fazer parte de um partido é ter amigos e defensores incondicionais. E' estar, docilmente, servilmente, domesticadamente ao lado de alguém. E' ter valor, portanto, é ter "autoridade" ...

Despresar as muletas e os partidos é ser atacado por todos, é ser "voz isolada", "voz unica", "irrefletida", "despercebida" do rebanho social acarneirado no redil da imbecilidade e da covardia.

O "individualista da vontade de harmonia" não faz programa nem para si nem para os outros.

Com relação á minha vida interior, sei o que desejo, sei o que quero.

Com relação á vida social, sou anti-social, nem sei, nem me interessa saber. Destáco os individuos do blóco social. Em relação á sociedade, sei o que não quero.

A minha etica repele os partidos, os programas, toda a moral social.

Não sou advogado, não sou politico, não me interessa a "populaça de cima" e nem a "populaça de baixo".

Observo, analiso, critico, exalto, não mando, não dirijo, não exijo, nem mesmo peço ou procuro persuadir, não me preocupo com as soluções para os problemas. As

soluções ficam bem aos matematicos, aos sentimentos dos padres e das beatas, á profissão dos advogados e ás mensagens prometedoras dos politicos, aos programas sectarios fóra dos quais não ha salvaçã e aos romances da gente honesta em que são castigados os vicios, em que é premiada a virtude ...

Não sou revolucionaria no sentido da revolução para uma organização social mais equitativa. Já tive, sim, essa ilusão.

Cheguei, porem, á convicção, ou aprendi a tempo que os homens, em nome do Amôr e da Justiça, em nome da Solidariedade Humana, em nome da Fratrenidade Universal, em nome da Liberdade, da Igualdade em nome de Deus, em nome das Cruzadas Religiosas, em nome do idolo da Honra, em nome do Direito, da Patria, da Civilização se estraçalham como animais ferozes. Pregando o advento da Paz, fazem as guerras.

Ora em torno de principios politicos, sob o comando dos reis, dos democratas ou dos padres, ora em torno das religiões, sob o comando dos padres, dos democratas e dos reis — aliados incondicionais de todos os tempos e de todas as patrias e de todas as nações, — as multidões se trucidam para obter o "bem estar social", afim de estabelecerem as formulas ... da Liberdade, do Amôr e da Justiça, em sociedades idealizadas na santa Paz dos seus sonhos de obediencia servil ...

Convenço-me cada vez mais de que "o odio não mata o odio, o odio só morre com o Amôr".

A violencia é mãe e filha da violencia. A guerra só

traz a guerra e a revolução é a sementeira de outras revoluções.

Não-violencia, mas "suprema-resistencia" ás forças negras do passado reacionario.

Não houvesse tanta covardia...

Procuro a minha harmonia interior: é o unico programa que me cabe formular.

Mas, tão vasto é esse programa, tão profundo, tão complexo, tão alto, tão nobre, que deixa de se pontificar em um programa para se desdobrar pelo infinito e pela eternidade, além do tempo e para além do espaço.

A Vida não cabe dentro de um programa escrito pela imbecilidade social, não pôde encerrar-se em universidades, em academias literarias, cientificas ou filosoficas, não pôde fechar-se em um partido, em uma doutrina, em um sistema religioso, em a moral social.

As necessidades humanas teem as suas origens nas criptas profundas do Eu e não são as leis mesquinhas dos homens ou as suas teorias, as suas doutrinas, os seus partidos ou os seus programas que hão de solucionar ou pelo menos definir o problema da Vida.

E os homens, da sua impotencia, da sua limitação sensorial, da sua pequenez, da sua insignificancia sectarista, da sua miopia, da sua maravilhosa inconciencia, da sua formidavel ignorancia, da sua ambição desmedida, tecem um padrão de glorias: o heroismo dos partidos, das seitas, das bandeiras, dos programas.

Quem se não deixa encerrar dentro desses limites — é acuado para a possivel domesticidade dentro dos inumeros redís, sistematicamente divididos em rebanhos a obedecer a determinados senhores ou programas,

O meu programa, repito, seria a busca incessante da minha harmonia interior, é a "vontade de harmonia", e, si ás vezes uma nota dessa harmonia canta dentro do equilibrio harmonioso de outra criatura, realizo uma beleza maior, sonho um sonho mais alto.

Si não consigo essa realização, pelo menos canto dentro de mim mesma esse belo e generoso individualismo, delicado e forte, do meu acôrdo interior — para uma sinfonia mais empolgante...

"Uma voz foi feita para falar", como o Sól para aquecer e iluminar. Si a minha harmonia choca-se com a brutalidade do odio ou com o sarcasmo da aspereza rija de outra linha de evolução, que não é a minha, que culpa cabe a mim? Si deturpam, que tenho eu com isso?

Tambem o Sól, si acende o iris magnifico na gota pura do orvalho ou aquece a velhice enferma ou ilumina o rosto da criança ou as flores da primavera ou si brilha no olhar de fé do idealista ou no roseo de uma face penetrada de juventude e exaltação, tambem o Sól vivifica o paúl e faz vigorosa a planta que mata e alimenta o silvo da serpente e aquece a virulencia do microbio da peste.

Essa é a conclusão ryneriana do individualismo da "vontade de harmonia".

Sou humana: é já um programa, o programa universal da solidariedade biocosmica, programa eterno e infinito.

Prefiro dissolver-me no vasto programa da Vida a limitar-me para ser agradavel ás ambições e á vaidade dos homens, sufocando as minhas aspirações de Liberdade

nos programas insignificantes dos partidos, das seitas, religiões, ou da concorrência social sob qualquer aspecto.

Repugna-me o crime de mandar e o servilismo de obedecer.

Só a insuficiência mental pôde limitar o horizonte da visão da Vida.

Mas, si a mente humana finita, a razão ou a ciência tem, limitado, o campo desse portentoso raio visual, em compensação, podemos alar os nossos sonhos em hipoteses acariciadoras e imaginar tudo quanto possa alcançar a imaginação em busca do infinito e do eterno, além do tempo e do espaço, através da sabedoria subjectiva, libertadora e humana a que damos o nome de divindade interior.

Para a fatalidade social, o estoicismo — esse "positivismo da vontade", na expressão de Han Ryner.

A tirania social não depende de mim. Não posso, pois, formular programa deante de uma fatalidade "inevitável como a morte".

Mas, as cousas que de mim dependem para não ser algoz ou cúmplice dessa tirania, na medida possível do meu esforço; tudo quanto for alicerçado por sobre o Amôr — a lei maxima da gravitação universal concebida pela nossa mente e pela piedade humana: tudo que depende da minha vontade segundo a classificação de Epicteto: minhas opiniões, meus desejos, minhas ações, meu carácter em suma, meus sentimentos — tudo isso — conhecer-me para me realizar, realizar-me "para aprender a Amar", é o que constitue o meu programa.

Não posso, não devo, não quero perturbar a liber-

dade de outras evoluções, de outros desejos, de outras ações.

Termina o meu direito á liberdade onde, precisamente, começa o direito de outras liberdades.

Procurar iluminar a mim mesma afim de contribuir para o despertar de outras consciências, para cada qual solucionar, por si mesma, o seu problema, não é exigir a submissão nem pretender impôr as idéas ou os sonhos.

O meu individualismo não é o dos "sufer-elefantes" nietzschenianos, não é o dominismo da "vontade de poder."

E "em que as desigualdades naturais justificam as desigualdades sociais"?

O programa de um ou da minoria cerceia a evolução de muitos, e, si comete o crime de cercear a evolução de um só, já é atentado á liberdade individual, ao direito humano, ás necessidades naturais do homem.

Para os loucos e para os degenerados paranoicos ha o recurso das casas de saúde...

O unico programa digno do homem livre é a divisa inscrita no templo de Delfos, a que a sabedoria profunda e amorosa de Han Ryner acrescentou: "... para aprenderes a amar."

E os partidos politicos, religiosos ou sociais incitam as paixões, ateiam o incendio do odio e adormecem e sufocam as consciências.

No programa da evolução interior está, em primeiro capitulo o protesto conciente e forte e heroico, em quaesquer circumstancias, contra as guerras e o cabotinis-

mo das fronteiras e da paz armada e dos pactos Kellog, o dever de protestar, com todas as forças da consciência, contra todas as causas de conflitos entre os homens.

Por isso, repito: não sou advogado, não sou capitalista, não sou sacerdote, não sou político, não sou acadêmico, não sou comunista nem socialista, não pertencço a nenhuma grei, embora todos os nomes batismais com que me desfavorecem os criticos.

Não tenho programas para reformas sociais, literarias ou religiosas.

Viver a mente em harmonia com o coração e procurar realizar na vida, a criatura ideal que o cerebro concêbe e o coração sente em uma sociedade melhor, viver o que a imaginação generosa é capaz de sonhar no individuo superior, humano, é programa inexequível para os que apresentam programas... para os outros.

E a minha mente finita — busca no Eterno e no Infinito da minha vida subjectiva, procura tirar das criptas profundas da super-consciencia, essa nota da Harmonia Universal perdida nos abismos de luz e sombra da alma humana.

O programa da Vida em toda a sua plenitude é o programa da Liberdade integral, é o programa do Direito Humano dos que soluçam e cantam e aspiram a um sonho mais alto de Amôr e de Beleza.

E' o programa da Solidariedade Humana — para a vontade de Harmonia.

**
**

Nunca ninguém me viu num bordél num "Cabaret" ou num "Casino". Desafio.

E "senhoras" recém-casadas, brasileiras, virtuosas consortes de cavalheiros respeitaveis, da "bôa" e da "alta" sociedade, que os frequentam aqui, na Europa ou no Prata, ao lado dos maridos, me teem convidado para ir ver de perto a sociedade "chic" dos bordéis elegantes. Sempre me recusei. Não os conheço. Nem os daqui, nem os de Buenos-Aires. E denominaram o meu gesto de puritano... E são eles os puritanos, moraliteistas, defensores da sociedade constituída. Não. Eu me não poderia divertir ao lado da dor inominavel da prostituição mascarada de alegria desbordante — na farça dolorosa da industrialização da carne feminina — exposta nos mostradores dos salões, a sensibilidade e o coração das mulheres pendurados aos harpéos dos magarefes desse comercio desalmado.

Nunca fui, nem mesmo "para estudar"... "para observação psicologica", como vae "toda gente" de espiro... .

Para que?

Conheço por demais até aonde podem ir as miserias humanas, quasi sem ter tido contacto com elas.

Meu pobre pensamento me aferroteia na angustiosa inquietação da dor social. Não é mais preciso esverumar uma chaga que sangra.

Deixo aos cristãos piedosos e caridosos, ás senhoras religiosas e aos cavalheiros serios, aos psicologos de livros escandalosos, todos defensores da sagrada instituição da familia, essa especie de distração elegante — tomar cham-

pagne ou dansar nos "Cabarets" chics e jogar nos salões dourados da fina flor dos "Casino" de luxo.. Os bordeis do "bas-fond", também frequentados nas grandes metropoles pelas damas virtuosas das "sociedades de espirito", como os bordeis de alto bordo chamados "Club" ou "Casino" ou "Hoteis" ou "Cabaret" são como atrativos indispensaveis para a ociosidade sensual das familias bem constituídas, abençoadas pela Religião, registadas pelo Estado. E os intellectuais que os frequentam e que tomam parte em todas essas diversões da "gente de espirito" e "emancipada", são eles os noticiaristas puritanos dos factos policiaes em que delegados fazem "desgraçada" uma menina nas salas de despacho dos commissarios da policia. São eles que denunciam como culpada a mulher assassinada pelo marido, pelo amante ou pelo irmão, porque não soube guardar e respeitar a "honra" de toda a familia... São os que enchem a boca com as formulas de Deus! Patria! e Familia!

Farça representada para a imbecilidade milenar dos domesticados da Rotina. E são eles, é a gente de espirito, a gente elegante e "fina", são essas senhoras, as "coureuses" de diversões desse genero, nos "reveillon", no Carnaval, nos bailes modernos, são esses mesmos os que fazem a caridade nos salões e sustentam os edificios sumptuosos dos templos catolicos, os Asilos do Bom Pastor (!) e os collegios religiosos, e defendem encarniçadamente a moral dos bons costumes e a sacratissima instituição da familia.

E' natural e logico. A prostituição é um dos esteios mais poderosos da moral religiosa. A's columnas sociais —

governos, capital, militares e clericalismo — é preciso acrescentar a columna central — a prostituição.

E' a razão por que toda a sociedade elegante, toda a fina flor do parasitismo dourado espouca champagne e brilha o espirito nos salões feericos onde reinam as prostitutas profissionais e a alta prostituição das negociatas e das intrigas da diplomacia secreta. E' no "Cabaret", é no "Casino", é nos hoteis das praias elegantes que as quatro primeiras columnas sociais solidificam a solidiedade das suas formulas de defesa: Deus, Patria e Familia!

Apoiam-se na columna central — a prostituição.

Admiravel organização social!

Toda esta sociedade não passa de um imenso bordel de vampiros da consciencia e proxenetas da razão humana.

Perscrutar até aonde vae a imbecilidade e o acarneiramento de "toda gente", procurar sentir toda a insolencia da perversidade organizada em partidos e programas — para acarneirar, acuar, imbecilizar e explorar — já não será um programa... social?

1.^a PARTE

FÓRA DA LEI

*"Não ha piór escravidão
que o erro ativo."*

HAN RYNER

A INTELIGENCIA TEM SEXO?

A civilização fez do homem e da mulher duas raças sociais que se degladiam amorosa e ferozmente.

A natureza ordena que se busquem para uma harmonia maior, para uma harmonia a dois.

A sociedade investe contra o instinto, legalizando para os rebanhos humanos, moralizando as leis naturais...

A razão da mulher foi condenada á prisão perpetua, sob o pretexto de que a emancipação feminina é a causa da destruição do "lar sagrado".

A instituição da familia é baseada na ignorancia calculada da mulher, no servilismo, na escravidão feminina.

Os corolarios são imorais para o farisaismo dos moraliteistas de béca, sotaina ou espada.

O casamento é armadilha feroz contra o homem e a mulher, e fraude de parte á parte.

E' a eternidade do indissolúvel, defendida pelos Pe. Coulet, que se reservam o direito de ficar solteiros para mais facilmente escalar o cercado alheio, sem assumir compromissos ou responsabilidades.

Quanto ao homem, concluiu: para ter a educação

completa, precisa conhecer todos os vícios, e não ser piegas...

A morte da razão no cerebro feminino.

A morte do sentimento no cerebro do homem.

O resultado, todos nós o conhecemos, desgraçadamente.

Falso sentimentalismo de gramofone na cabeça feminina. Nada de razão: intelligencia acorrentada aos prejuizos seculares, á rotina, voltada para o passado.

O perfil divino de uma Isadora Duncan, maravilha pelo imprevisto, pela originalidade superior, pela espontaneidade de uma organização individual tão alta que assombra pela grandeza de uma evolução isolada, unica, auto-didata, e de uma ética, mais alta na beleza de se dar incondicionalmente, numa generosidade criadora de ritmos e de sonhos para a felicidade integrada na liberdade agri-doce de viver intensamente a harmonia interior.

Um ser excepcional.

Mas, condenado á inação sob o ponto de vista do raciocinio puro, o cerebro feminino é o reflexo da intelligencia do homem.

Pode ser cultissima a mulher da "alta" ou da "bôa" sociedade, pôde falar de Ibsen, de Gorki ou de Maupassant, de Anatole, de Voltaire, de Zola ou de Mirbeau, de Sinclair, de Barbusse ou de Romain Rolland, pôde discorrer em torno do teatro de Bataille ou de Molière, mas, para á superficie... é catolica apostolica romana, não viu a critica de Voltaire ou de Molière, não sentiu a ironia do autor inimitavel de "Thaïs" ou de "L'île de

pingouins". É caridosa, piedosa, crente, não sentiu o sorriso de amargura que paira em todas essas obras na analyse dolorosa do problema humano ou da questão social.

E nisso mesmo, ainda imita o homem...

Tambem o homem "culto", mesmo trazendo o peso do canudo de diplomado, com a biblioteca forrada de livros dos melhores autores, continúa impermeavel dentro da rotina, da tradição, do comodismo.

É o caso dos delegados, magistrados, juizes, promotores, bachareis em suma, nos interrogatorios imbecis, a julgar ou a interrogar a presos politicos por questões sociais, confundindo as ideias de Marx com as de Bakounine, perguntando a anarquistas qual a especie de governo que desejam, após a revolução... (veridico, em São Paulo), e, finalmente, declarando que tambem ele, delegado de segurança publica, pensa assim, tambem ele sonha tão altos ideais de uma sociedade anarquico-comunista, apenas não fala... somente não diz em publico as suas ideias. E o "camarada", daí em deante, era livre de pensar tudo aquilo, porem, não poderia escrever nem falar...

São literatos, "cultos", viajados, lidos, pensadores de rebanho, vão á Igreja, beijam as mãos dos bispos, frequentam as Lojas Maçonicas e defendem a ordem social constituída.

Não é, pois de admirar que a mulher esteja nas mesmas condições, que repita e obedeça mentalmente. E a mulher ainda tem o que os homens apregoam de necessario para conte-la dentro da moral social: o "freio" da religião.

A civilização desdobra-se em multiplas necessidades perfeitamente desnecessarias ao bem estar das criaturas humanas.

Mas, o homem é obrigado a mil movimentos diarios e sucessivos para obter o pão e o superfluo.

Daí, a inteligencia a serviço da industrialização de tudo, inclusive do amor e das consciencias.

Daí a imbecilidade, daí a vulgaridade, o reinado perverso das democracias, da mediocridade.

E o homem não tem tempo de pensar: repéte. Si repéte, acovarda-se. Aceita qualquer alimento espiritual proporcionado ao redil humano.

Não discute para aprender. Grita para impor. Não analisa. Incapaz de criar, incapaz de viver subjectivamente, incapaz de conhecer-se, incapaz de realizar-se.

Quer "vencer na vida". E salta por sobre o proximo, na voracidade da civilização.

Matou o sentimento.

E a razão? — Matou tambem a razão. O homem é maquina. Dentro desta organização social de vampiros e truões, de castens e João Minhóca acionados todos através dos cordéis do "guignol" dos Cesares do poder, da Religião e do Capital, ser "individuo" — Homem ou Mulher — é bem difficil.

Diogenes apagaria de vez a lanterna e se refugiaria para sempre, no fundo do tonél, mais ceptico que nunca.

As sociedades, as seduções do gozo material, a ambição, os dogmas da familia, da religião, da patria, da civilização, da rotina, dos prejuisos sociais procuram impedir a realização interior.

E é preciso desertar da sociedade — para chegar a tal resultado.

E não é facil ser anti-social.

Não é heroismo de fachada o heroismo do desertor.

Para reivindicar o direito de pensar, o homem ou a mulher tem de saltar por sobre miriades de dogmas, por sobre centenas de idolos, por sobre milhares de simbolos, de prejuisos, de tradições, por sobre convenções e "verdades mortas," por sobre as "mentiras vitais" da civilização, por cima de todas as fraudes sociais.

E tudo se resume no gesto de arrancar do pescoço o disco de gramofone da marcha de Rakoczy e reivindicar o direito de ter cabeça.

Impossivel essa atitude nobre e altiva, si queremos ser "damas" da sociedade, politicos ou academicos, profetas, mestres ou sacerdotes...

Homens e mulheres — discos de gramofone da moral e da ortopneia social.

Equilibrado e harmonioso — o balar do rebanho humano!

Anomalia! Loucura! Loucos os que denunciam os crimes de lesa-felicidade individual, os crimes de lesa-humanidade.

Como é diferente no meu cerebro o conceito da dignidade humana!

Aliás, é uma honra ser classificada por "anomalia" — quando não se quer pisar o semelhante para vencer no "guignol" do trampolim social.

E' uma honra essa loucura que não quer pactuar,

que não quer ser cúmplice do vampirismo ou do castrismo social.

A realização interior não é apenas questão de inteligência, não é problema de malabarismo de palavras.

A inteligência não depende de cada um de nós: não ha merito na inteligência. O merito, si pôde ser controlado pelos outros, está na coragem heroica do desprezo aos bens materiais, á gloria das arquibancadas sociais e ao "que poderão dizer?"

O merito, si existe, está em não balar junto ao rebanho humano, a voz da rotina e dos prejuízos servis dos domesticados.

O merito está na deserção.

Consiste em ser anti-social.

E' o heroísmo delicioso de ir contra a corrente.

E' a coragem de ser "individuo" e conservar a dignidade humana em meio da ferocidade coletiva.

E, si a inteligência não tem sexo, muito menos tem sexo a coragem para enfrentar os capatazes do rebanho social e negar-se a pactuar com a brutalidade da civilização das máquinas humanas e dos dollares deshumanos.

Quando o homem alía á mentalidade do pensador o sentimento do artista, Tagore, por exemplo — sensibilidade por assim dizer feminina, delicada na sua grandeza espiritual de maternidade ou de piedade humana, ninguem sente a anomalia.

E, de fato, a evolução tem de levar a razão e o sentimento até a harmonia entre a mente e a sensibilidade interior — cerebro e coração — para um sonho mais alto,

para uma concepção mais alevantada do problema da Vida.

E quando uma mulher alía á sensibilidade feminina um sentido mais profundo da questão humana e eléva a sua razão a alturas pouco accessíveis ao "boudoir" das preocupações vãs dos ócios masculinos e femininos; quando alça nas mãos o sentimento para faze-lo pairar á altura da razão, num esforço fantastico, num salto milenar, desde as éras medievais até o seculo da relatividade e do individualismo ryneriano da "vontade de harmonia", essa mulher não faz mais do que esboçar o tipo futuro no qual cantará o equilibrio harmonioso entre o sentimento e a razão, entre o pensamento e a vida, — para mais profunda intuição, na escalada de um evoluer mais amplo, para uma visão mais pura na fantasmagoria dos sonhos que sobem para as alturas.

Nem a inteligência é privilegio do homem, nem o sentimento é apanagio exclusivo da mulher.

Condenado á inação sob o ponto de vista intelectual, o cerebro feminino é o reflexo da inteligência do homem.

A mulher repête, obedece mentalmente. As suas ideias são convicções do coração... Ela pensa através do sentimento de simpatia ou amor dos que vivem ao lado da sua vida de odalisca ou de besta de carga, animal de tiro ou criadeira inconciente como a encubadora que recebe os óvos por imposição.

Uma grande amiga costuma dizer-me: sempre estive a serviço...

Sob todos os aspectos da vida, a mulher está a serviço.

Não escapa a essa domesticidade, a essa fidelidade, a intelligencia feminina, a serviço da mentalidade masculina.

Na literatura, na poesia, pensadora ou artista, não tem fisionomia propria: está a serviço do passado, da rotina, dos preconceitos religiosos, politicos ou sociais, do modernismo em arte ou dos revolucionarios.

Vivemos a civilização unisexual.

Reivindicando os seus chamados direitos, dentro dos partidos, da luta de classes, dos metodos de ação da politica reacionaria ou revolucionaria, é impelida pelo homem, estimulada pelos chefes, — está sempre a serviço.

Pouquissimas no mundo inteiro, rarissimas as que põem a intelligencia a serviço da sua propria consciencia.

Mas, não acontecerá o mesmo com os homens? São em numero elevado os loucos anormais, as "anomalias" que saltam os tapumes do redil social, arrancando da cabeça o disco de gramofone do simbolismo admiravel de Andréas Latzko?

São muitos os que souberam positivamente reivindicar o direito de ter cabeça?

São em numero consideravel os que despresam o balhar harmonioso dos rebanhos da parabola, a louvar os magarefes e os afiadores de facas?

São tantos assim, os que, loucos, anti-sociais, anti-patriotas, anti-religiosos, anti-sectaristas, anti-dogmaticos, livram-se de todas as muletas e de todos os escapularios?

A grande maioria dos pensadores de rebanho, impermeavel ás proprias verdades subjectivas, emparedada dentro do idolo majestoso da Rotina.

Cultura de rebanho, os diplomas e as glorias das letras, das artes, das ciencias, pensadores e filosofos, academicos e doutores — a serviço da ordem social, do massacre humano, da civilização industrial, da concorrência, do canibalismo, do progresso material — todos tocam o disco da marcha vitoriosa das "mentiras vitais", dos idolos, da tradição, dos dogmas e do "que poderão dizer?"

A covardia mental é a mais poderosa das forças reacionarias.

Respeitar, repetir, louvar — é a palavra de ordem social.

E a mulher é a educadora da infancia!

Nas suas mãos está a escola.

E quanto absurdo, quanta cretinice, quanta barbaridade patrioteira, quanta estupidez honrada e virtuosa eu ensinei na escola, á criança e á juventude!

E' o que repetem os milhões de professoras pelo mundo inteiro — para a conservação do fossil do passado reacionario no dominismo dos padres, dos reis, dos democratas demagogos, dos militares e do bezerro de ouro.

Essa é a ordem social e nenhum instrumento mais apto á sua conservação embalsamada do que a mulher.

Chegaremos a tempo de acordar os mortos?...

Aprender a pensar e ter o heroismo de pensar em voz alta não é privilegio do homem.

E' certo: é mais facil e mais comodo vender-se á gloria de picadeiro e arquibancadas patrioticas e religiosas, á sedução dos aplausos inconcientes das multidões,

aos uniformes das academias, ás condecorações e titulos honorificos, ao prestigio social.

Não invejemos os mais belos talentos de subterfugios, masculinos ou femininos, a serviço das leis, da ordem, da policia, da sociedade, dos crimes contra o genero humano.

Pertencer a uma grei, a um partido politico, religioso ou social, ser o porta-voz de um dominismo contra outro dominismo — dá prestigio e nimba de celebridade os nomes de advogados e politicos, de academicos e militares, de sacerdotes e profetas.

Nada de muletas.

Nem uma muleta é capaz de nos trazer a felicidade interior.

A humanidade não soube encontrar ainda a solução para as duas necessidades principais, os instintos predominantes do reino animal e seguiu rumo oposto á sabedoria dos chamados irracionais.

Comer e Amar.

E o genero humano enlouquece, degenera-se, suicida-se, esmigalha as suas energias latentes mais admiraveis, cria a prostituição, as leis e o vampirismo social e tripudia por sobre os mais belos sentimentos e por sobre a pureza delicada de tudo que é puro e nobre e santo — para satisfazer aos dois instintos predominantes.

Só consegue desviar-se cada vez mais do objetivo.

Todos insatisfeitos! Doloridos de fome ou indigestão. E famintos de amor.

E seria tão simples...

E é tal a complicação industrial e economica, e é tal

o grau de civilização, que são consideradas "anomalias", as inteligencias a serviço da volta á natureza, da vida simples, da realização interior — para a interpretação e solução do problema humano dentro da lei do Amor, solução que se resumiria nos imortais postulados de ética:

Sê tu mesmo.

Conhece-te.

Realiza-te.

Faz o que quizeres.

Não matarás.

Ama ao teu proximo como a ti mesmo.

Porque — só para amar foi feita a vida.

FEMINISMO?

A palavra "feminismo", de significação elastica, deturpada, corrompida, mal interpretada, já não diz das reivindicações femininas.

Resvalou para o ridiculo, numa concepção vaga, adaptada incondicionalmente a tudo quanto se refere á mulher.

Em qualquer gazeta, a cada passo, vemos a expressão — "vitorias do feminismo" — referente, ás vezes, a uma simples questão de modas.

Ocupar posição de destaque em qualquer repartição publica, viajar só, estudar em escolas superiores, publicar um livro de versos, ser "disease" ou "dictriz" divorciar-se tres ou quatro vezes pelas colunas do "Para-Todos", atravessar a nado o Canal da Mancha, ser campeã

de qualquer esporte — tudo isso constitue as “vitorias do feminismo”, vitorias que nada significam perante o problema humano da emancipação da mulher.

E’ tática bem manejada pela civilização unisexual: enquanto as mulheres se contentam com essas vitorias, a sua verdadeira emancipação é posta de lado ou nem chega a ser descoberta pelos tais reivindicadores de direitos adquiridos.

As verdadeiras reivindicações não se podem limitar á ação caridosa ou a um simples direito de voto que não vem, de modo algum, solucionar a questão da felicidade humana e se restringirá a um numero limitadissimo de mulheres.

Aliás, quando os homens de bem retiram-se, num ostracismo voluntario, dessa politica de latrocínios oficializados, dessa bacanal parasitaria, desse despudor em se tratando dos negocios publicos; quando se decreta, positivamente, a falencia, o descredito do parlamentarismo, do Supremo Tribunal, do Senado, de toda a maquina governamental de uma sociedade em plena decomposição — é agora que a mulher acorda e sae correndo atrás do voto, cousa que deveria ter reivindicado ha 200 ou 300 anos atrás... E supõe, ingenuamente ou maliciosamente, estar cuidando dos interesses femininos, dos interesses humanos.

A mulher, deixando-se gostosamente explorar e certa de que, nesta civilização de escravos, ganha, cada dia, mais terreno, reivindicando direitos civís e politicos, convencida de que se bate pela mais justa das causas humanas, pela sua emancipação.

Em que consiste a emancipação feminina? De que serve o direito politico para meia duzia de mulheres, si toda a multidão feminina continúa vitima de uma organização social de privilegios e castas em que o homem tomou todas as partes do leão?

De que vale o direito do voto para meia duzia de mulheres no Parlamento, si essas mesmas continuam servas em uma ordem social de senhores e escravos, exploradores e explorados, patrões capitalistas e assalariados?

Indaguemos do nosso caboclo, eleitor de qualquer cabo eleitoral, si o voto o emancipou, si a sua vida de trabalhador rude não o condena mais á gena da escravidão nas mãos do fazendeiro de café ou do senhor de engenho.

E, desde o eleitor colono, moderno escravo social, até as mais altas dignidades politicas, todos são escravos, condenados, sufocados nas malhas da propria inconciencia, na ignorancia cultivada através da imbecilidade humana, através da domesticidade milenar.

Quem pode falar em emancipação feminina, em emancipação humana, dentro da lei, dentro da ordem social?

Só caminha para a emancipação quem se colóca fóra da lei, fóra dos prejuisos, dos dogmas, dos preconceitos religiosos e sociais — para conhecer-se, para realizar-se.

Enquanto a mulher reivindica direitos civís e politicos, se esquece de pugnar pelos verdadeiros direitos femininos que são os direitos humanos: os de individuo, direito á liberdade, direito á vida, direito animal na escala zoologica.

Por isso, é duplamente escrava: é escrava do homem e é escrava social como o seu companheiro, quer faça ele parte do proletariado, quer seja rei da industria, como Ford ou primeiro ministro, ditador, como Mussolini.

Nunca a mulher andou mais errada do que quando pensou estar certa reivindicando os direitos politicos.

Devolvo, desde já, os aplausos dos anti-feministas: o meu ponto de vista é absolutamente oposto, é muito individualista e ácrata.

Não quero a mulher no "lar sagrado", nem decanto a meiguice das dulcinéas sabidas, da casta Suzana... o lar da civilização-burguesa capitalista é uma pandega, e eu falo seriamente.

Dóe-me o coração vêr a ignorancia e o servilismo da mulher, instrumento do passado a serviço de uma sociedade de privilegios e que se apoia, ferozmente, na exploração do homem pelo homem, nas lutas de competições, na concorrência brutal da força armada, e, como consequencia logica, nas guerras — cujas vitorias são ganhas a poder do alcool e do éter.

Em uma época das mais decadentes, no meio de toda essa corrupção, quando os homens de Estado não descem mais porque não têm mais para aonde descer, e os que sobem se rebaixam, e os politicos profissionais vivem de negociatas fantasticas e tudo é cabotinismo e palhaçada, — é nesta época de dissolução que a mulher quer partilhar das responsabilidades na derrocada coletiva.

Podemos afirmar que mais empenhadas nos direitos politicos são as que querem, para si, posições e digni-

dades, as que apoiam as suas pretensões vaidosas nas considerações sociais, as que mais falam banalidades e menos pensam em pról das suas companheiras de escravidão, as que buscam o cenario mesquinho das glórias efemerias, para exhibições e cabotinismo.

Ou dão a entender que tudo vae otimamente e que tambem elas fazem questão de juntar a sua voz á desintegração total e já estão desfibradas, domesticadas, já se fizeram politicas e, portanto, são capazes de todas as maroteiras dos nossos clown parlamentares, ou então, ha na sua reivindicação de direitos politicos, ingenuidade lamentavel, quixotesca: a de pretender concertar esta maquina desmantelada pela ação do tempo — implacavel na destruição das velharias embalsamadas.

Ou a mulher se fez politico, adquiriu á força de domesticidade e baixeza, a alma do politico e vae, desgraçadamente, pactuar com os páis da patria no degenerar de todas as fibras do carater nacional, ou, ingenuamente, pensa endireitar todo o mecanismo governamental desconjuntado pelo tempo, lutando contra moinhos imaginarios, esquecendo-se de si mesma para seguir sonhos impossiveis e ideias utopicas, inteiramente no mundo da lua. Em conclusão: deixar-se-á plasmar ao contacto das almas enlameadas dos que só pensam no ventre e para o ventre.

O VOTO

Geralmente a mulher não tem ideias proprias, (aliás, o homem as terá? ...) e pensa pela cabeça dos homens com os quaes convive, ainda que lhe sejam inferiores.

ções da beleza interior, preferiram sempre governar a si mesmos a julgar ou governar a quem quer que fosse.

Tudo falhou na nossa civilização tão decantada: governos aristocratas, plutocracias, democracias, parlamentos, revoluções, ditaduras, consulados, monarquias ou republicas, Estado leigo ou poder espiritual, Napoleão ou Mussolini — tudo brinquedo de crianças perversas, epilepsia ou estado paranoico, tudo faz descrever desta humanidade de lobos e cordeiros, de senhores e escravos, de brutos insaciáveis e súditos domesticados até o servilismo dos aplausos aos magarefes da consciência humana.

A multidão, olhos de toupeira, não quer vê e continúa, como em todos os tempos, aclamando os atrevidos e os covardes, contribuindo para uma organização social que se mantém á custa do despotismo de uns e do balar da maioria, que se mantém á custa da policia civil e militar e do dogma religioso — para conter o pensamento humano no dique de ferro das mediocracias organizadas legalmente.

*
**

Nós, idealistas livres, os individualistas forjadores do porvir, nós — fóra da lei — temos por dever abrir uma brécha na mentalidade dos que começam a despertar para compreender o sentido profundo da vida, para penetrar, dissecar os crimes politicos e religiosos de lesa-felicidade humana.

Por isso, repetimos sem cessar.

Semearmos ao vento, não importa aonde, toda a har-

monia interior dos sonhadores e apóstolos do individualismo e da solidariedade humana — para quem tiver olhos para vê e ouvidos para entender.

Não é digno da humanidade, não é bem um sêr humano o individuo que explora outro individuo, a criatura que se intitula industrial de assalariados, o que se impõe á força, o que governa, o que legisla.

E' justamente porque os homens se empenham em desprezitar as Leis Bio-Cosmicas, as Leis Naturais, que teimam em escrever as suas leis mesquinhas, de pigmeus enamorados de si mesmos.

E, em vez do Amor, a Lei Maxima, preferem o odio, a guerra, a concorrência, a gloria efemera do poder, da riqueza, da autoridade ou dos prazeres sadicos.

Quanta fealdade os homens criaram para matar a beleza interior!

*
**

Nada de feminismo. Não pertencer a nenhum partido, não pontificar nem servir em nenhuma grei, não exercer nenhum apostolado religioso, politico ou social, não ruminar em nenhum rebanho academico ou moraliteista, não beber a agua da vida de nenhuma seita filosofica ou escola scientifica, filologica ou estilizada, classica ou modernista.

Livre de quaesquer muletas. Livre de todas as igrejias.

Catequese? Que mal fizeram os indios para os perseguirmos com a nossa mania de "realizados" a converter

aos outros, encurralar, civilizar — corrompendo-os á “pinga” e á tuberculose?

Batalhão feminino? Competições atleticas? Feminismo de punho firme? Dragonas de carabineiros? Policia feminina?

O heroismo de Anita Garibaldi só me interessa porque é o heroismo por Amor, mas, sem paradoxo — é a negação do Amor.

Amor pelas armas?

Liberdade imposta pela força armada?

Decididamente tem razão quem disse: o homem em partido é parte de homem...

O fato da mulher ingressar na policia é qualquer cousa de execravel, ainda mesmo que se rotule essa atitude policial com todos os atributos de filantropia e assistencia ou solidariedade.

E' a sociedade burguesa organizada para explorar a intuição e a astucia milenar da mulher, pondo-a a serviço da espionagem e da delação, a serviço de toda a barbaria civilizada.

A sociedade é a fatalidade inexoravel da limitação aos direitos individuais.

Em todos os tempos, os partidos da “população de cima” oprimiram “a população de baixo”.

Invertam-se os papeis e tudo volta ao ponto de partida.

Em todos os seculos, liberais e conservadores, demagogos, socialistas ou aristocratas, oligarquias, plutocracias ou imperios, reinos ou republicas, deem o nome que mais aprouvé — ou pelo direito da força ou pela força

do direito das suas leis, sempre o homem procurou galgar posições — para pisar aos de baixo, para alimentar o seu orgulho ou para vingar-se ou para dar ampla satisfação aos instintos ferozes, mandar, exigir, tyrannizar, para se fazer servir pela covardia do rebanho social, domesticado através das tradições, da rotina, da educação, dos preconceitos, da imbecilidade humana.

Sempre houve castas dominantes e castas domesticadas, senhores e escravos, despotas e vassallos, exploradores e explorados.

E' a fatalidade social. E não ha para quem apelar. E' a autoridade dentro da natureza humana.

A imbecilidade servil do genero humano vae ao infinito e os “superelefantes nitzschenianos” da vontade de dominio tiveram e terão, em todos os tempos, a sua *claque* e o seu exercito, a sua policia secreta e os seus vassallos submissos e a sua imprensa de prostituidos e os seus lacaios devotadissimos — pensadores de rebanho, sacerdotes, poetas e cientistas e moraliteistas e filosofos repetidores, acarneirados na vassalagem reacionaria, curvados reverentemente ante os Cesares do poder ou ante os reis do aço ou reis do ouro, do petroleo ou das armas de guerra.

Descobriu-se agora que o seculo XX é o seculo da mulher. O homem se apercebe que sua companheira não deu tudo quanto póde dar. E' mais uma fonte de energia a ser explorada.

Descoberta preciosissima.

As inumeras necessidades lançadas na vida pela civilização industrial, atiraram tambem a mulher ao bal-

ção do trabalho absorvente. Uma escravidão — a do lar e da maternidade imposta veio juntar-se a outra escravidão — á do salario.

Novas formidaveis lutas — a luta de competição entre os sexos — sob o ponto de vista economico e social.

E a eterna tutelada, duas vezes escravizada, em nome da reivindicação dos seus direitos, em nome da emancipação feminina, em nome de tantas bandeiras, de tantos idolos — patria, lar, sociedade, religião, moral, bons costumes, direitos civís e politicos, feminismo, comunismo, fascismo e tudo mais acabado em ismo, revoluções e barricadas — continúa a mesma escrava, instrumento manejado habilmente pelo homem, para fins sectaristas, doministas, economicos, religiosos, politicos ou sociais.

A mulher não percebeu ainda e tão cedo não perceberá mais esse truque dos prestidigitadores da civilização unisexual.

Os comunistas estimulam a mulher a trabalhar pelo advento da ditadura proletaria da Mãe Russia, em todo o orbe. São os escultores de montanhas... A solução aí está: fóra, não ha salvação...

Os anarquistas da violencia revolucionaria querem-na com eles a sonhar barricadas e a gritar nas praças publicas como em casa: — Viva a revolução! Abaixo a burguesia!

Os "*l'en dehors*" querem-na no amor "organizado" como cooperativa de produto de consumo da camaradagem amorosa...

Dentre todos, com rotulos os mais variados, conhe-

ço-os que não se interessam senão pela sua propria liberdade e pelo advento do seu partido, sem a menor preocupação pela mulher, desconhecendo totalmente os seus direitos e as suas necessidades. São libertarios e a sua familia legal é burguesissima.

Trabalhistas, sindicalistas, padres de quaesquer religiões, sacerdotes revolucionarios ou clericais, socialistas, demagogos e feministas, a imprensa chamada livre, os partidos politicos, os adeptos do feminismo caridoso, tudo, absolutamente tudo procura abafar a verdadeira necessidade interior da mulher. Todos sufocam as suas mais altas aspirações no cáos das competições de partidos ou do progresso material absorvente, na atividade louca da vida moderna — para esta civilização do castismo da carne e das consciencias.

E a eterna tutelada supõe reivindicar os seus direitos, supõe cuidar da sua emancipação, sente-se cada vez mais cheia de responsabilidades e o seu desespero, a sua irritabilidade, o seu desalento crescem á medida que as illusões se esborôam.

E até hoje, qual foi o partido ou programa que apresentou a solução para o problema da felicidade feminina?

Quem se lembrou de libertar a mulher?

E' a mesma irresponsavel, assassinada em cada canto por todos os defensores do idolo da honra. E os homens mais liberaís, os que pregam a emancipação e a liberdade para as mulheres... dos outros — são os meamos trogloditas quando as suas mulheres resolvem pôr em pratica as suas teorias libertarias.

Em realidade, em vez de se emancipar com a civilização e a emancipação economica, a mulher se está escravizando sob outros multiplos aspectos. Desperta energias para defender velharias e enovelar-se dentro da rotina, das tradições, dos prejuizos e da reacção conservadora ou do sectarismo revolucionario dos partidos.

Ao despertar, é logo vacinada com o sôro do passado fossilizado no subconciente coletivo ou vacinada com o sôro moderno dos idolos nòvos colocados nos nichos antigos e com nomes mais pompòsos e adaptados ás condições da sociedade actual.

E a mulher se torna incapaz de um surto mais alto para escalar ideais que se não agarrem a muletas.

Batisem os idolos com nomes nòvos ou com programas demolidores — é sempre a mesma cousa.

A mulher é instrumento do passado, está a serviço da luta sangrenta, luta sem tréguas que os homens — canibais da civilização material e das ambições desmedidas, sustentam através da vaidade louca de vencer dentro do "seu" partido, no meio do "seu" rebanho, para dominar, para ser o senhor de escravos ou mestre de seitas e discipulos, de explorados ou de domesticados.

Descobrindo a mulher, o homem ou melhor a sociedade se convenceu de que sua descoberta lhe vae render muitissimo. E se fez caften e proxeneta e gigoló e proprietario: ou explora a carne feminina ou explora o trabalho feminino ou explora a sensibilidade feminina ou explora a inteligencia e a astucia feminina. Nada escapa.

E tudo é prostituição, dentro ou fóra do casamento.

Aluguel por toda vida a um só ou aluguel a diversos e por tempo determinado. Aluguel do corpo, aluguel do trabalho, aluguel da razão.

A mulher vive "a serviço" do castismo social.

E a mulher torna-se cúmplice de outras tiranias, é acuada para outra especie de domesticidade — o servilismo a outros dogmas, aos dogmas dos partidos, das seitas, do patriotismo, do punho firme nas competições atleticas, da piedade sob a forma de religião ou caridade.

E' explorada a sua sensibilidade no crime dos evangelhos novos dos novos partidos ou nos exercitos da Cruz Vermelha — a mais feroz das armas de guerra... e é ainda explorada na luta fantastica da concurrencia industrial — sob os mais variados aspectos.

E a mentalidade da maioria continúa sendo a das meias de seda, dos divorcios de cinema, das marcas de automovel, dos ultimos figurinos, de Paul Bourget ou do Pe. Coulet.

Vivem a vida moderna, mas, o pensamento é medieval.

E sob o pretexto de reivindicações feministas, a sua razão se fecha mais uma vez, e a mulher se afasta positivamente do verdadeiro problema — o problema humano, o direito á vida como animal na escala zoologica, a reivindicação individual de si mesma, o direito a ser dona do proprio corpo, da sua vontade, dos seus desejos, da expansão — para viver a vida em toda a plenitude das suas possibilidades latentes, para aprender a ser livre e a libertar-se das proprias cadeias dos instintos inferiores e absorventes, fossilizados no subconciente, para subir aos

anseios de ser algo mais que instrumento de volupia e de exploração, para escalar um degráu mais alto de individualidade — através da liberdade de viver pelo proprio coração e de pensar pela propria mente.

Enquanto a mulher se deixar levar pelos outros, pela ingenuidade ou pela malícia dos partidos, dos programas, dos votos, das caridades, dos deveres — ídolos, do lar, da sociedade, dos privilegios, convenções: — patria, familia, religião, o “que poderão dizer?” — será a eterna explorada pela fatalidade social, pela imbecilidade humana, pelo castismo moraliteista da familia e da legalidade.

E’ o problema de Ibsen, de *Nora*, em “A Casa de Boneca”. E’ o problema hanryneriano do individualismo neo-estoico, é o individualismo da “vontade de harmonia” interior, a realização subjectiva.

A mulher tem pressa em dedicar-se.

Mas, só pode repartir quem tem as mãos a transbordar.

E só devo dar, quando tenho o conhecimento e a certeza interior de que o que dou não vae prejudicar ao meu semelhante.

E como é vago, indefinido e incompleto o meu conhecimento a esse respeito!

Só poderei semear, quando colhêr de mim mesma.

Tenho de me conhecer primeiro, tenho de me realizar, e só muito depois aprenderei a amar e poderei colhêr para semear...

Cometo o mais inconciente dos crimes, si alimento aos outros com o alimento indigesto que me fizeram en-

gular á força, sem mastigar, através da rotina e da educação. Esse alimento póde denominar-se: patriotismo, religião, deveres, familia, sociedade, privilegios, caridade, educação, convenções, moral. Quantos ídolos perpetraram os crimes de lesa-felicidade humana, de lesa-liberdade individual!

Como estamos longe de nós mesmos!

Duplamente escrava: tutelada milenar do homem, instrumento de volupia ou exploração, serva dos ídolos da honra, dos partidos, dos programas — é a rainha do lar é a deusa é a santa é o anjo redentor de todo o genero humano — na linguagem a Julio Dantas — o velho almofadinha dessa literatura que envenena e corrompe e deteriora e adormece e mata as energias latentes e a intuição delicada da verdadeira natureza feminina.

A POLITICA

A pantomima politica de todos os arlequins da cipoeragem official, com as dadivas retumbantes da demagogia da Liberdade! Igualdade! Fraternidade! Ordem e Progresso! Democracia! Direitos do Povo! e tantos ídolos que fazem a delicia da oratoria parlamentar, que constituem a “chapa” official da literatura patriotica, a cornucopia das mensagens e das plataformas — a pantomima politica talvez me divertisse, si não custasse o sacrificio inutil do apostolado ingenuo dos Tiradentes, si não custasse o preço da escravidão de todo o genero humano.

O Parlamento é uma das muitas cousas falidas ainda mesmo dentro da organização social burguesa-capitalista.

Mussolini applicou-lhe o ultimo ponta-pé, tripudiando por sobre o cadaver da Deusa Liberdade — na expressão alti-sonante do Duce-Jupiteriano.

A politica é uma arlequinada gaiata.

Circo de cavalinhos a ser substituido por um “guignol” mais interessante.

Parodiando Socrates, todo individuo ao penetrar os portais da politica, torna-se verdadeiramente cidadão e conduz o cadaver do homem . . .

Nem carater, nem sentimentos. Ou salta fóra ou perde a espinha dorsal.

A politica prostitue a alma até as visceras de todas as forças latentes do ser humano. O homem verdadeiramente politico ou diplomata — culmina em a fantochada mussolinesca, reivindicando o primeiro lugar no “record” das traições, renegando todas as ideias, após defende-las na demagogia truanesca dos que sobem á custa da imbecilidade humana, executando cabriologens no trampolim governamental.

A mim me não interessam as leis dos homens. Só reconheço as leis não escritas, as leis naturais, as leis biologicas, as leis bio-cosmicas.

Colóco o voto num ponto de vista insignificantissimo para me interessar por ele.

Si até Marco Aurelio se prostituiu na politica, si se deixou arrastar pela infamia de governar os outros — fazendo a guerra, legislando, sancionando as leis peque-

ninas dos homens, defendendo interesses pessoais dos seus subditos, vassallos e aulicos e perseguindo e martirisando outros homens, porque, exclusivamente porque nasceram fóra das fronteiras do seu país; si Marco Aurelio se esqueceu das Leis não escritas senão na nossa consciencia — quando essa consciencia não é amassada na legalidade . . . ; si o filosofo esqueceu das Leis Naturais a ponto de ter vergonha de si mesmo, da degradação, do aviltamento do seu carater, tanto que chegou a escrever: “O’ mórte, não tardes mais a vir, tenho medo que eu chegue, tambem eu a me esquecer!”; — si Marco Aurelio brincava de filosofo nas horas vagas (Han Ryner — “As Aparições de Ahasverus”) depois de ordenar e dirigir a caça aos Sarmatas (brinquedo de politico . . .) — que será dos nossos lycurguinhos? . . .

Marco Aurelio não acreditava nem mesmo na Republica de Platão: estava convencido de que consentir em governar aos outros é a renuncia a conhecer-se, é a renuncia á realização interior.

Reinar no mundo é escravizar-se ao mundo.

Si Platão se prostituiu nas “Leis”, ameaçando, castigando, continuando a exploração do homem pelo homem, os privilegios e as baixezas de mandar e obedecer — que especie de governos podemos sonhar, depois da “Republica” de Platão e do Imperio do Antonino?

E esses são os governos das “élites” filosoficas, governos dos escolhidos, dos “superiores”, das exceções, os modelos sonhados pelos idealistas sinceros e ingenuos, crentes de que o cidadão pôde ser um homem e o governo pôde ser exercido sem que governantes e subditos se

prostituíam, simultaneamente, como senhores e escravos, legisladores e cadáveres.

Sepultemos de vez, pelo menos nós outros, os individualistas da "vontade de harmonia", sepultemos as "verdades mortas", as convenções fossilizadas da sociedade moraliteista e filistéa.

A POLITICA ME NÃO INTERESSA

O voto? — Nem secreto, nem masculino, nem feminino.

O voto secreto? — A confissão publica da covardia, a confissão publica da incapacidade de ostentar a espinha dorsal em linha reta, a confissão publica do servilismo e da fidelidade aviltante de uns, do dominismo das mediocracias legalmente organizadas.

Democracia? — Ferrero a definiu: "este animal cujo ventre é imenso e a cabeça insignificante"...

O voto não é necessidade natural da especie humana: é uma das armas do vampirismo social. Si tivéssemos os olhos abertos, chegaríamos a compreender que o rebanho humano vive a balar a sua inconsciencia, aplaudindo á minoria parasitaria que inventou e representa a "tournée" da teatralidade dos governos, da politica, da força armada, da burocracia de afilhados — para complicar a vida cegando aos incautos, afim de explorar a todo o genero humano em proveito de interesses mascarados nos idolos do patriotismo, das bandeiras, da defesa sagrada dos nacionalismos e das fronteiras, da honra e da dignidade dos povos...

Depois, a rotina, a tradição, a escola, o patriotismo cultivado, carinhosamente, para que a carneirada louve, em unisono, o cutêlo bem afiado dos senhores. A religião, a familia se encarrega do que falta para desfibrar o individuo.

O voto, a legislação interesseira e mesquinha dos páis da Patria, Paramentos, Senados, Consulados, Ditaduras, Imperios, Reinos, Republicas, Exercitos, Embaixadas, Liga da Nações, Paz armada, Alexandre, Cesares, Mussolini — "escultores de montanhas", simbolos da cegueira do rebanho humano, idolos que se substituem e se equivalem, brinquedos perversos de crianças grandes, sonhos transformados em "verdades mortas", infancia, atavismo de paranoicos...

A politica é um trapezio.

Direitos do povo, sufragio universal... palavras. Dentro do demagogo ha uma alma de tirano. Caída a mascara que atráe o rebanho humano, o ditador salta no picadeiro da politica, as duas mãos ocupadas: em uma, o "manganelo"; na outra, o oleo de ricino...

Tem razão Aristoteles: "O meio de chegar á tirania é ganhar a confiança da multidão: o tirano começa sempre por ser demagogo. Assim fizeram Pisistrato em Athenas, Téagene em Mégara, Denys em Syracusa."

Assim fez Mussolini.

Quando um Ruy Barbosa, por exemplo, falava tão alto contra os nobres páis da patria, é porque tinha na alma o despeito louco de não ter sido elevado ao pico maximo da vontade de poder.

Em politica, age-se de modo inverso: os tribunos de-

magogos adulam o povo, elogiam a soberania do povo, proclamam os direitos do povo, prometem a felicidade do povo e sobem, empurrados pela embriaguez nacionalista e pelo servilismo e docilidade do povo, mas, representado pela "população de cima"...

Quem quizer subir aos picos da vontade de poder, não procura as vozes desassombradas e nem toma decisões sem ouvir a direção do seu partido. Obedecer é a escola de quem quer mandar.

O politico é um acrobata e, para alguém ser acrobata tem de principiar cedo a deslocar todas as juntas...

O politico quando sóbe ás culminancias da gloria e do poder, já se dobrou tanto, já se curvou, já se humilhou, já fez de tal modo o corpo em arco e a alma em cameleão que é capaz de identificar-se com o molusco.

Como deve ser difícil engulir a liberdade de opinião, a liberdade de consciencia, a liberdade da imprensa, a coragem de proclamar alto as convicções — si fazemos parte de um partido definido, com declaração de principios e afirmações categoricas e ação metodicamente organizada para derrubar partidos contrarios ou dogmas religiosos que veem ferir os nossos dogmas e pôr diques á nossa desenvoltura apostolica!...

Quando a imprensa é só louvor aos "eleitos" de cada partido politico; si ninguem quer ouvir senão o que interessa aos seus planos e aos projetos e decisões do seu partido; si todos se preocupam com o cidadão e desprezam o homem livre, si se trata de ser sempre contra alguém, para subir, para vencer, custe o que custar; si obedecemos á lei em prejuizo da consciencia; si fechamos

os olhos para não vêr e nos servimos da logica como instrumento para abafar as vozes sinceras; si semeamos o odio e as ambições, nas farças patrioticas dos nacionalismos de partidos a se degladiarem pelo osso da vontade de poder, pelo osso do dominismo e da gloria politica — abrimos alas a uma ditadura mussolinesca com todas as arlequinadas do "manganello", batuta da orquestração paranoica do atavismo elevado á altura de genio, e que ha de representar, condignamente a dignidade de Consul, como aquele cavalo celebre...

Tambem nós, insensivelmente, pouco a pouco, preparamos o ambiente para que surja, neste país, um capataz, rebenque em punho, para gaudio dos acrobatas moluscos das democracias de demagogos.

Somos uma nação de leis.

E Socrates já dizia: "é a lei que corrompe os homens. Quem quer que aconselhe: "Obedeça á lei" — é corruptor aos olhos do filosofo. Mas, quem quer que aconselhe: "Obedeça á tua consciencia" — é corruptor aos olhos do povo e dos magistrados". (Han Ryner— "Les véritables entretiens de Socrate".)

E, a proposito da liberdade da imprensa, lembremo-nos ainda de Socrates: "Parece-me bem insignificante a coragem que acha temiveis certas verdades."

Que será preciso para ser politico ou servir a amigos politicos?

— Ouvir, observar, acatar, obedecer, curvar-se ante os paredros da politica, louvar ao povo, cantar a soberania do povo, prometer liberdades e... fazer ginastica.

Cada um de nós só tem o direito de governar a si mesmo.

Ninguém pôde exigir da consciencia de outrem.

Os homens se esqueceram da propria realização interior — para cuidar de todas as necessidades perfeitamente desnecessarias, criadas pela avidez do progresso material, do gozo, do luxo, da ociosidade, criadas pela cupidez do capitalismo absorvente e pela perversidade inominavel do industrialismo de tudo, inclusive das consciencias, — organização social de castens e de vampiros do sentimento humano, mantida pela politica, pelo capital, pelas religiões dominantes, que separam os humanos em vez de os unir, e pela força armada — escola de chacina para formar almas de canibais condecorados.

Cada um de nós tem o seu governo interior: tudo o que vem de fóra, não constituindo uma nota de beleza, de harmonia vibrando em unisono com a nossa harmonia — é violencia que gera a violencia, é odio que gera o odio. Mandar, como obedecer, é covardia: degrada, avilta, imbeciliza o genero humano.

A MULHER NA POLITICA?

Acho que a mulher tem o direito de fazer até mesmo todas as asneiras praticadas pelo homem. Questão de temperamento, de instinto, de desejo, de vontade, variando de individuo para individuo. Que cada qual siga a sua linha de evolução, e nada temos com isso.

Si eles votam, tambem ela pôde votar, Si se embria-

gam, si se envenenam e á próle, com morfina ou cocaína, si se prostituem na politica — por que motivo procuram impedir que a virtuosissima esposa se divirta com adulterios "chics" ou com vicios elegantes como a politica, por exemplo?

Mas, a entrada da mulher na politica é a ostentação publica da prostituição politica universal.

Não basta o homem o confessar publicamente. E' preciso que tambem a mulher salte no picadeiro da politica.

Aliás, quem dirige e regula os cordeis dos fantoches do Estado e da diplomacia?

"L'Etat c'est moi?" — Não. O Estado é Mme. de Maintenon, é Cleopatra, é Nitocris, é Messalina, é Agripina, é Popéa Sabina, são as Borgia, é Ana da Austria, é Du Barry, é Maria Antonieta, é Rasputine escondido por trás da tsarina, é Diana de Poitiers...

Não é preciso respigar nas cronicas da historia universal elegante: os nomes saltam da pena, indistintos, apanhados ao acaso, em todos os seculos, provando duas cousas ao mesmo tempo: a mulher, por trás dos reposteiros palacianos, representa papel importante, quasi absoluto, no cenario da politica.

Si avivarmos a memoria chegaremos a descobrir o motivo pelo qual Deodoro, monarquista, proclamou a republica...

O governo Hermes da Fonseca é bem recente.

E a Marquesa de Santos?...

E a influencia do clero na chamada "Republica Nôva"? — velhissima como a Sé...

A segunda conclusão: quando a mulher sóbe ao poder, apaixonada, emotiva, inconciente, despota, autoritaria, serve, exclusivamente, aos seus interesses ferozmente egoistas e vingativos, ou serve aos interesses da religião exclusivista e do clero astuto e absorvente.

Quando o escravo assume o papel de senhor, não perde a oportunidade de retribuir, indistintamente, as injurias recebidas através de todos os milénios de servilismo e humilhações.

E os seculos em que as Rambouillet da politica e da literatura deslumbram os salões e os amores elegantes, são os seculos em que o carater dos homens publicos e dos intellectuais desceu á mais deploravel degradação.

Outro aspecto do problema e quiçá o mais importante é o antagonismo que a politica vae criar entre os dois sexos, são as lutas de competição, é a discordia, a inveja, é toda essa onda de odio e de rivalidade, já de si tão grande, essa fatalidade aumentada com a civilização e que faz impossivel o entendimento entre o homem e a mulher — duas raças sociais que se querem e se afastam dia a dia, incompreendidas simultaneamente, que se buscam e se desiludem, num desentendimento crescente, multiplicado pelas tão decantadas vantagens do progresso material.

Não é possivel a harmonia entre os dois companheiros, dentro desse abalroamento, desse desequilibrio em que ninguem se entende mais e os interesses economicos atiram um osso entre o homem e a mulher.

Esse osso póde chamar-se pão de cada dia ou a glo-

ria academica ou a autoridade na politica ou o prestigio mundano.

E' sempre o osso de Epicteto...

*
**

Quando os juizes negam o direito de voto á mulher falam do alto das suas credenciais, aptos para julgar — decretando uma norma de ação para toda a metade feminina do genero humano, decretando principios pelos quais a metade masculina ha de colocar no respectivo lugar a mulher, si tentar sair das normas de conduta a ela impostas pelo seu superior e proprietario, através da força e da lei.

E quando um juiz fala com a sua autoridade de civilizado cristão, nem mesmo Cristo, manso e humilde de coração, aquele Cristo doce e generoso que ia escrevendo na areia o "Não julgueis", nem mesmo a sabedoria amorosa do Cristo seria ouvida.

O ponto de vista dos juizes nada tem que vêr com o meu ponto de vista...

Mas, estou com os juizes na interpretação historica da tal "lei magna".

A palavra "cidadão" foi empregada apenas no sentido masculino. Conheço os debates. Li discursos e apartes e pareceres.

Pedro Americo e outros muitos, foram contra. Costa Machado, o grande Costa Machado, de quem nem uma só feminista se lembra, foi a favor do voto e dos direitos civis e politicos da mulher. A sua bela e nobre

inteligencia vibrava defendendo a emancipação feminina.

Pedro Americo e os seus companheiros ficaram ainda na defesa do "altar" e da rainha do lar, deusa e santa...

Ruminaram a chapa feita.

Costa Machado (como lamento não ter em mãos os seus discursos notáveis) foi a figura mais alta, de maior relêvo no meio da mentalidade rotineira dos Pedro Americo e dos outros.

Venceram os defensores e protetores da mulher no recesso do lar sagrado. E esse recesso, hoje, leva "virtuosíssimas" esposas até os "rendez-vous" das casas de tolerancia. Mas, a força da chapa ainda predomina. E tudo continúa sendo lar...

O que é certo é que, dentro da lei, a palavra "cidadão" designa homens.

A mulher é também "cidadão", porem, para pagar impostos, enviar os filhos a servirem de bucha para as guelias vorazes do industrialismo nas fabricas ou nas guerras comerciais, ir á cadeia, responder por crimes politicos, responder a juri, ser perseguida e acompanhada pelos agentes da policia secreta, morrer na cadeira electrica, ser fuzilada ou expatriada.

Todos os deveres do "cidadão", nenhum direito de cidadania.

Aliás, o confessa um desses juizes, o Dr. Esaú de Moraes, em São Paulo:

"Nem outra podia ser a interpretação, dadas as tradições do nosso Direito, segundo as quaes a mulher, na

ordem politica não pode ter mais direito que na ordem civil." E, "si a mulher está mesmo, na ordem civil, sujeita a restrições nos seus direitos, quando, por exemplo, sob o poder marital, como admitti-la no exercicio dos direitos politicos?"

Tem razão o juiz e foi leal na sua conclusão. Está certissimo.

As mulheres é que não souberam ainda encontrar a saída. Apelar para o voto? O resultado é esse.

A sua reivindicação verdadeira é outra. A expressão "poder marital" é bem clara...

Não seria mais logico procurar livrar-se do "poder marital"?

Não seria mais logico e natural ficar fóra da lei?

Não seria mais justo, mais proximo do conceito biologico -- reivindicar o direito de ser dona do proprio corpo?

O Dr. Esaú de Moraes, como todos os juizes defensores da moral social, quer a mulher no recesso sagrado da santidade do lar, nessa difficilima, porem, gloriosa tarefa... Está dentro do circulo estreito de sua majestade a tradição, dentro do horizonte fechado do Moloc da Rotina.

Sem isso, não seria verdadeiramente um juiz.

A missão da mulher é fabricar a carne para os canhões vorazes do capitalismo. E depois, na escola, domesticar, fazer cidadãos respeitadores das leis e das autoridades constituídas, organizar os bandos servís dos "badalos" e dos "cravos vermelhos", tirar a espinha dorsal dos futuros politicos, louvar a religião dominante e as

patrias e os legisladores representados nos mais altos estadistas das nações ditas civilizadas: Mussolini, Poincaré — todo o cordão da “fuzarca” politica dominante.

Digna missão!

A mulher não pode passar de disco de gramofone da Rotina e da Tradição, no “guignol” desta comedia burlesca da Patria e da Civilização...

E' preciso que ela se macúle no meio das paixões politicas, que não veja essa cabriolagem, que não saiba, não raciocine — afim de continuar a ser explorada pela organização da “ordem” e das leis, ólhos vendados, a servir de instrumento reacionario manejado pelo vampirismo politico e religioso, pela tirania social.

A FAMÍLIA

A “missão social” da mulher, o seu servilismo de domesticada, a sua fidelidade de escrava, leva-a a sujeitar-se inconcientemente ás leis, a baixar a cabeça á superioridade masculina “incontestavel” sob todos os aspectos, a cultivar a propria ignorancia, a fazer filhos até se exgotar e a entrega-los estupidamente á Patria que, por sua vez, os dará ás guelas dos canhões — para abarrotar os cofres fortes de todos os Cesares do poder e do dollar.

Leva-a a sujeitar-se ao marido — “cabeça do casal”, porque a mulher só deve ter cabeça de gramofone.

Direitos?

Deveres apenas e nem pode merecer mais nada como “rainha e deusa e santa do lar sagrado”.

Outra chapa da Rotina, o anacronismo do despacho notavel dos juizes, representados nas expressões do Dr. Esaú de Moraes (São Paulo):

“A familia é a celula “mater” da sociedade, o alicerce onde se firma o edificio social, e, para que este se conserve em toda a sua integridade moral e civica, mesmo material, e não se despedace em fragmentos deleterios, é preciso, essencial, que o alicerce se conserve em solidez impecavel, para o que a mulher sempre foi e é, nos nossos costumes, a operaria bemdita e diligente, aquela que, pela sua superioridade de afetos e de virtude, sempre teve e ainda tem, na organização da familia e da sociedade, grande e benefica influencia.”

Dizer que a familia é a celula “mater” da sociedade é desconhecer em absoluto a pœehistoria e a historia da civilização. E' uma “chapa” com a qual nos habituámos, repetindo-a sem raciocinio.

A sociedade sempre existiu. E a instituição da familia, tal como a vivemos, é recentissima.

A familia é a defesa legal da propriedade privada.

A familia, verdadeiramente familia, é produto da legislação greco-romana: e as sociedades não nasceram de Roma ou da Grecia.

Um pouco de antropologia da pre-historia com as suas clans e grei e costumes de poligamia ou polian-dria, um pouco de historia da civilização, algo de Freud, de Letourneau, Collajani, Finot, Virchow, Tarde, Havelock Ellis, Forel, Guyot, Bebel, Coulanges, Novicow, (para que mais citar?) ensinará que foi a sociedade quem criou a familia, que a familia é instituição social, que a

sociedade existiu e existirá sem família e que a instituição da família modifica-se, transforma-se, evoluciona dentro das sociedades, e que a família moderna é um produto da rapinagem romana a qual legislava para defender os seus saques; que a sacratissima instituição já deu em dróga e que a dissolução dos costumes é um produto da família, assim como a prostituição é a defesa da família e, finalmente, essa família, baseada no interesse economico, será substituída pela união dos seres ligados pelo Amor, ou, simplesmente, ligados pelos laços de afeto ou simpatia reciproca.

Queira ou não queira a Rotina, as sociedades criaram, transformaram e transformarão a instituição da família, de acôrdo com as necessidades do momento, de acôrdo com a evolução mental dos povos.

A evolução das ideias-forças nas sociedades é a pedra que róla. A Rotina será esmagada, ainda que seja substituída por outra Rotina...

Mas, de cada vez, um passo á frente.

Liberdades conquistadas não se perdem mais, sinão para aqueles que não a mereciam ainda, os quaes a ganharam por esforços de outros, sem as haver conquistado por si mesmos.

Esta família legal é entrave á evolução.

O casamento é contrato no qual uma das partes é lesada, é enganada, é ludibriada (ou ambas...) e no qual todas as testemunhas e até os juizes estão certissimos de estar lesando a parte fraca.

E desse contrato fraudulento resulta a família, cujos crimes inominaveis são as raizes da prostituição, do ce-

libato da mulher, do infanticidio, de vicios contra a natureza, de loucuras, de crimes passionais.

A ignorancia e o servilismo feminino são calculadamente cultivados afim de que seja defendida e protegida, por tal preço, a instituição da família.

A base da família é a escravidão feminina, é o preconceito criminoso da mulher, propriedade privada do homem.

Família quer dizer: servilismo, ignorancia, escravidão, exploração da mulher.

E é a isso que devemos defender, nós mesmas, as sacrificadas do grande harem social?

A monogamia indissolúvel, a família legal defensora da propriedade privada, defensora dos privilegios que constituem a nossa organização social de senhores e escravos, de exploradores e explorados é uma fraude, e, como tal, incompatível com os direitos individuais, incompatível com a evolução para uma liberdade mais ampla, para uma noção mais larga do respeito devido aos direitos do semelhante.

Chegámos á concusão de Tito Livio de Castro: "Si a constituição da família se baseia na ignorancia e escravidão, ela é incompatível com a evolução. Ou família ou civilização. ("A Mulher e a Sociogenia.")

Poderia ir mais longe, lembrando Ellen Key, Ibsen, Felix Le Dantec, tantos sociologos e antropologos, biologistas e pensadores contra a rotina, contra todas as "chapas" da malicia na exploração da mulher pelo homem.

E' quasi inutil repetir sempre.

Para que?

Os juizes, emparedados, impermeaveis, têm a sua missão fixada pela lei e pelos costumes, rígida, logica, a de servir de esteio da moral social, que sabe gritar a ple-nos pulmões: Liberdade! Igualdade! Fraternidade! e que, entretanto, tambem sabe fazer a partilha leonina...

E quando chegamos á conclusão de que a mulher ainda hoje está convencida de que o maximo problema huma-no é a caridade e de que só sabe mover-se em torno da caridade aviltante, quer seja religiosa ou mundana-social, quasi desanimamos de tentar o despertar do sêr femini-no para a visão mais larga de um horizonte mais amplo.

A CARIDADE HUMILHA, DESFIBRA A QUEM DA' E A QUEM RECEBE

Sentimos que a solução para os problemas humanos não é a caridade que sufóca todas as fibras interiores do que atira, ás fauces escancaradas da miseria, as sobras, o superfluo; a caridade que estrangúla todas as energias latentes daquele que estende as mãos para receber, servil-mente, o que sobra das orgias e da exploração dos que vivem á custa do trabalho alheio. Por si mesma, a mor-al, de què se alimenta a sociedade vigente, decreta a pro-pria falencia. Essa moral odiosa, de classes de ricos pie-dosos e de pobres a receberem esmolos, de exploradores caridosos e explorados calculadamente vigiados pela for-ça armada, mantenedora da passividade exterior e da re-volta latente dos ilótas modernos, essa moral farisaica, para os ricos aconselha a caridade, a distribuição osten-

tosa do superfluo adquirido á custa do suor proletario e para os pobres recomenda a resignação passiva, o receber, humildemente, as sobras que espirram, por acaso, das me-sas dos ricos e olhar ainda, agradecidos, para essas mãos orgulhosas que se divertem nas caridades exhibicionistas dos salões elegantes, tirando partido das miserias sociais para o seu prazer. Quando nóvas fórmulas de uma ética mais humana se apresentam para outra organização so-cial de mais equidade, — ainda a mulher está convenci-da de que a sua mais alta missão na vida é a caridade e só conhece a questão social através da caridade, mas, des-sa caridade de chás e tangos e requebros declamatorios nos salões...

Essa mesma mulher que reparte algumas somas pa-rra a construção de igrejas ou "creches" religiosas, explo-rra torpemente os criados, a cozinheira, a lavadeira, a cos-tureirinha contratada para trabalhar, em sua casa, horas e horas, sob o olhar impertinente da mundana ociosa, da criatura "virtuosissima" que, pelas colunas da impre-ssa, espalma as mãos dadivosas consolando os infelizes, os desprotegidos da sorte... aconselhando a resignação e a paciencia e o respeito e a consideração aos de cima, aos poderosos, cujo poder e cuja fortuna são graças de Deus...

Dá por um chapéu, por uma pluma, um lenço, um vestido de baile, um leque, uma sombrinha, uma joia, por qualquer fantasia, somas fabulosas, inacreditaveis, entretanto, exerce pressão vergonhosa sobre a sua borda-deira que lhe cobra uma miseria por qualquer trabalho feito com sacrificio inaudito, em horas triturantes de

agonia, á noite, depois de exausta do trabalho diario do "atelier" — no qual tambem já lhe tiraram gotas de sangue na amargura da exploração pelo salario quotidiano.

Sentimentalismo que faz chorar ante o "écran" do cinema, e, todavia, soluça em torno da elegancia caridosa, toda a miseria ciclopica da luta pela vida. E ela não vê, não quer ver o sofrimento da mulher proletaria, envelhecida precocemente, explorada milenar, calculadamente cultivada a sua ignorancia através do pão duro de cada dia, no trabalho exaustivo da fabrica, das oficinas, e no lidar domestico — servindo á ociosidade farta da alta sociedade ou dos bordeis dos vicios elegantes ou da prostituição de "alto bórdo".

A piedade das senhoras caridossa não vê, não sabe da luta dantesca de uma pobre moça do povo que resvala na miseria mais negra si não cae nos braços escancarados da prostituição "necessaria" nesta sociedade bestial e moraliteista.

A atividade da mulher elegante só sabe votar-se a essa caridade exhibicionista dos salões iluminados, do mundanismo religioso ou patriotico da caridade de rua: dia da violeta, da margarida, do miosotis, do cravo vermelho... onde ostenta a sua beleza ou sentimentos problematicos de assistencia social ou de bondade estudada ao espelho.

A mulher é vaidosa e comodista e os psicologos femininos, preocupados em agradar, em fazer psicologia de "boudoir" — não perscrutam, não querem ver a falsidade dos altos sentimentos caridosos do mundanismo elegante.

É a farça que alimenta as "notas sociais" dos diarios.

E a mulher prefere continuar a sofrer as consequencias do seu servilismo, da sua submissão a desenvolver o carater, as faculdades de iniciativa para lutar contando com as proprias energias.

Procura conservar o seu parasitismo dourado, indifferente aos males sociais: é odalisca e cortezã, mas, vae á Igreja, em horas "chics", rezar pelo proximo, e, dançando um passo moderno, exerce a caridade.

Como isso é odioso e perverso!

E a mulher, duplamente escravizada, não quiz compreender que é necessario, sim, alevantar o animo abatido do que luta, do que pensa succumbir aos embates da injustiça economico-social, dar-lhe meios de subsistencia pelo proprio esforço e fazer dele um individuo capaz de vêr as castas da civilização de fartos e famintos, de ociosos parasitas vivendo á custa do sacrificio alheio, civilização de protetores e protegidos, de lobos e cordeiros, em que vence o dinheiro, a hipocrisia, em que os mais altos sentimentos se confundem com as mais torpes baixezas, civilização de chibata e azorrague, de avariose e castismo, de excesso de ociosidade e excesso de miseria.

E tudo, inclusive principalmente a literatura, essa literatura nefasta de elogios, de louvores incondicionais, literatura odiosa endeusando a femea, literatura a Julio Dantas, tudo contribue para o cultivo sistematico da picuice de chilikues e requebros, do falso sentimento, do sentimentalismo para o publico.

E o raciocinio, por si obscurecido através da escravidão feminina secular, da tutela dos dogmas e da moda,

dos prejuízos e da rotina, fecha-se sob a chuva de galanteios, de frases feitas.

E a mulher se esquece de que tem mais alguma coisa além da carne, dos seus contornos perturbadores.

Deixa de ser mulher para ser apenas o animal do homem.

A grande miseria, a enorme dôr das injustiças sociais vive ao seu lado e a mulher desvia o olhar para poder divertir-se, gozar das suas regalias e do seu comodismo de "bibelot", de lulu n.º 1, prisioneira nas gaiolas douradas das Avenidas elegantes, sempre a mesma escrava, odalisca e cortezã.

A alma feminina jaz adormecida dentro dos trapos, das joias, das caixas de "bonbons" ou dos frascos de perfume, do imperio da moda — a eterna sultana deste haarem de civilizados que ainda compram, vendem, exploram, seduzem, abandonam, por imprestável, a mesma mulher cuja posse exclusiva constitue a sua preocupação unica.

E' deprimente a situação da mulher superior, neste meio de castismo social em que os homens não sabem olhar uma mulher senão despindo-a e desrespeitando-a.

E, para que enumerar essas associações atrasadas do feminismo de caridade?

Sem duvida é doloroso perscrutar as misérias dos famintos, da nudez, dos cortiços.

Mas, não se trata de esverrumar a causa da chaga sangrenta da miseria, mesmo no coração da opulencia, ao lado da ociosidade que se diverte clinicamente, depois de

atirar uns niqueis para os esfaimados, niqueis roubados ao trabalho arduo dos explorados do salario.

Ha apenas a preocupação de se jogar migalhas na boca escancarada da fome, talvez para que nos deixem em paz.

E, divertir-se á custa da dôr, da amargura, da fome, é insultar o sofrimento.

E a miseria está de tal modo humilhada, deprimida, que nem forças tem para devolver, orgulhosamente, os restos que se lhe atiram através dos esplendores dos salões elegantes, por entre as pontas dos dedos enluvados para que não volte um salpico das calçadas e enlamear-lhes as mãos dadivosas.

Não houvesse ociosos fartos, degenerados pelo tédio e pelos vícios elegantes, não houvesse a exploração do homem pelo homem, não houvesse a exploração da mulher pelo homem e da mulher proletaria pela mulher parasita, e certo não seria "necessaria" a caridade como não seria "necessaria" a prostituição, essa perversidade inominavel em nome da virtude.

A caridade é a "janela da consciencia" aberta para a exploração diurna e noturna do proletariado nas oficinas, nas fabricas, e do camponês, do colono na agricultura.

Para que a elegancia brilhe, para que triunfe o mundanismo, para que os "cabarêts" e os "casino chics" regorgitem de ociosos — é preciso que o colono, o camponio e o operario de ambos os sexos seja triturado, doado, esmagado nas oficinas, na lavoura, nas fabricas, dia

após dia, sem tréguas, sem nenhum direito a não ser o direito ao trabalho obrigatorio.

É a escravidão moderna do salario, — para matar a fome e cobrir a nudez dos filhos, tambem cedo destinados á exploração tórpe e miseravel do parasitismo social, incansavel na sua faina de acumular bens para os gozar á custa do suor exaustivo das maquinas de trabalho, dos animais de tiro, do proletariado mundial.

Devemos á superstição governamental, á superstição religiosa sectarista, á superstição patriótica, á superstição nacionalista, á superstição do progresso material, á ganancia de uns e ao servilismo da maioria — o predomínio desta civilização de duas classes sociais: a dos ricos e a dos pobres.

A humanidade custará a compreender que a vida social poderia desdobrar-se num ambiente de solidariedade, de auxilio mutuo, sem amos nem escravos, sem protetores e protegidos, sem representações parlamentares em mediocracias diplomadas...

Levará ainda tantos seculos a perceber que as religiões organizadas politica e economicamente não são senão instrumentos de exploração dos incautos, dos supersticiosos, dos ignorantes, dos desfibrados, dos sem coragem de convicções, dos ambiciosos, dos moluscos, dos que carecem de coluna vertebral.

Ninguem cresce na sua individualidade, através do intermediario, através da consciencia ou, talvez, da inconsciencia de outrem.

Não é demais repetir que a atual organização social baseia-se na ignorancia de uns, no servilismo da maioria,

na astucia de outros, no comodismo de muitos, na exploração dos espertos, na fidelidade dos "proxenetas" e "souteneurs" desse castismo do regime de concurrencia, em que tudo se compra e vende, inclusive o Pensamento, o Amor e a Conciencia — as mais altas manifestações do que é nobre e belo e grande, do que tumultúa na vibração interior da nossa vida profunda.

*
**

Outra forma de caridade se desenvolve entre nós: a proteção aos animais. Sem duvida olhamos com repugnancia a exploração e os máus tratos aos chamados irracionais. Entretanto, daí para se organizar hospitais e "crêche" para cães e gatos, caminhas com docéis e colchas de rendas e "lingeries" carissimas para cães policiaes ou lulú da Pomerania, daí para haver costureiros de cachorros e cemiterios e mausoleus, — a distancia é infinita.

Isso é aberração, é degenerencia sexual, inconsciente embóra.

Tenho uma amiga que me diz sempre: "elas têm razão... Os cães não falam... Para aquelas que os podem suportar na intimidade, para as anormais desse quilate — é ideal essa discreção."

Não vou tão longe, não julgo tão severamente a todas as protetoras de animais. Entretanto, no fundo do inconsciente feminino, é, talvez, uma valvula de escape...

E, a miseria campeia ao lado desses animais felizes,

vivendo principescamente. E, nos cortiços e nas mansardas, crianças morrem de frio e fome, de tuberculose e máus tratos, de degenerescencia fisica, de miseria fisiologica e de amargura e angustia por falta de amor.

Lembre-se

**ANARQUIA NÃO É
MERCADORIA!**

Danças das Idéias



**<http://anarkio.net/fenikso>
email: fenikso@anarkio.net**



**SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR -
COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,
NÃO DEIXE OS 'VALORES' TE MANIPULAR!**



2.^a PARTE

O IDOLO DA HONRA

DESGRAÇADA!

Leio nos jornais:

“Estava presa na delegacia do 2.º distrito, uma menor de 15 anos de idade e que era acusada da pratica de um pequeno furto.

O comissario ali de serviço levou-a para o quarto do delegado onde a desgraçou”.

Não compreendo mais nada.

Dentro das contradições da moral burguesa-capitalista tudo é um caos ou melhor: tudo é feito para o prazer bestial do mais forte.

Ha uma policia para manter a ordem e reprimir a desordem, para assegurar e garantir os bons costumes, reprimir o roubo e velar pelo bem estar social, e, entretanto, as cronicas policiais de todos os tempos nos mostram que é essa mesma policia, que é essa mesma força armada a causadora de violencias de toda especie e, ao mesmo tempo, a defensora, a salvaguarda da moral, dos bons costumes, da instituição sacro-santa da familia burguesa.

Nas guerras, nas revoluções, nos sitios, nas delegacias — o soldado ou o oficial viola mulheres e está de serviço para velar pela segurança publica.

A policia de costumes vigia, ferozmente, a prostituição barata e são os altos comissarios dos bons costumes os frequentadores assíduos dos "Cabarets", das casas de tolerancia, dos Casino e dos bordéis.

E', para eles, reservado o que ha de melhor . . .

Prendem, maltratam a pobre mulher que procura ganhar o pão nas calçadas, á custa de sacrificios inauditos, de humilhações ferozes dos clientes de toda especie, entretanto, a alta prostituição, a prostituição miseravel dos salões "chics" é cultivada carinhosamente para o prazer brutal dos coronéis da politica e da industria.

Prendem, maltratam, violam uma menina acusada de pequeno furto, uma menor irresponsavel, entretanto, estão a serviço dos homens de Estado, dos bandidos de casaca, ladrões do erario nacional, politicos profissionais em negociatas rendosas, a serviço do capital assassino de milhões de vitimas, sob todas as formas imaginaveis, — estendendo os mil braços de Briaréu insaciavel por aonde quer que respire uma criatura humana.

E' perseguida, todavia, "pour épater les bourgeois", já se vê; e perseguida ferozmente — a necessidade, a salvaguarda da castidade forçada, da inocencia (!) das "jeunes-filles", das "demoiselles" da alta e da pequena burguêsia petulante.

E' incrementada, é homenageada, por outro lado, a alta prostituição, a prostituição das marechaldas da elegancia, aquela que vive nababescamente, que exige roubos

fantasticos para a sua manutenção, que se presta a seduções de diplomatas — para a compra e venda de armas e munições de guerra dos grandes industriais da chacina — em nome do dever sagrado da defesa da Patria, adorada, idolatrada, salve! salve! . . .

E são essas mesmas damas elegantes, caridosas e piedosas as que organizam a proteção aos animais . . .

*
**

A prostituição é necessaria, declaram os sociologos burgueses; é a salvaguarda da familia e da sociedade. Mas, a moral e os bons costumes são constringidos a perseguir e a regulamentar a prostituição!

E, nos paises latinos, o culto ao himen, a himenolatria é causa de crimes barbaros, de tremendas injustiças, de sadismo moral, de desgraças incomensuraveis.

A himenolatria é a religião de maior numero de adeptos entre nós, o culto de mais ferozes sectarios.

Por causa de uma insignificante pelicula de carne que se rompe (e que ás vezes nunca existiu e que tende a desaparecer) a mulher ou é a grande dama, depois de casada, proceda como proceder, tendo o editor responsavel, ou é a que se "desgraçou" irremediavelmente, a que se destina á prostituição.

Quando chegará a mulher a compreender toda essa farça ignobil, toda a tragedia do seu sacrificio, quando sentirá que o seu corpo é sua propriedade e de mais ninguem e quando reivindicará o seu direito de sêr humano para ensinar a esses jornalistas idiotas que são eles os

desgraçados, porque nada perceberam da vida e do amor ao proximo; para ensinar aos commissarios da policia e dos bons costumes que um ato praticado, violentamente, contra quem quer que seja, só póde desgraçar a quem o pratica e o desgraça até o fundo da alma, si é que essa gente tem alma para sentir algo de nobre e generoso.

Desgraçada!

Por que desgraçada, si é uma vitima indefesa dessa miseravel ordem social de castens e proxenetas, de "allumeurs" e "parvenus", de ladrões e commissarios da policia e dos bons costumes?

Perdida!

Por que perdida, si a sua alma não foi conspurcada, si a sua consciencia encontrou um meio de conhecer melhor, de conhecer de perto as fealdades e as miserias das delegacias dos bons costumes e da gente honesta?

Porque perdida ou desgraçada, si o commissario agiu dentro dos principios da moral burguesa-capitalista, em que a mulher é apenas o instrumento de prazer bestial de todos os commissarios do ouro, da industria, do poder e dos bons costumes?

E essa menina não foi denunciada por uma dama da boa sociedade, como tendo praticado um pequeno furto?

E essa virtuosissima senhora, casta e pura e caridosa e piedosa não perceberia até aonde poderia levar o infortunio a essa pobre menina do povo?

E, si essa menina não passa de maquina de prazer ou instrumento de baixa volupia, si é mais um numero no quadro doloroso da prostituição das calçadas — para ali-

mentar parcamente esse corpo habituado á miseria, á nudez, aos máus tratos, e para saciar a fome brutal de clientes desgraçados, como esse commissario — por que razão é ela a perdida?

Quando chegaremos a compreender que nenhum ato, nenhum incidente ou acidente na vida nos perde — si a nossa consciencia se aviva através desse ato ou dessa atitude, si a nossa consciencia nos ilumina melhor as veredas interiores, si uma lagrima ou um sorriso nos ensina algo de mais profundo ou de mais doloroso?

Essa menina cresceu dentro de si mesma e uma revolta sagrada como fóco de luz inunda todo o seu sêr de sacrificada dentro de uma civilização de barbaros insaciáveis.

Desgraçada, não: iluminada pela dôr.

O commissario é que se desgraçou a si mesmo com o gesto brutal do seu instinto desregrado, com a sua perversidade inominavel, aproveitando-se dos direitos que essa miseravel moral farisaica concede ao seu sexo faminto de baixeza e á sua posição de autoridade despotica, a velar pelos bons costumes... Ou não chego a compreender cousa alguma, ou o desgraçado é o que abusou da fraqueza de uma criança.

SEDUZIDAS E DESHONRADAS

Multiplicam-se, assombrosamente, as noticias de suicidios diarios: moças seduzidas pelos namorados, com promessas de casamento.

Os jornais procuram fugir á responsabilidade, apontada no ruido com que tratam todos os pormenores, publicando cartas e noticiando os incidentes e particularidades das tragedias amorosas.

Mas, a imprensa é, realmente, a que cultiva e incita, a que maior culpa tem no crescendo desses atentados á propria vida.

Os jornais são feitos sob a rigidez perversa da moral burguêsa-capitalista e feitos, na sua maioria, pelos homens — bem instalados na vida sob o ponto de vista sexual — e, si ha mulheres nas redações, no jornalismo, pensam e agem tambem dentro da hipocrisia farisaica dessa moral fossilizada e pesada de crimes.

Pelo codigo desse moraliteismo, a mulher virgem que se entrega a um homem, nada mais tem que fazer senão o suicidio, si é abandonada.

Dentro desta moral, a joven está *deshonrada, perdida, desgraçada* e tem de carregar o peso de todos os atributos que procuram inutilizar para a vida uma criatura humana.

Nunca a perversidade dos seres ditos racionais foi mais longe do que na concepção estreita na qual a mulher (animal seguindo a mesma escala zoológica de todos os animais, com as mesmas necessidades fisiologicas e os mesmos direitos de individuos na multiplicação da especie e na liberdade sexual), nunca a maldade humana desceu tanto quando decretou que a mulher deve guardar a virgindade para entregá-la ao "esposo", em dia determinado previamente. Os páis, o escrivão de paz e o padre anunciam aos convidados que naquela noite o noivo vae

romper uma pelicula de carne do corpo de sua amada. E' o culto ao himen. A himenolatria dos cristãos civilizados.

Profundamente ridiculo.

E que de humilhações tem sofrido a mulher através desses costumes de canibais.

E aí daquela que se descuida do protocolo.

Si hoje não é lapidada, si não é enterrada viva como as vestais, si não é apedrejada até a morte, si não sofre os suplicios do poviléo fanatico de outros tempos, inventou-se o suicidio: é obrigada a desertar da vida por si mesma, porque a literatura, a imprensa, toda gente aponta-a com o dedo, vociferando o *desgraçada, perdida, deshonrada, deshonesto*, abrindo-lhe as portas da prostituição barata das calçadas. E a vitima é cercada pelo cortejo da miseria, da sifilis, dos bordéis, das humilhações, do hospital e da vala comum.

Miseravel moral de coroneis, de covardes, de cretininos.

E o homem cresce com as suas aventuras, adquire prestigio, fama, glorias até mesmo e principalmente entre o elemento feminino.

Dentro da concepção estreita e má dessa moral de tartufos o proxenetas, moral de senhores e escravos, o mesmo ato praticado por dois individuos de sexo diferente tem significação oposta: a mulher se degrada, torna-se imoral, está irremediavelmente perdida, si não encontra um homem para lhe dar o titulo de *esposa* perante a lei e as convenções sociais. E o homem é o mesmo, talvez

tendo adquirido mais prestígio, valor de estimação perante as próprias mulheres e será invejado pelos homens.

Essa moral nada difere da moral de algumas tribus primitivas que os etnógrafos de gabinete estudam com curiosidade e admiração, esquecendo-se de que nós, os civilizados, somos mais selvagens e tão primitivos quanto os mais primitivos dentre todos os selvagens

O que espanta é a atitude servil da mulher — a imbecilizada secular — a santa mente fechada para perceber a idiotice da moral cristã (em nome de Cristo quantas barbaridades se cometem!) a sua perversidade sempre que julga e condena outra mulher.

Não quer vêr o seu direito de animal na escala zoológica, o dever de ser dona do seu proprio corpo e senhora da sua razão, da liberdade de dirigir e governar os seus impulsos, como lhe aprouvér.

A educação, a rotina, a tradição, o confessionario se encarregam do que falta para fechar, num circulo de ferro, o cerebro da mulher, não deixá-lo raciocinar e perceber a tutela milenar que a tem submetida pelos preconceitos e dogmas religiosos — exclusivamente para o prazer bestial do sexo forte, que, por ser forte, é o mais bem aquinhoado na partilha do leão.

Mas, a mulher não se deixa lesar... O casamento é a porta aberta para o adultério. E ela mente, engana, atraiçoa. Serve-se da astucia e da hipocrisia — as unicas armas de que pode dispor.

Porque, os homens vulgares, e são quasi todos, preferem ser enganados...

Uma grande parte, porem, inexperiente, as mulhe-

res moças, apaixonadas, emotivas, desiludidas recorrem ao suicidio como a porta de salvação para a sua angustia. Esse crime arrebatá á vida tantas energias moças. E' o resultado da moral farisaica dos cristãos piedosos e caridosos — cujo porta-voz é a imprensa, quer seja governnista ou oposicionista, religiosa ou laica.

As pobres mulheres apaixonadas não chegam a raciocinar um instante sequer para compreender, para sentir que o nosso coração tem mais de uma primavera, que isso a que chamam de amor pôde ser renovado, que amamos mais de uma vez na vida, de acordo com o temperamento ou as etapas de evolução, porque, nem todos são eleitos para chegar a realizar o grande amor...

Não perceberam que as nossas idades de ouro, os 15 anos, os 25, os 30 e os 40 nos ensinam experiencias sempre mais belas progressivamente e nos dizem cousas lindas através das illusões do amor que, em todas as idades tem a sua perfumada estação de sonhos e de esperanças novas. E é belo e profundo saber amortilhar as illusões...

Desfeita uma visão, outra virá, talvez mais bela, povoar de imagens a nossa imaginação irrequieta, na escalada de uma evolução mais alta.

E, si uma experiencia amorosa nos deixa o travo da amargura, é, por sua vez, degráu para subir os visos de uma illusão maior.

Não viram que a liberdade sexual do homem é ilimitada, que ele não é considerado perdido, que se não desgraça porque usa e abusa dessa liberdade e que não é natural nem justo uma moral para cada sexo.

E a eterna tutelada, o idiota milenar ainda hoje, em pleno seculo de tantas reivindicações femininas, se esquece da mais importante das suas reivindicações — a de ser dona de seu proprio corpo, a da sua liberdade sexual, a do sêr humano com direito á alegria de viver a vida integralmente, em toda a sua plenitude.

E suicida-se porque foi *seduzida*, porque a *desgracaram*, porque está *perdida*.

Santa ingenuidade.

Por que razão pôr fim á sua *vergonha*, si isso a que os jornalistas chamam de vergonha é a iniciação em a mais bela das Leis Naturais, o *abc* da Lei Maxima, a Lei do Amor, a Lei da integração de dous sêres no espasmo da Harmonia Universal?

E é desprezando as Leis Naturais, as Leis não escritas — que os homens, servindo a interesses egoistas, tão pequeninos, escrevem e legislam as suas leis de lamentavel perversidade, encurralando o coração humano na jaula de ferro de uma justiça de fogo, matando a sensibilidade das criaturas na aridez de uma moral fria, sem alma, torpe, assassina de milhões de vitimas, sacrificadas no templo do Molóc dos preconceitos sociais.

NUTRIÇÃO E SEXUALIDADE

Quando ouço alguém censurar a nós outros, os defensores da liberdade integral da mulher, quando leio as paginas moraliteistas dos religiosos de quaesquer crédos, anatematizando-nos com expressões deprimentes, falando de "materialismo grosseiro", "satisfação dos ins-

tintos inferiores", de "certas ideias que só servem para arrastar as criaturas humanas á animalidade", de "filhos da carne" — referindo-se aos filhos naturais, (como si todos não fossem naturais), — imagino quanta santidade põem esses fariseus nas suas visitas ás casas de "rendez-vous", aos lupanares ou aos bordéis — de onde costumam trazer a sífilis ou a blenorragia para degenerar a próle através do martirio inominavel da esposa "legítima".

E protesto intimamente, em nome dos animais...
Conduzir á animalidade?

Em questão sexual, si obedecêssemos ás vozes animais que pontificam em nós, certo estaríamos dentro das leis biologicas.

Observando o instinto sexual dos animais, veremos a sua moral natural mais elevada que a moral sexual dos cristãos civilizados e piedosos.

A cada instante ofendemos aos animais, comparando os nossos vicios e as nossas baixezas á sobriedade e ao equilibrio harmonioso dos chamados irracionais.

E vamos mais longe. O homem vicia os animais domesticos... Que perversão!

Entretanto, entre os instintos que nos fazem descer abaixo dos animais, destacamos a necessidade de nutrição.

O instinto de nutrição está abaixo do instinto sexual, dizia-me A. Néblind. Pelo menos, vive da exploração...

Pelo instinto de nutrição o homem se degrada até o vicio, até as aberrações do abarrotar das visceras, cousa que os animais desconhecem, porquanto se alimentam

com sobriedade digna apenas dos maiores filosofos humanos como Cristo, Epicteto ou Spinoza.

Certo não falamos dos animais domesticados e fiéis ao homem... feitos á sua imagem e semelhança.

O instinto sexual é criador de vida. O instinto de nutrição é destruidor, raciocinava meu amigo.

Pelo instinto sexual é que nasce, cresce, desenvolve-se o amor em todas as suas tonalidades mais delicadas, em todas as suas fases multiplas para as altas possibilidades das grandes realizações interiores — através da dedicação e das voragens de soluços da tragedia de ser dois...

E' pelo instinto sexual que se pode realizar o glorioso milagre humano da seleção da especie.

E' pelo instinto sexual que podemos dispor de nós mesmos e dar o prazer integral, na afinidade eletiva com outro individuo, sem lesarmos a quem quer que seja.

Si alguém sofre porque amamos ou somos amados é porque é inferior, porque não soube libertar-se do preconceito do instinto de propriedade egoista, perverso, nunca porque o lesamos direta ou indiretamente.

O instinto de nutrição vive do esforço de outrem, do martirio inominavel da maioria, da tragedia de todos, na luta dantesta pela subsistencia.

Quando eu como um pedaço de pão — quanto já exigi de milhões de individuos e quantos desses trabalhadores anônimos morreram de esfalfamento e de fome para que eu me alimentasse.

E, mais longe: si como carne, que de baixezas, que de perversidade acumulada pela hereditariedade, e quan-

to preconceito foi preciso inventar para desculpar ao nosso instinto sanguinario de canibais a sacrificat o animal. E nos alimentamos de cadaveres fumegantes, condimentados de odio e de revolta.

Mas, quando duas criaturas se amam e se confundem num beijo de ternura — nenhum sacrificio é exigido, nenhum sêr é explorado, nenhuma tragedia humana se verifica.

E, si desse carinho nasce outro ser, é um esforço a mais, é outra criatura que vem para ajudar, é uma unidade em pról do esforço comum.

Como é falsa a concepção teratologica da piedade civilizadora, ao julgar severamente o instinto da necessidade sexual e ao analisar superficial e comodamente o instinto da nutrição da especie.

O primeiro é criador de força, de beleza, de harmonia. E' o esforço para a unidade... E' a escalada universal. O segundo é a destruição, é o aniquilamento, é a intoxicação, é a absorpção do esforço alheio, é o parasitismo, e, dele provem toda a tragedia da vida humana.

**

Poderia encarar o assunto sob outro aspecto: "deveres primordiais da mulher como esposa e mãe", segundo a concepção estreita dos que a proclamam *deusa* e *rainha* — fiel, servil, obediente, domesticada...

Os deveres primordiais da mulher são os deveres do individuo para consigo mesmo: antes de ser esposa e mãe, a mulher é criatura humana com direito ao respeito a si

mesma, com direito á liberdade de viver, com o dever de buscar, por si, a plenitude da realização interior.

E para saber amar, não precisa ser esposa: basta ser mulher.

A esposa é produto artificial dessa mesma legislação que faz da mulher uma cousa, a propriedade privada do homem. Além de tudo, tem muita razão Bataille: "... na vida, o papel de esposa não precede nunca e segue sempre o cortejo."

Só pela liberdade nos emancipamos. Emancipar-se é conhecer-se. Emancipar-se é realizar-se. Emancipar-se é ficar fóra das leis e das convenções sociais, ser tão anti-social quanto possível — sem paradoxo — por amor ao proximo.

Sou anacionalista. Não reconheço patria nem interesses nacionais, sinão quando estes se confundem com os interesses humanos.

Os homens e as mulheres eu os vejo sob o aspecto bio-cosmico.

E meu sonho de amor e fraternidade vaé buscar sua origem e se alimenta da palavra socratica, cuja irradiação vem do Templo de Delfos: "Conhece-te a ti mesmo"; fortifica-se na figura universal do Cristo que, do deserto da sua individualidade, vibra o seu imenso apelo: "Ama segundo o teu coração e não segundo a lei"; cresce no simbolismo rabelaisiano, cuja divisa está escrita na abadia de Thelème: "Faça o que quizer"; e desabrocha em toda a sua plenitude, em toda a sua infinita bondade, em toda a sua beleza incomensuravel na sabedoria hanryneriana: "Conhece-te a ti mesmo — para aprenderes a amar".

QUEM NÃO TIVER PECADO QUE ATIRE A PRIMEIRA PEDRA...

... "a vida me castigava sem cessar, e as unicas palavras piedosas me disseram as irmãsinhas bondosas de minha infortunada juventude: as prostitutas.

E por isso, sinto pelas prostitutas, por todas as prostitutas, até por aquelas que a vida embruteceu até o alcool — em os estreitos tugurios — e até o delito, uma gratidão imensa que chega á adoração.

São os unicos seres que não especularam sobre a minha miseria e não intentaram violentar a cerrada independencia selvagem de meu espirito.

Encontraram-me morto de fome em as ruas populosas das metropoles cosmopolitas e me deram um leito quente, uma bebida confortadora, um beijo, uma caricia.

Irmãsinhas bôas da minha juventude, eu quizera ser um poeta, grande poeta para escrever um poema eterno de vossa piedade".

MARIO MARIANI. — ("Irmãsinhas").

Albert Londres, em sua reportagem em torno do trafico das brancas — "*Le Chemin de Buenos-Aires*" — transcreve as cartas de uma Mãe francesa ao Consul da

França em Buenos-Aires, pedindo para procurar sua filha que ela supõe, com justas razões, ter sido vítima do tráfico, solicitando encarecidamente as mais serias providências, visto como havia recebido uma sua carta e tres cedulas de cem francos, o que lhe parecia quantia exorbitante para uma moça que ganha a vida pelo trabalho.

O Consulado e a Prefeitura de Policia de Buenos-Aires encontram facilmente a joven Germaine X, Mademoiselle Rubis ou Mademoiselle Opala...

A moça é levada á policia e declara que é maior e que trabalha para tirar a familia da miseria. Que não voltará, embora se comova a soluçar, lendo a carta de sua mãe. Segunda carta decisiva, vinda de Paris e annunciando o recebimento de mais quatro notas de cem francos, soma consideravel para uma pobre costureira enviar á sua familia.

E' o proprio Albert Londres quem oferece os seus serviços ao Consulado do seu país, para conseguir que a joven volte para a terra natal.

Ao ler a segunda carta de sua mãe, a moça não pôde conter os soluços angustiosos. E diz:

— "E' por minha mãe, é por meu irmão que aqui estou. Para ambos. A miseria era horrivel. Nenhum carvão no inverno. Nenhum dinheiro para nos tratarmos. O que eu ganhava nem mesmo dava para eu sozinha comer e tres deviam viver.

Então, minha mãe saía para trabalhar, ela que nem podia quasi andar.

Não! Não!

— E' preciso que não lhe digam o que estou fa-

zendo. Deviam mesmo lhe escrever que eu sou muito séria. Tudo isso é a inveja dos vizinhos porque hoje ela come e pôde ir á farmacia. Eu é que devo aqui ficar, eu sim! Dentro de dois anos terei cento e cincoenta mil francos. Voltarei. Comprarei um negociozinho. Não mais verei os meus sofrer.

Não são os outros que vivem com a minha miseria."

E me lembrei da ironia de Bernand Shaw em Mr. Warren: E' a unica profissão em que a mulher pôde economisar...

Um pouco de piedade, um olhar de solidariedade e gratidão, senhoras honestas, para as mulheres á margem da moral social, atiradas aos prostibulos pelos proprios homens de bem, enganadas miseravelmente na adolescencia e obrigadas depois a vender ou alugar o corpo para matar a fome e cobrir a nudez, alem de distribuir uma caricia indistintamente, num gesto dadivoso de generosidade nobre, porque, sem amor...

Em troco do desprezo e do desdem, repartem o carinho, sem a esperanza de uma retribuição á altura do seu sacrificio inaudito, que nós outras, de modo algum poderiamos avaliar.

E cada vez que a literatura ou o jornalismo quer ofender ou magoar á intelectual, á livre-pensadora, chama-a de meretriz ou prostituta.

E são os homens que precisam das meretrizes.

E ha prostitutas porque ha moral. E porque ha homens.

A virtude da familia exige a rameira.

A prostituição é o corolario do casamento. A moral burguesa assenta-se firme por sobre a coluna da prostituição.

A prostituição constitue o exercito de salvação da moral. Nos extremos da moral cristã, estão — a prostituta e a solteirona — as duas vítimas da sacratissima instituição da família legal.

E a esposa legitima entra em contacto com a meretriz, através do marido...

Formidável organização social de tartufos da monogamia indissolúvel!

A mulher foi sempre, é ainda hoje, objeto de compra ou venda, injuriada, maltratada, insultada, desprezada, ridicularizada pela sociedade, regida, administrada, codificada, policiada pelos homens, os quaes não deixam á sua companheira nenhum outro meio de vida senão a prostituição legalizada no casamento de conveniencia ou a prostituição clandestina ou das ruas — também legalizada pelo Estado, que a regulamenta *pour épater les bourgeois*...

Só o tartufismo moraliteista pôde tratar a mulher de prostituta, pois si é quasi a unica solução que lhe deixa a sociedade para a sua subsistencia.

Si o homem, a sociedade, os governos vivem e prosperam com a exploração das prostitutas, si a meretriz dá ao homem o prazer, á sociedade o seu equilibrio moral e aos Estados o seu equilibrio financeiro — é ação vil, miseravel, abominavel desprezar o *estado civil* das desgraçadas cujo sofrimento é, para toda gente, o gozo, a tranquillidade e as rendas...

Admirável organização social em que os altos rufiões da industria e da politica se apresentam fantasiados de Vestais...

Quer queiram ou não os defensores da estagnação moral, cadaveres ambulantes, fariseus destas terras de Otélo e Barba Azul e Don Juans de capa e espada — a natureza salta por sobre todos os tapumes da moral social, por cima de todos os cinturões de castidade inventados pelos bons costumes, pelo tartufismo dos Cruzados modernos.

Só o Amor arrebatava um sêr ao rebanho, diz a sabedoria do filosofo do sorriso.

E só não ha prostituição quando o amor é divinizado na alegria de viver integralmente, quando uma mulher escolhe livremente o seu companheiro e dele não precisa para a sua manutenção e subsistencia, porque não é parasita social e vive do seu trabalho.

E' através da dôr de se vêr apedrejada pela opinião publica, pela sociedade, só através da solução do seu problema individual é que a consciencia feminina ha de despertar para a unica emancipação possivel da mulher, nesta admirável organização dos cavalheiros de industria — a emancipação da mente, do *eu* interior e dos sentidos a liberdade de dispor de si mesma sem pedir licença a um dono e senhor e proprietario, dentro ou fóra da legalidade.

Até quando permanecerá a mulher fechada no sapatinho de ferro da moral unisexual da sacratissima instituição da família?

Que pretensão querermos solucionar o problema alheio ou decifrar o segredo intimo de cada sêr humano!

A literatura, o jornalismo masculino sempre pretendeu ser o interprete dos sentimentos femininos que difficilmente conhece, porquanto o homem sente como homem e a mulher sente como mulher.

Façamos a psicologia de um ou outro sexo, concórdo, observemos, cataloguemos fatos, porem, que razão temos para resolver, nós outros, deste ou daquele modo, *a priori*, os problemas das criaturas humanas?

Ademais, cerceada a mulher ao papel deprimente de cortezã ou escrava de harem, aprendeu a astucia e a mentira, a hipocrisia e a arte de enganar seduzindo. Os homens não as querem á sua imagem e semelhança . . . como aos deuses?

E a mulher superior, a que conhece os seus direitos á liberdade de viver em toda a plenitude do seu sêr livre, tem de sofrer as consequencias da reivindicação a um lugar ao Sol da felicidade integral, ao direito de escalar os tapumes do redil social, onde balam as ovelhas do rebanho humano.

Essa mulher rara, Isadora Duncan, é a ponte entre a mulher escrava, hipocritamente honesta e estupidamente servil e a prostituta, inconciente e duplamente escrava e servil, hipocritamente emancipada e estupidamente supersticiosa.

A mulher honesta e a prostituta são dois extremos que se aproximam na mentalidade estreita e na escravidão sexual.

Na apparencia supomos ve-las tão distantes uma da outra, e, na realidade, o tipo psicologico é mais ou menos o mesmo, divergindo apenas os metodos de vida.

E a prostituta aprende mais e se liberta mais depressa, si é inteligente, si as suas experiencias dolorosas lhe falam á alma, si tem coração sensível para saber engulir as lagrimas na dôr das suas irmãs sacrificadas á virtude da mulher honesta.

Esta, a mulher chamada virtuosa, fechada num ambiente estreito, circunscrita a sua observação ao ambito deprimente, sob o ponto de vista intelectual, do meio familiar burguês, morre velha sem conhecer o que é a vida, prêsa calculadamente — afim de que não chegue a raciocinar e não descubra que tem direitos, espezinados pelo egoismo sordido dos interesses de uma sociedade, cuja familia é alicerçada por sobre a ignorancia e a escravidão disfarçada da mulher — a deusa e santa e anjo e senhora e rainha do lar . . .

Entre a solteirona e a prostituta, entre a mulher chamada honesta e a meretriz a diferença é minima, psicologicamente observando.

E quanta alma de prostituta vive no conchego do lar carinhoso da familia virtuosissima e legalmente constituida . . .

E quanta pureza e quanta virtude e quanta generosidade na alma de mulheres, pelos prostibulos . . . grandes lotus iluminando pantanais, flores exoticas perfumando corações no silencio do anonimato. Tragedia feroz da prostituição "necessaria" para salvaguardar a honra da familia!

Odiosa organização social de vendilhões da consciência e tartufos miseráveis a esmagar o coração humano.

HONRA DE GALO

Leio nos jornais:

"Enquanto a esposa dormia, aplicou-lhe uma machadada na cabeça."

.....
 "Louco de ciúmes, atraiu a companheira para um lugar deserto e a matou a canivetas".

.....
 "Despresado pela amante, assassinou-a a golpe de navalha".

.....
 "Pedi á noiva um copo d'agua e matou-a a tiros, pelas costas".

.....
 "Em um bordél da Rua . . . foi assassinada a meretriz de nome . . ."

Dois touros se defrontam para a conquista de uma novilha.

Por trás das cercas do curral, toda a fazenda se movimenta para gozar o espetáculo empolgante.

Ninguém se atreve a aproximar-se.

As pernas enrijadas em músculos de aço, fremito ao longo do dorso, sustentam a luta nas pontas capazes de entraçoar as visceras do adversario.

Não é possível nem sequer tentar separar os dois brutos.

Combate de forças fantásticas, guerra sem tréguas até colocar o inimigo exausto e vencido. Combate singular em que a vitória cabe, sem dúvida ao mais valente.

Não é guerra de morte. É a vitória da força. O vencido cambaleia escorraçado, batido, deshonrado.

O vencedor ergue gloriosamente a cabeça e vai fazer a sua conquista de animal e o seu prestígio cresce e o seu andar e toda a atitude do seu corpo possante denotam o orgulho de ser forte, a vaidade de ser unico.

Dois galos sangram-se com os esporões valentes, arastados ambos pela força selvagem dos instintos baixos de egoísmo feroz, pela energia incoerente, impulsiva, dos seres primitivos — dentro do objetivo de vencer pelas armas naturais, de dominar sozinho, de ser o unico macho no terreiro, o dono, o invencível, o senhor exigente, proprietario exclusivo de toda uma capoeira.

O homem não tem vergonha de se nivelar ao galo, ao touro, aos que vencem com as esporas, as pontas, as garras ou os dentes.

Tem bem razão o grande Pinard: "a procreação ficou o que era na idade das cavernas."

Toda a questão sexual, o problema do amor é ainda o do troglodita feroz.

Não. O homem civilizado é mais covarde.

Acrescentou ás armas naturais, as armas e munições. Toda a industria e toda a ciencia a serviço da perversidade humana .

Essa "honra" que o homem "lava" no sangue da sua vitima, essa honra problematica, encastoadá, pela força da lei, da rotina e das convenções sociais, no corpo da sua companheira indefesa, essa tão decantada honra, esse idolo feroz, é a mesma honra do galo, do touro, do cão ou do gato.

E' o egoismo ancestral, é o instinto da besta féra, é a vaidade sensual do macho, e nada mais.

O ser que se diz racional e humano ainda não surgiu de dentro da bestialidade do animal.

As tragedias conjugais, os ciumes criminosos não passam de lutas de galos no terreiro ou dos garrotes no curral.

E esses mesmos donos, proprietarios legais ou convencionaes do sexo fraco, fazem criação de galos para se divertir, como homens perversos que se divertem com as brigas dos garotos.

E, por trás dos tapumes e das cercas, o fazendeiro e os colonos e caboclos assistem, radiantes, á luta feroz entre os touros invenciveis.

Sorriem entre si, com ares de superioridade, como si sorrissem para as fraquezas das crianças.

E procedem com a mesma furia infantil e selvagem,

indomavel e primitiva, dos que principiam a escalar o ciclo da Vida.

São os mesmos instintos, as mesmas forças vibrando incoerentes em meio do tumultuar caotico do vir-a-ser, do esforço de todas as cousas para a transformação da inateria ou para um "devenir" mais alto.

Grande a diferença: o touro, vencido ou vencedor, não maltrata a novilha, nem o galo esporeia as galinhas que se entregam ao mais valente.

A luta é apenas entre os dois machos — para a conquista e a gloria do primeiro entre os primeiros.

Conquista selvagem, gloria de appetite bestial insaciavel.

Nas tragedias humanas ha muito mais: sendo a mulher a propriedade privada de um homem, a sua prêsá — é tambem "culpada" e "deve submeter-se á "justiça" do seu proprietario legal ou não, do senhor feudal de um feudo inexpugnável, acastelado na rotina, nos prejuisos sociais, na ignorancia cultivada da sua companheira — a eterna infantil, a tutelada milenar.

Juizes, magistrados, acusadores e jurados são outros tantos machos a defender os seus direitos e é por isso que os matadores de mulheres são sempre absolvidos pela lei — cúmplice na "defesa sagrada da honra" do sexo masculino... no corpo da mulher.

E a civilização — curral de touros.

A sociedade — cenario de rinha.

O homem — galo de briga.

Espectaculo deprimente da cristandade piedosa. E o Nazareno perdeu tanto tempo a pregar "Não Matarás;

Ama ao teu proximo como a ti mesmo; Não julgueis para não serdes julgado; Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra."

E é em nome dessa doçura, dessa bondade, desse amor — que os homens estraçalham a sua companheira ou se estraçoam entre si, como os tigres e os chacais.

E a rotina é implacável: no teatro, na imprensa, na literatura, na educação, no pulpito como nos palcos e na oratoria secular, na sociedade como na família — tudo incita á defesa dessa honra de brutos, honra de besta-féra encurralada nos instintos baixos de animal egoista até o exclusivismo do ciúme, injustificável numa criatura evolucionada.

Quando chegaremos a compreender que a mulher, como o homem, é dona do seu proprio corpo e dele pôde dispor á vontade, iluminada pela sua consciencia — a unica lei para o que aprendeu a respeitar-se a si mesmo?

São verdades tão conhecidas as que proclamam a evolução da mulher pela mesma escala zoologica do homem, com as mesmas necessidades fisiologicas e o mesmo direito á liberdade de eleger, para companheiro, o que lhe parece melhor ou mais apto, sob o ponto de vista da sua capacidade para admirar: como animal belo ou forte, como mentalidade ou como grandeza ética numa extraordinaria realização interior.

Que direito tem o homem de impedir as suas experiencias através do amor, como através de quaesquer das contingencias da vida?

Que pôde todo o arsenal das armas contra o sentimento afetivo, contra a livre escolha do coração, contra o Amor, em qualquer das suas manifestações?

Esse palco não diverte; cenario de tragedias dolorosissimas, mesmo quando o protagonista se entrega á policia e confessa, valente, cinica ou altivamente o crime em que devia "defender" e "lavar" a sua honra, "consupurada" pela esposa, pela amante, pela noiva ou pela ultima prostituta com quem vivia, cenario tragi-comico-macabro — nem chega a ser ridiculo, porque vae além do sorriso ironico da piedade irreverente.

E doloroso é verificar que a maioria dessas tragedias se dá nos meios proletarios.

E' o escravo sacrificando a sua escrava. E' o boi de tiro martirizando a criatura unica a mitigar a sua sêde de esfalfado no turbilhão da corrida social para a dissolução e a morte.

E são os latinos cristãos, piedosos e caridosos. E' o italiano teatrai, o espanhol "valiente", o portuguez feudal, o brasileiro "bandeirante", almas medievais, é o cavaleiro andante das castelãs e anjos e deusas e rainhas e santas, o protagonista no cenario dos crimes passionais.

Os latinos, mesmo os rotulados com titulos pomposos de homens livres, de libertarios de quaesquer "ismos", de revolucionarios, homens de ideias, homens de principios avançados, todos, absolutamente todos tem a alma feudal e o instinto do sadismo moral, e, si pudessem, empregariam, ainda hoje, o cinturão de castidade dos cruzados, para se assegurarem da "pureza" das suas companheiras...

e vivida de que o escravo social póde ter a consciencia alevantada no gesto livre de pensar e agir, individualmente, contra a Rotina e a influencia ancestral, contra todos os Idolos sangrentos da Honra, da Patria e da Civilização.

E' preciso ser anti-social para realizar o heroismo sem par de enunciar as verdades interiores.

Emancipar-se é conhecer-se.

Emancipar-se é realizar-se.

Só se emancipou quem foi capaz de saltar por sobre todos os tapumes do moraliteismo social, collocando-se *fóra da lei*: Socrates, Cristo, Epicteto . . .

3.^a PARTE

A LEI DE POPULAÇÃO

Lembre-se

ANARQUIA NÃO É MERCADORIA!



**<http://anarkio.net/fenikso>
email: fenikso@anarkio.net**



**SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR -
COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,**

NÃO DEIXE OS 'VALORES' TE MANIPULAR!



A lei de Malthus é a esfinge simbólica da questão social: decifra-me ou eu te devoro.

A interpretação da esfinge, sob o ponto de vista social, abrange as duas faces do problema humano.

O lado ético, Han Ryner o analisa em seu admirável livro "A Esfinge Vermelha": — é o problema da não violência estoica, é a resistência heroica á reação, o *Não Matarás*, o *Ama ao teu próximo* — simbolizado no Fraternismo de Cristo e no subjectivismo da Sabedoria de Epicteto: *Sê tu mesmo. Realiza-te.*

No plano material, no plano positivo da existência humana — o segredo da esfinge me parece a mim a questão sexual — donde deriva a vida orgânica em suas relações com o instinto de nutrição — tudo resumido magistralmente na lei de população de Malthus, interpretada genialmente por Drysdale.

Comer e Amar.

E o lado ético do problema humano é consequência. Será solucionado no dia em que a humanidade, pelos seus maiores, tiver a noção conciente da responsabilidade de se reproduzir em qualidade e não em quantidade.

O problema humano, sob o aspecto social, é um problema sexual.

A fome, a peste, as guerras, a miseria, a tuberculose, o alcoolismo, a ambição, o espirito de autoridade, a cupidez, a concorrência sob todos os matizes, toda a degenerencia física e mental, toda a perversidade dos sentimentos, tudo, absolutamente tudo provem, de um lado, da autoridade, dos magnatas que dominam e exploram, e, do outro lado, da ignorancia do rebanho social, mas, da impotencia de todos, da imbecilidade e da estupidez humana ante a realização das duas funções maximas: — comer e amar, instinto de nutrição e instinto da multiplicação da especie.

Segundo documentos científicos — “Ensaio sobre o principio de população”, de Malthus, “Elementos de Ciencia Social”, de Drysdale, John Stuart Mill, etc., — a população, quando nada a vem estorvar, duplica-se todos os 25 annos, ou aumenta em proporção geometrica. Aumenta com valor inexaurível, sem limites, si os meios de subsistencia não faltam. Não ha espaço aqui para tais cifras de recenseamentos indiscutíveis. Indico as fontes onde serão encontradas.

SÉBASTIEN FAURE E A LEI DE POPULAÇÃO

Praticamente, para demonstrar o valor das cifras, vejamos o que diz Herschell, o grande sabio astrônomo, citado por Sébastien Faure em sua admiravel conferencia sob o titulo: “O problema da população”, realizada no “Salão das Sociedades de Sabios”, de Paris (16-11-1903) presidida por Mme. Nelly Roussel, confe-

rência que é o seu *mea culpa*, em que confessa o erro anterior em “A Dôr Universal”, vindo engrossar as fileiras dos neo-malthusianos.

Voltemos a Herschell. Diz o sabio:

“Si nos tempos de Chéops, isto é, tres mil annos aproximadamente da nossa éra, um casal humano houvesse vivído, e, si a contar daquela época, a guerra, as enfermidades contagiosas e a fome tivessem sido suprimidas; si, em uma palavra, a raça procedente daquele par não estivesse sujeita senão á morte causada pelas enfermidades e achaques ordinarios, podemos admitir que o casal se houvesse duplicado aos trinta annos e que seus descendentes houvessem seguido a mesma progressão de trinta em trinta annos.

“A questão que exponho é esta: Qual seria atualmente a população do globo? Os descendentes desse casal, colocados em pé, um ao lado do outro, cobririam toda a superficie da terra?

Todos contestaram que a superficie da terra seria insufficiente.

— “Porem, disse Herschell, e si estivessem apertados, um contra o outro, e si em cima de seus hombros fossem colocados, em pé, outros seres humanos, quantos andares superpóstos se poderiam formar?

“— Talvez tres andares?

“— Estais muito longe da conta, disse Herschell. Apresento a questão de outra forma. Que altura, em pés, alcançaria a coluna ou piramide humana?

“— Trinta pés?

“— Oh! muito mais, disse Herschell.

“— Pois bem, cem pés?

“— Ainda mais.

Herschell concluiu: o suficiente para ir até a Lua, quiza também até o Sol.”

Sébastien Faure cita ainda a opinião do general Brialmont, belga, em uma comunicação á Academia Real de Bruxelas (15-17-1897):

“Segundo o caminho que as cousas vão tomando, daqui a poucos seculos a população do globo se terá desenvolvido de tal maneira que o problema da população chegará a ser insolúvel. Por mais que se utilizem todos os rincões da terra não utilizados até hoje, se dessequem os pantanos, se cortem os bosques e derrubem as selvas, semeando trigo em todos os parques de recreio, e suprimindo de golpe toda alimentação animal, substituindo as pastagens por campos produtores de cereaes, não se chegaria a alimentar aos humanos que povoariam o nosso planeta assim que tenham alcançado a cifra de doze mil milhões, eventualidade que se realizará em alguns centenaes de annos.”

Não se venha com a objeção de que o Brasil é imenso e precisa ser povoado. Sim. Mas o problema não é nacional é internacional. Si povoarmos o Brasil no lapinismo nacional, seremos cúmplices das loucuras das nações europeas que, com os seus erros de superpopulação, precisam do nosso sólo para se expandir. E sofreremos as consequencias da má distribuição das riquezas do sólo e da industria e não resolveremos, sozinhos, nenhum problema social: ficarão de pé — a fome e a prostituição, a autoridade e a exploração do homem pelo ho-

mem. Com tal sofisma, afastamos todos os problemas humanos, sem os solucionar.

E é notavel como, geralmente, os revolucionarios autenticos se colocam na extrema direita reacionaria para atacar a lei de população e os neo-malthusianos. Kropotkine dizia a Paul Robin: “Tú entravas a revolução”. James Guillaume lhe escrevia: “Tú entravas a emancipação do trabalho.” Eliséé Réclus recusava publicar ou inserir em seu jornal os artigos neo-malthusianos, sob o pretexto de que isso era uma questão privada, e que, sob o ponto de vista geral, a limitação dos nascimentos não era senão uma “grande mistificação”!... A tal proposito, ainda para os revolucionarios latinos, vale a pena transcrever o que diz Sébastien Faure:

“Como tantos outros, conhecia muito pouco, o confesso com toda a modestia, conhecia mal este problema da população. Dediquei-me a investiga-lo, a indagar; consultei documentos; folheei certos livros que desconhecia por completo; a esse trabalho, a essa documentação, pouco a pouco me afeiçoei; e compreendi toda a importancia do problema.

“E, de todos os problemas tão numerosos e tão complexos que atualmente solicitam o pensamento dos sociologos e filosofos, nem um ha tão grave como o da população. Tão pouco, nem um ha menos conhecido.

“Nada mais acrescentarei a isto: não façais filhos.

“Não sómente ha beneficio e adeantamento para o grupo familiar com a procreação refletida.

“O grupo social, desembaraçado de escorias, purificado dos germens mórbidos, sabendo que a qualidade

vale mais que a quantidade, que a prosperidade não depende do numero dos que a compõem, mas, sim depende da qualidade, encontrará muita vantagem nessa limitação voluntaria da procreação.

“No circulo revolucionario conhece-se pouco ou conhece-se mal essa questão. São, não obstante, os revolucionarios, os que mais interesse teem em a conhecer bem. A colheita não será formosa enquanto a semente não fôr boa e esparzida em terreno fecundo e fertil.

“Alguns dizem: é necessario que haja miseraveis em multidão, que a familia dos desherdados seja tão numerosa quanto possível; mais descontentes haverá, mais a miseria crescerá e mais a rebeldia aumentará. Creio, companheiros, que isso é um erro. A mim tambem, ha 10 ou 15 annos, me parecia que a miseria poderia ser um fator de rebeldia e me perguntava, então, si do excesso do mal não surgiria o bem. A observação escrupulosa dos fatos me provou que essa opinião não era exata.

“Os que dizem: é mister muitos descontentes, muitos miseraveis afim de que o grão da rebeldia se multiplique, não vêem mais que um lado da questão. Essa massa de miseraveis é a baixa dos salarios, são as condições do trabalho, já de si tão dolorosas, convertidas em intoleraveis; é a horrivel luta fraticida, é a competição entre pae e filho, entre membros de uma mesma familia; é o açambarcamento de todos os officios; são tambem os braços oferecendo-se em massa para os que fazeres mercenarios da policia e da guarda civil.

“A burguesia tem suas razões para não empenhar em procrear muitos filhos.

“Suas razões! companheiros. Ela precisa muitos soldados, muita policia, muitos espiões, muita guarda civil, muitos carcereiros e officiaes de justiça; tudo isso lhe faz falta para manter na escravidão aos trabalhadores que se disputam os salarios, como os cães disputam um osso aonde haja ainda uma migalha de carne.”

Tenho pena de não citar toda a vibrante conferencia de Sébastien Faure.

E' que o velho militante sentiu a desproporção colossal entre duas leis naturaes. Uma antinomia formidavel existe entre a faculdade reprodutora dos homens e a produtividade da terra, entre o amôr e a fome.

Demais, Malthus, por uma concessão exagerada aos seus criticos, fingiu acreditar que o acrescimo da produtividade da terra pudesse dar-se, quando estava certo desta outra lei natural: a produtividade do sólo vae diminuindo; a produtividade da terra não é proporcional aos capitaes e ao trabalho nela aplicado.

E, apesar dos meios *repressivos*, obstaculos contra o aumento de população: guerras, assassinios, desastres (o automovel já está matando mais que a ultima guerra...) epidemias, occupações malsãs, “surmenage”, falta de higiene, fome, tuberculose, suicidio, alcoolismo, infanticidios, apesar dos meios *preventivos*: anticoncepção, abortos, castidade— os quaes tornam a vida ainda mais penosa, mais cara e mais amarga, ainda assim, o perigo da superpopulação está de pé, desafiando a todo o genero humano.

Chegámos ao ponto principal e que dá lugar a todos os sofismas contrarios á lei de população.

Vejamos a admirável "Enciclopedia Anarquista", dirigida por Sébastien Faure:

"Os malthusianos nunca pretenderam que a terra tenha chegado ao seu mais alto poder de produção e não possa nutrir muito mais habitantes do que os que hoje existem; não sustentam que a produção não possa crescer pela cultura de novos terrenos, pelo melhoramento do solo, por uma despesa mais considerável do capital e do trabalho, pela inteligência e labor dos habitantes, por uma sábia economia de todas as forças produtivas e de todos os produtos, etc.

"O que eles dizem é que, todo aumento por quaisquer meios, dos produtos a serem consumidos, teve e terá, por consequência, enquanto a reprodução não for fortemente e geralmente contida, um aumento correspondente da população e que, assim, a relação entre os dois termos fica sendo sempre a mesma.

"Cada velha nação e a terra inteira ficam, a todo momento muito povoadas, não em relação á superfície, porem, em relação aos produtos disponíveis.

Demais, quaes os progressos realizados e a facilidade de accessivel a todos, para a produtividade do solo?

"As pastilhas azotadas de Berthelot venceriam a dificuldade só por um momento. E mesmo as pastilhas prometidas por Berthelot, ha perto de 40 annos, ainda não existem, e, si a síntese amoniacal e a radioatividade prometem, ainda não nos alimentam."

Demais, os neo-malthusianos provam que nem isso resolveria a questão. No dia em que uma pilula nutrir ao individuo, a faculdade reprodutora do genero huma-

no dará expansão aos nascimentos, de tal maneira, que, logo, as pilulas mesmo já serão insuficientes...

Demais, a terra não cresce, e esse é argumento categorico.

Além de tudo, além da carencia alimentar, dentro deste regimen de concurrencia brutal, a má distribuição dos generos sobrecarrega e torna o problema insolúvel.

"A indigencia alimentar não é a unica. Relativamente aos capitaes, sustentam os malthusianos, ha superabundancia de individuos, superpopulação operaria permanente, mas, pressão da população total sobre a riqueza social.

"A grande dificuldade que espera os revolucionarios, a dificuldade insuperavel encontrada atualmente pelos comunistas da Russia, é de provêr de bens materiaes a uma população muito elevada em relação aos produtos a serem distribuidos. "(Enciclopedia Anarquista").

E a loucura industrial agrava o problema: queima-se o trigo, queima-se o café...

Quando li Malthus e Drysdale, convenci-me de que a lei de população é o maximo problema social: envolve a todos os outros problemas: comer e amar.

O problema humano é um problema sexual.

E "é apenas crível, notam os neo-malthusianos, que os mais eminentes "leaders" dos partidos politicos e sociais tenham sido hostis não sómente ao malthusianismo como doutrina economica, mas, ainda, ao neo-malthusianismo na qualidade de instrumento de luta revolucionaria. Nem Proudhon, nem Marx, nem Bakounine, por exemplo, admitiram como meio de combate social, a li-

mitação dos nascimentos proletarios." ("Enciclopedia Anarquista").

E é tão verdade que menor numero de operarios obriga os salarios a se elevarem que, os ultimos telegramas nos dizem que a França, neste momento, é o unico país do mundo civilizado onde não ha desocupados, ou, pelo menos onde ha menor numero de desocupados. E onde ha certo conforto para o proletariado e onde as industrias prosperam, apesar da crise mundial, e onde tambem ha lugar para operarios estrangeiros.

A conclusão se impõe: toda e qualquer tentativa para a paz, para a diminuição da miseria, para o bem estar, para a fraternidade é impossivel, sem a restrição conciente da natalidade e a maternidade livre e conciente e limitada.

O problema humano é um problema sexual: abrange a nutrição e a multiplicação da especie — os dois instintos predominantes da nossa natureza animal.

O corolario ético é latente.

O segredo da esfinge está em conhecer as leis naturais, porque a natureza não se deixa enganar.

Depois, defender-se o homem das hostilidades da natureza, conhecidas as suas forças e os seus efeitos.

A repressão ás ideias neo-malthusianas resume-se no seguinte postulado burguês-capitalista-religioso: "a patria precisa de soldados, a usina tem necessidade de trabalhadores, a igreja tem necessidade de fiéis".

Aqui se aplica a frase de Bakounine:

"O padre, que representa Deus, embrutêce o cerebro, para que o soldado, que representa o rei, tire o

corpo. O produto do roubo é dividido entre os dois ladrões". ("Deus e o Estado").

Demais, nenhum país regista verdadeiramente a despovoação. Não tenho espaço para reproduzir estatisticas. (Ver Enciclopedia Anarquista — La Fraternelle, 55 — rue Pixérécourt — Paris XX-e.)

A LEI ATERRADORA: A FECUNDIDADE DA MÃE ESTÁ EM RELAÇÃO DIRETA COM A MORTALIDADE DOS FILHOS

Sinto, não menos, deixar de reproduzir outras estatisticas concludentes, provando que a natalidade excessiva leva a uma mortalidade infantil excessiva.

Vejamos apenas a conclusão da estatistica de Maranhão:

Em 7.389 filhos, 3.451 mortos, isto é, quasi a metade! Parece-me, todavia, que a soma não é 7.389 e sim 8.289.

Jean Marestan e outros autores que tratam do problema sexual, dão estatisticas semelhantes, colhidas na França, Italia, Russia, etc.

As cifras de Ploetz dizem que "o coeficiente de mortalidade dos filhos primogenitos é cerca de 220 por 1.000 que o dos nascidos em setimo lugar é cerca de 330 e o dos nascidos em decimo lugar é de 597 por 1.000. Assim, quando a "natureza" segue o seu curso e doze filhos veem devastar a saude de uma mulher, tão fraca se acha então esta, que morrem logo 60 por cento destes

ultimos filhos" — diz Marie C. Stopes — ("Amor e Casamento").

"A mortalidade infantil na familia com um filho, (Ploetz citado por Marañon), é de 23 por 100; na familia com 8 filhos se eléva a 51 por 100; chega a 69 por 100 quando os filhos superam a 15."

A hecatombe espanhola é espantosa. A hecatombe latina, poderíamos dizer.

Então, para que faze-los nascer? E, que representa de esforço, de gastos, de desgostos, de depressão moral com taes perdas?

E, que representa de inquietações, de ansiedades, de gastos, de temor antes de nascerem, durante todo o periodo da gravidez — para depois morrerem ante as mesmas perspectivas de grandes desgostos?

Não ha despopulação em parte alguma. Ha superpopulação em todo o mundo.

Não nos admiram os reacionarios.

Entretanto, não nos cansamos de espanto ante a attude hostile dos revolucionarios contra a lei de população.

A prova cabal do interesse politico da superpopulação está no cinismo de Mussolini premiando a natalidade e anunciando, aos quatro ventos, que, daqui a muito pouco, a Italia terá que "explodir" italianos por toda parte — afim de alargar o futuro imperio de Roma — "cerebro e coração do mundo" — e marcar no calendario a "éra mussoliniana"...

Para todos esses revolucionarios e reacionarios da superpopulação — a mulher não passa de maquina de fabricar a carne para os canhões ou para as barricadas.

O problema feminino não existe para eles senão em expressões sentimentaes. A liberdade, a acracia que sonham — é só para os homens.

A mulher, para eles, está *a serviço* ... da procreação irrefletida, inconciente. E' apenas a matriz fecunda para fazer soldados burgueses ou soldados vermelhos da revolução social. Aliás, na Russia o problema da Maternidade livre e conciente está sendo resolvido por uma educação sexual sabiamente ministrada e pela transformação dos costumes sociaes.

Excetuemos contudo a Holanda, país da Europa em que é menor a mortalidade infantil, porque é o que "*mais se preocupa em que os filhos sejam concebidos voluntariamente e nas mais favoraveis condições,*" por isso mesmo tendo aumentado "o seu coeficiente de sobrevivencia, e, com isso, em vez de diminuir, acrescentando a sua população". Na Holanda, é official, é legal a propaganda neo-malthusiana, em todas as classes sociais.

Mas, em toda parte onde é imoral cuidar de tais assuntos, a hecatombe infantil, os crimes de aborto e infanticidio e a morte prematura das mães assombra pela surpresa dos numeros, das desgraças e miseria.

A conclusão é que o puritanismo farisaico dos cristãos civilizados e piedosos é o fator dos mais abominaveis crimes da sociedade moraliteista.

Tem razão Forel ("A Questão Sexual"): "E' quasi incrível que, em alguns países os medicos não se envergonhem de atirar os moços aos braços das meretrizes, e tenham o rosto purpurejante de pejo quando se referem a metodos anticoncepcionais. Com estes escrupulos pue-

rís, engendrados pelo habito e pelos preconceitos, protestam indignados contra pequeninas cousas, ao passo que aconselham a pratica das maiores torpezas."

E, dentro desses costumes de ennuços moraes, fala-se em eugenia, fala-se em educação, em humanidade, em liberdade, em fraternidade, em tudo isso que é tão belo e que não passa de formidavel ironia atirada, impiedosamente, ao rosto da mulher, o unico individuo na serie animal, privado de viver integralmente, livremente, a vida fisiologica.

Mas, pondo de parte todas as faces do grande problema humano, fica de pé o lado mais sério, que, por si só, constitue um problema,

O PROBLEMA DA MATERNIDADE

A mim me parece que nenhuma questão social, nenhum problema humano póde ser sonhado sem a base da Lei de população.

E acho que tem razão Naquet quando diz que mesmo "a famosa lei de bronze dos marxistas não é, definitivamente, senão a lei de população vista pelo outro lado do oculo de alcance."

E Georges Drysdale, cujo valor mental e moral, cuja solução do problema proposto por Malthus o coloca na mesma linhagem genial de Malthus e Darwin, Drysdale, no seu magnifico estudo "Elementos de Ciencia Social", traduzido em muitas linguas, em edições successivas, dada a sua importancia scientifica e as suas considerações sociologicas, Drysdale diz: "depois de o

haver percorrido, esse admiravel "Ensaio", de Malthus, que me parece a contribuição mais importante que jamais se tem feito em pról dos conhecimentos humanos, o espirito ainda esmagado pela grandeza do assunto e pela maneira maravilhosa por que foi tratado, não me posso impedir de considerar o Autor como o maior bemfeitor da humanidade, *sem exceção alguma*."

"Não digo que Malthus possuísse o maior genio ou o carater moral mais elevado de que faz menção a historia, mas, estou certo de que a descoberta da lei de população, que lhe é devida, e o serviço prestado, dessa maneira, á sua especie, são de natureza mais alta que todos os outros beneficios prodigalizados ao genero humano."

Nem Malthus quiz privar a mulher das alegrias da maternidade, como afirmam alguns dos seus adversarios, nem a sua lei, genialmente descoberta e exposta, é um calculo puramente economico, como querem outros.

E foi ainda a pureza das suas intenções, a sua imensa bondade que o fez desviar da solução para a seriedade dessa lei tragica de pé, apesar de todas as imbecilidades mussolinescas, de todas as criticas superficiaes e asperas, de toda a impiedade dos que olham por alto a sua descoberta genial.

Malthus formulando a lei e Drysdale completando-a com a mais admiravel das soluções, me parecem formidaveis na justeza e no equilibrio com que tratam os mais serios problemas humanos.

A questão da Maternidade Conciente não póde ser tratada em duas palavras.

E a mulher, si quer libertar-se, tem de conhece-la profundamente; do contrario, deixará esmagar-se pelo peso herculeo da mais tragica de todas as causas da escravidão social feminina e humana.

Fome, guerras, pestes, a degenerencia, todos os males sociaes, prostituição, miseria, absolutamente tudo tem a sua origem na lei de população.

A lei de população, diz Drysdale: "é a contribuição mais indispensavel ás ciencias moraes, medicas e politicas. Ela nos explica a relação natural entre as duas cousas mais essenciaes á vida e á felicidade dos homens: a nutrição e o amor. Sem esse conhecimento, todos os outros não servem para grande cousa."

A solução da questão social está no Amor e na Maternidade Conciente.

E' a lei de população apesar por sobre todo o genero humano.

Tem razão Drysdale:

"A moral, a medicina, a religião, a legislação, a politica, são farças representadas com solenidade para o publico e que só servem, pela pompa imponente e o luxo deslumbrante das ceremonias, para afastar a atenção das tragedias lugubres representadas atrás dos bastidores.

"Estejamos certos de uma cousa: si não conseguirmos encontrar outra solução para as dificuldades sociaes, nossa sociedade continuará a ser o que sempre foi: um caos de confusão, de injustiça e de miseria.

"Essas ideias não nos pareceriam tão estranhas, si não estivéssemos habituados a olhar o mundo sob o aspecto mais favoravel, e do ponto de vista ocupado pelas

classes ricas e bem educadas. Si tivéssemos nascido nos trapos da miseria; si a sorte nos tivesse forçado, para não morrermos de fome, a recorrer ao crime ou á prostituição, si o labor incessante tivesse triturado nossos membros e que, sem amigos, sem auxilio, fossemos tocados de porta em porta pelos agentes da policia; — teriamos uma ideia bem diferente da condição do mundo; e a riqueza e a civilização de que vemos gozar os nossos vizinhos só fariam aumentar a nossa amargura. Então, dores pungentes nos teriam ensinado esta triste verdade: para os pobres, o progresso da humanidade é uma mentira vasia, e a prosperidade dos ricos é baseada no seu trabalho, nos seus sofrimentos e na sua miseria.

"As felicitações dirigidas pelas pessoas mais afortunadas, os discursos pompózos dos homens politicos a respeito do progresso da civilização constituem uma injuria aos que sofrem, injuria gratuita e cruel.

"O menos que poderíamos fazer para aqueles que são condenados a não ter pão, amor e descanso, seria não insultar a sua miseria com palavrórios vãos, a louvar o aumento da soma da felicidade humana."

Constrangimento moral, vicio e miseria ou honestidade farisaica, prostituição e fome estão na razão directa e inversa, ou por outra: mais a sociedade moraliteista assegura a santidade da familia, mais a prostituição multiplica as rótulas e mais a fome se instala definitivamente.

Mais ha fome e mais ha prostituição.

A pobreza é problema sexual. E' a natalidade excessiva,

E nem a prostituição se acaba com sermões de moral ou com leis draconianas e nem a miseria é extinta com a filantropia ou com festas elegantes da caridade mundana.

O pauperismo e a prostituição só serão extirpados no dia em que as mulheres compreenderem que só a liberdade do amor pôde pôr termo a todos os flagelos sociais, e, "aqueles que, em vão, procuram remediar a pobreza pelos meios usuas da instrução, da emigração, da caridade ou das mudanças politicas, não refletem que o problema não é sómente suprimir a pobreza existente, mas, tambem, a continencia e a prostituição; porque, si não se fizer isso, e não para uma geração só, mas, para sempre, o mesmo estado de excesso de população será constantemente mantido pela expansão da potencia reprodutora. Taes esforços são exatamente tão baldados, como os de quem procurasse despejar uma cisterna, deixando livremente correr-lhe para dentro, o canal que a abastece. *A pobreza é uma questão sexual e não uma questão de politica ou de caridade; e não se lhe pôde dar remedio senão por meios sexuais*". ("Elementos de Ciencia Social." Drysdale.)

E todos sabem que Darwin concebeu a sua admiravel "Origem das Especies", lendo e se entusiasmando por Malthus, no seu "Ensaio sobre o Principio de População", assim como Galton, o criador de Ciencia eugenica, a concebe, lendo a "Origem das Especies", de Darwin, seu primo, e, naturalmente, passando por Malthus. Donde se deduz a relação imediata entre a Lei de população e a seleção da especie pela Eugenia.

Donde se deduz a necessidade imprescindivel da educação sexual para ambos os sexos e mormente para a mulher, afim de que se capacite de que não é a filantropia, não é a caridade, não é a instrução superior, nem é o direito de voto e nem são os direitos civis e nem é o esporte, nem é o mundanismo elegante ou o sacrificio inutil da castidade absoluta que resolverão os problemas humanos ou os problemas individuais.

O problema humano no seu carater social é um problema sexual.

E a solução só pôde ser encontrada na liberdade sexual, na Maternidade conciente.

ABOLIÇÃO LEGAL DO DIREITO DE PATERNIDADE

"Os filhos de minhas filhas, meus netos são;
Os filhos de meus filhos, serão ou não?"
(Reflexões de uma avó... sabida.)

De Havana, nos chegaram telegramas alarmantes, sensacionais, e a imprensa comentou em largos protestos, a proposta apresentada ao Congresso Pan-Americano da Criança, pelo delegado de Cuba, Dr. Carlos Piñero, no sentido de abolição legal do direito da paternidade ou de se resolver uma questão legal para os filhos naturais.

Tal proposta foi atacada imediatamente, foi rejeitada in-continenti pelo Congresso, na atitude de defesa quasi agressiva dos delegados do Perú e Estados Unidos.

Consideraram-na como utópica...

Entretanto, é de presumir, saberem aqueles delegados que, biologicamente, todos os filhos são naturais.

A maternidade é fato verificado, real, natural, e a paternidade é que é utópica... algumas vezes.

O delegado cubano foi irreverente, declarando, tão alto, uma cousa que toda gente está farta de saber.

Daí, os protestos unânimes, a reivindicação patriarcal de um direito por vezes ridículo, dentro da moral social...

Os jornaes e no proprio Congresso, bradaram o protesto de que essa proposta determinaria a "criação" do regimen do matriarcado, em substituição ao patriarcado.

Mas, é tão absurdo pretender que uma lei escrita tenha o poder de "criar" ou determinar o aparecimento de novo ciclo na evolução social, como é absolutamente utópico pretender segurar a sociedade dentro de um regimen cadaverico, fossilizado, impôr o estacionamento, impedir as etapas naturais da evolução.

Os congressistas contrarios á proposta assustaram-se, aliás como os jornalistas que a comentaram em nome da gente honesta, certos de que as leis indicadas pelo representante de Cuba viriam a ser um golpe de morte na moral social.

Primeiramente, não serão as leis escritas, as leis dos homens que darão o golpe de morte nessa moral, já fossilizada e que, por si se destruirá, cedo ou tarde.

Não serão as leis dos "lycurginhos" modernos que abalarão os alicerces da nossa moral de escravos.

Façam leis, decretem codigos inteiros ou deixem de as fazer — e os individuos continuarão, imperturbaveis, a sua marcha ascendente na espiral da evolução humana.

Caminhamos para o Matriarcado, quer queiram ou não os paes de verdade, ou os paes da legalidade.

A "SAGRADA INSTITUIÇÃO"

A Instituição da Família, é cousa relativamente recente. Na *clan* ou *grei*, regimen comunista, primitivo, a primeira organização social, não ha a menor ideia de família. A criatura pertence á tribu ou clan, é do lugar em que nasce, parente de todos.

Estabelece-se o regimen social do "bairrismo".

Fóra daí, todos são inimigos.

Depois, vem o matriarcado. Já ha uma como noção de parentesco dos filhos com as mães. E', porem, indicio da propriedade de um dos "senhores" da mulher, o que móra, talvez, com ela, o que a "protege" e explora mais de perto. Todavia, "esse parentesco nada mais é do que uma garantia da propriedade de um homem sobre os filhos da mulher de muitos homens. Uma propriedade *uterina*".

Vem, em seguida, o regimen patriarcal.

O "senhor" é proprietario absoluto da mãe e dos filhos. Quando se casa a mulher, raptada ou comprada, passa a ser propriedade do marido e da familia dele. Aí, "ser mãe não constitue parentesco."

O homem tem quantas mulheres quer ou póde sustentar. Da poliandria passam á poligamia, até hoje em

uso, embora todos os louvores á monogamia... e á família, á sacratíssima instituição da família.

Questão de propriedade privada.

Ainda hoje, em toda parte — “família e propriedade são sinonimos.”

A mãe de família, etimologicamente, e de fato, era a “mãe dos escravos” do seu proprietario e senhor, com direito de vida e morte sobre ela e os filhos.

Esse ainda é o regimen actual... no sentimento mais intimo dos latinos — os matadores de mulheres.

A família, na sua origem, não é lá para merecer tanto respeito, tantos louvores, tantas homenagens.

E essa família, baseada no instinto de propriedade, na fecundidade da mulher — (a mulher esteril era severamente punida...) não merece que a defendamos, que a acatemos com a consideração que lhe dispensam o pulpito e os moraliteistas — interessados no cultivo da escravidão feminina para a exploração do genero humano através da sua santa ignorancia.

Ha estagios diversos na evolução do patriarcado, inclusive a transação bilateral entre os conjuges e até o divorcio, condenado desde esse tempo pelo cristianismo.

Depois, vem o casamento legalizado pelos romanos — os mais vorazes atores da rapinagem de todos os tempos. E são esses ladrões historicos que ainda nos ditam leis.

E' aí que, verdadeiramente, surge a família moderna.

A família origina-se do regimen da propriedade privada, do roubo e da herança — que tambem é roubo.

Começou com o rapto das Sabinas...

A família não é a base da sociedade, como se diz na “chapa” official dos vulgares defensores da “sagrada instituição”.

A sociedade sempre existiu e existirá, com ou sem a família.

Etimologicamente, convem repetir: “mãe de família” quer dizer — “mãe de escravos”.

Família é grupo de escravos de um senhor.

Hoje, continúa a ser a “mãe de escravos”, em uma accepção diversa, sob o ponto de vista social.

Que são os proletarios senão os escravos modernos, escravos da civilização industrial, escravos dos açambarcadores e adoradores do bezerro de ouro?

Qual é a função do Estado senão aliciar escravos para as guerras, através do idolo do patriotismo?

Que são os cidadãos do Estado, seja republica ou monarchia ou ditadura senão subditos, escravos, “carne para canhões”?

E a prostituição não será a geena da maior das escravidões sociais?

O Codigo de Napoleão, baseado no Direito Romano, é ainda o que prevalece entre nós: guerras, propriedade privada, rapinagem disfarçada.

E, de todas as propriedades do homem, a mulher é a mais cubiçada, a mais defendida por um egoismo feroz, ainda o mesmo egoismo do troglodita.

Daí, passar da vigilancia do pae (que guarda a sua virgindade como um capital), para “cousa possuida” do marido — que a pôde vender, emprestar, dar, explorar,

porém, que a mata, si ela, por si mesma, sem sua ordem, se dá a outro, ou si se quer emancipar da sua "proteção", da sua tutela.

E' na propriedade do "senhor" que se baseia essa cousa comercial, esse contrato legal, essa perversidade que se chama familia, santificada ainda pela religião que, sempre, em todos os tempos, foi a guarda avançada e feroz da propriedade privada.

A familia forma-se de um contrato injusto em que um dos contratantes não sabe o que faz, é apanhado de surpresa, e, durante toda a vida, é explorado pelo outro, espertalhão ciente de que pôde usar e abusar da sua presa inerme, cujo cerebro, cuja razão não funciona por inação cultivada, calculadamente, através do dogma religioso e das superstições e dos prejuizos sociais.

Resumindo, a evolução social segue, portanto, os ciclos de:

Bairrismo — Comunismo primitivo.

Matriarcado — Conquistas de guerra.

Patriarcado — Conquistas de guerra.

Patriarcado — Herança e produção individual.

Familia — Herança e produção individual.

Do patriarcado vem a propriedade privada, cujo esboço se verifica na fase do matriarcado.

A lei, nas relações sexuais, tem por fim assegurar o direito de propriedade de um senhor.

E a familia, a "sagrada instituição", é cousa assim de tanta importancia para se recusar uma situação legal aos filhos naturais?

Sem duvida, perante a lei, o Estado,

No que discordo do delegado cubano é que queira "legalizar" os filhos do Amor.

Eu os preferiria sempre fóra da lei: mais livres, mais belos, mais inteligentes, mais generosos: é a seleção natural.

Os filhos do casamento legal que não seja união por amor, excetuando talvez o primeiro, filho de uma nesga de ilusão e curiosidade, são, geralmente, filhos do descuido, do acaso, do dote, da herança, do comercio em suma, filhos do tédio, do comodismo, do habito ou mesmo do vicio.

E a mulher superior, a mulher moderna conciente, não a sufragista ou a literata dos salões "chics", a "bas-bleu" academica ou a campeã de esportes, mas, a mulher verdadeiramente superior — não mais quer ser a "mãe de escravos", e, por isso, se vae revoltando contra a ideia do "senhor", do proprietario legal.

Quer ser livre e quer livres os seus filhos. Daí a necessidade de aprender a ter coragem para regista-los como "filhos de pae desconhecido" — si esse pae não está á altura da paternidade conciente, e... talvez, fosse preferivel nem mesmo regista-los, não faze-los cidadãos, ser-vos do Estado e carne para os canhões...

E' o inicio do Matriarcado conciente.

Nascerão assim os verdadeiros filhos do Amor, os filhos da Maternidade desejada e não impôsta autoritariamente e aceitos servilmente no lapinismo sem protesto.

Depois, até aqui, no regimen do patriarcado, um "sedutor" (usemos das expressões da moral social...) "abusa" de sua namorada, da sua ingenua sinceridade generosa, ou pela astucia, pela força ou pelas promessas tentadoras de casamento; a "desgraçada" — que é de carne e osso — "cáe", fica "perdida", "deshonrada", e o "sedutor" nega-se ao dever da paternidade, recusa-se a dar-lhe "a mão de esposo."

E a mulher e sua familia exigem, por intermedio da policia, dos "bons costumes" — que obriguem o rapaz a se unir legalmente á "perdida", para "reparar o mal", e, neste caso, já não estará mais "perdida" nem deshonrada nem deshonesta.

Está tudo concertado com a intervenção da legalidade.

Extranha moral, extranhos costumes: si o rapaz é um "sedutor", covarde, si conquistou pela astucia, com promessas que de ante-mão estava certo de não cumprir, si "abusou", si se nega a "proteger" a "seduzida" — como é que a familia e a sociedade exigem que a moça ludibriada vá viver com similhante protetor e proprietario durante toda a sua existencia?

Que confiança póde ter e que esperanza de amor lhe restará após essa primeira próva?

Comercialmente ou dentro das relações de amizade, si nos encontramos com um individuo falso e que se quer aproveitar e explorar a nossa ingenua bondade, a nossa bôa fé ou a nossa pureza de intenções, dele nos afastamos para sempre, uma vez descoberto o tartufismo.

No casamento dá-se o contrario: a mulher, para se tornar "digna", tem de aceitar por marido, o individuo covarde que a maltratou brutalmente no corpo e nos sentimentos mais delicados do seu coração amoroso.

E que vae dizer ao filho, a respeito da atitude de seu pae, querendo repudia-lo, antes de nascer?

Será hipocrita, si ensinar-lhe o respeito e a consideração por essa especie de pae.

Será indiscreta e perversa, si alimentar o resentimento entre o pae e filho.

Situação intoleravel para todos tres, ligados por sentimentos indesejaveis, na atitude da defesa aggressiva...

E é essa moral que a familia, "instituição sagrada, divina, legal", defende encarniçadamente, e que os "bons costumes" solidificam através da policia e dos preconceitos sociais.

A familia verdadeiramente constituída será a que se basear na Maternidade Conciente, na livre escolha da mulher ao eleger o pae para o seu filho, ou o companheiro do seu Amor.

Essa é que ha de ser a base das relações sexuaes e do Amor no novo ciclo da evolução humana.

E é só dos individuos livres essa coragem de ser anti-social para colocar-se fóra da legalidade e dos preconceitos.

Já um exemplo ou outro se verifica na sociedade da America Latina, entre mulheres concientes ou intuitivas:

em vez de matarem o fruto dos seus amores ilegais — como prefere a moral corrente, elas procuram conscientemente o prazer delicioso da maternidade livre — para não fabricarem escravos de proprietarios e senhores exclusivistas capazes de, acobertados pela lei, privarem as mães da convivencia com seus filhos, roubando-os covardemente ou rehavendo-os á força, pela “justiça” dos homens.

E um ou outro pensador (e já são muitos) e algumas mulheres heroicas reivindicam para a mulher, o direito e o *devêr* de ser mãe fóra da lei e das convenções sociaes.

Devêr, porque, para cada mulher bem instalada legalmente na vida social, milhões de mulheres estrebucham na miseria e na prostituição das rotulas e das calçadas.

O bem estar de cada uma é assentado por sobre a angustia dolorosa da procissão dos tristes, dos miseraveis, dos solitarios, dos famintos de pão e amor.

Será o inicio do despertar das consciencias para uma forma de ética mais alta, para uma escalada maior da evolução humana.

Não é, pois, novidade, o delegado cubano predizer em um Congresso, o desaparecimento do casamento legal como base das relações da familia.

Todos os presentem e é justamente a razão por que os interessados na conservação do regimen da exploração do homem pelo homem e da mulher pelo homem veem, na attitude agressiva de defesa, protestar contra a li-

vre expansão do pensamento humano em busca da liberdade e do Amor.

Estou convencida de que o delegado cubano sabe que a lei não é e nem será nunca a propugnadora desses magnificos acontecimentos nos ciclos dos estadios da evolução humana. O que ele quiz foi divertir-se com os protestos dos congressistas, com o grito de alarma da imprensa assustada, com a expressão fisionomica de todos os paes absolutamente convencidos da sua paternidade, reclamando os seus justos direitos legais e esquecendo-se dos filhos do descuido e da necessidade vulgar de variar, semeados ao léo, fóra da lei.

Como nos diverte, ás vezes, a comedia humana! E mais divertiria, não fóra os oceanos de lagrimas queimando as faces de tantos desgraçados, homens e mulheres.

Mas, com ou sem leis, quer queiram quer não os moraliteistas de béca, espada ou sotaina —os individuos concientes, agitados exteriormente no turbilhão voraz do progresso material, todavia imperturbaveis na sua órbita em obediencia a energias interiores, a Leis naturais mais altas, percorrem e percorrerão as suas etapas evolutivas na espiral da vida, no perpetuo vir-a-ser — em busca de harmonia, de uma beleza maior.

QUE E' EMANCIPAÇÃO?

Dentro desta sociedade, em que se compra o pensamento, o amor e a consciencia, é lá possivel falar-se de emancipação humana?

E, si o homem é escravo do homem, através do salario, e, si a mulher é duplamente escrava, do homem e do salario — como podemos pensar na emancipação feminina dentro do regimen legal burguês-capitalista, no qual a função da mulher se limita a maquina de prazer ou de trabalho ou a fabricar a carne para os canhões vorazes?

Mas, a expressão usada na literatura, no jornalismo, na cathedra, no pulpito, para dourar a pilula engulida pela idiota milenar, não será "fabricar as carnes para os canhões", e sim, fala-se na "maternidade sagrada", "direitos das mães" (só dentro da lei, já se vê), "deveres para com as mães", "dia das mães", "rainha do lar", "educadoras dos cidadãos de amanhã", — todas essas chapas convencionais — afim de arrastar a deusa e santa, através dos filhos, para o açougue canibalesco donde os grandes e os poderosos extraem a materia prima com que encher as suas arcas vorazes e com que comprar cortezãs carissimas e posições espetaculosas no cenario social.

Nesta sociedade, a mulher, ou tem de ser a fabricadora de carnes para o Melcart da guerra ou das revoluções, de fauces escancaradas e sangrentas em tempo de paz tanto quanto em época de luta armada, ou terá de ser a "virtuosissima cortezã dos salões (casada legalmente, mas, geralmente prostituida na alma muito mais do que no corpo) — para o goso dos elegantes cidadãos patriotas e cristãos civilizados, ou dos sultões do harem da monogamia de comediantes.

Falhando essas duas hipoteses, terá de ser a prosti-

tuta fabricada pelo mesmo cinico que a tirou, menina, das camadas populares, que a comprou de qualquer caften e irá aumentar o cortejo das que teem por missão saciar a fome bestial do senhor de escravas brancas, assalariadas para a venda de sua carne.

Si ainda falhar essa hipotese, (e tudo é questão de sorte, acaso, destino), será a desgraçada solteirona historica, a criar cachorrinhos ou titia de sobrinhos malcriados.

Si falha tambem essa hipotese, ha outra: a da besta de carga, a proletaria, explorada no trabalho, noite e dia, pela exigencia da familia — cheia de necessidades.

E' inutil pensar em fugir de qualquer das hipoteses.

A mulher tem de cair em uma dessas rêdes.

A solteirona podia falhar ao seu destino, si se resolvesse a deixar de ser o relicario famoso da honra da familia. De todas as hipoteses, é a mais deprimente e a mais tôla — pela ingenuidade, pela ignorancia, pela idiotice com que se sacrifica inutilmente, passando a ser motivo de ridiculo e zombaria de toda a familia, por quem se sacrificou, e de toda a sociedade, que impõe o sacrificio a quem não tem coragem para se tornar livre, consequentemente: anti-social.

A mulher não passa de cousa, "bibelot", lúlú da Pomerania, animal de tiro, maquina de prazer, procreadora na maternidade imposta, inconciente, de cidadãos para a defesa sagrada da patria dos histriões politicos — tambem presos aos cofres dos altos industriaes, reis do aço, do petroleo, do carvão, da borracha ou do café.

É sempre a explorada pelo homem, como ambos são explorados pela organização social de privilégios e convenções.

Dentro de tal regimen, quem quizer emancipar-se, ou melhor: quem quizer caminhar para a sua realização, tem de desertar da sociedade, ser individuo anti-social, colocar-se fóra da lei e dos preconceitos de uma civilização envilecida de crimes e de baixezas.

A organização social baseada no capital e no salario, na exploração do homem pelo homem, civilização de industria, nunca emancipará nem ao homem, quanto mais á mulher.

Não ha absolutamente ilusão alguma para os que vêem menos superficialmente o caminho errado seguido pelos homens arrastando as mulheres em direção á loucura da voragem de todas as degenerencias — para o suicidio coletivo da humanidade, cada vez mais acorrentada á geena de necessidades perfeitamente dispensaveis, inventadas pelos industriais, os mercadores do fantastico mercado do genero humano.

A concorrência comercial, a ambição incomensuravel dos que buscam acumular sempre, mais e mais, em detrimento de todos, a megalomania do poder e da autoridade, a correria louca de toda gente em busca dos prazeres e excessos sensuais — tudo é um passo para as guerras, para as revoluções, para o descontentamento geral, para o assalto ás posições já ocupadas — a busca do gozo material num delirio de baixo sensualismo — que é bem a amostra do degenerar de todas as fibras mais

sensíveis e mais admiráveis das energias interiores, dos seres humanos.

O homem deixou de ser homem para ser maquina dispersadora de forças fantasticas, inutilmente, cujo objetivo, cuja finalidade se resume em inventar necessidades illusorias, complicando cada vez mais a vida, em um esbanjar de energias que assombra, exclusivamente voltado para o progresso material.

E esse progresso é a morte, a escravidão de uns, a ociosidade de outros, a degenerencia de todos.

Do progresso material resultam as guerras, cujo pretexto é o idolo da Patria (idolo exigente, Moloc insaciavel como todos os idolos) e cuja razão de ser vamos buscar na concorrência comercial, nas Bolsas e nas grandes usinas de armas, nos cofres fortes dos donos da humanidade, escravizada ao bezerro de ouro.

Dentro da sociedade capitalista a mulher é duas vezes escrava: é a protegida, a tutelada, a "pupila" do homem, criatura domesticada por um senhor cioso e, ao mesmo tempo, é a escrava social de uma sociedade baseada no dinheiro e nos privilegios mantidos pela autoridade do Estado e pela força armada para defender o poder, o dominismo, o industrialismo monetario.

Assim pois, socialmente falando, dentro do regimen do Estado burguês-capitalista, todos são escravos, todos são exploradores e explorados, ninguém pôde conhecer o que seja emancipação.

É uma civilização de escravos a sociedade que de-
créta

UMA MORAL PARA CADA SEXO

E como? Sob o ponto de vista biológico, não são dous seres da mesma especie? Sob o ponto de vista psicológico, não luta, cada qual, com os mesmos complexos afectivos?

Como não mostrar á mulher o preconceito que a póde levar ao manicómio ou á imbecilidade (que o diga a psicanalíse!), como não dizer-lhe que não passa de escrava do imenso harem social, guardada em cada canto pelos eunucos Moraes da virtude da gente honesta, dos bons costumes, capazes de a expor ás maiores humilhações e ás mais abomináveis torturas e ás mais terríveis angustias, capazes de leva-la aos crimes do infanticídio, tanto que se salvem as apparencias?

E, por que não vêr a vida por outro prisma, a grandeza maravilhosa do amor sob todos os aspectos, a beleza da fecundidade conciente, as leis de atracção universal, e como não tentar educar o homem para compreender e sentir comovidamente, o gesto livre e nobre da mulher que se dá por affecto, em vez de esperar, fingidamente serena, numa timidez hipocrita, que a colham "como a uma flôr" (na expressão dessa litteratura adocicada a Julio Dantas) ou que a deixem atirada á inominável angustia da tragedia da solteirona?

Ninguem ignora que "todo organ corresponde a uma função e que toda função organica é indispensavel para manter a harmonia geral." Não se compreende a excepção feita para os órgãos genitais femininos — si nelles se condensa toda a razão de ser da multiplicação da

especie, toda a razão de ser da vida no ciclo da nossa evolução.

Entretanto, si atestam o anatema de "l'eternelle blesée", si afirmam todos, que a vida da mulher depende de seus órgãos de reprodução, si todos se julgam sufficientemente conhecedores do assunto para terem o direito de analisar a mulher como um ser doente periodicamente devido ás suas funções organicas, caracterizadas pelos órgãos sexuais — a sociedade civilizada e moraliteista e a sua respectiva "celula mater" — a familia — convencionaram, para a defesa dos privilegiados, que: a vida sexual da mulher é "qualquer cousa de facultativo, perfectamente dispensavel, não importando em que idade", enquanto o homem se defende decretando as suas necessidades mais urgentes e invariaveis, e perenes, contra as quaes nenhum obstaculo é bastante forte para o desviar de viver a sua vida integral na escala zoologica.

Nada mais prejudicial á especie, nada mais criminoso em relação aos individuos do que essa coerção aos instintos da mulher, coerção unica e a mais abominavel verificada em o reino animal.

Essa abstenção forçada pelos prejuizos sociais afeta, de preferencia, o sistema nervoso e o aparelho digestivo, consequentemente, todo o organismo e toda a vida psiquica.

Que o diga Freud, que o digam os manicómios e os conventos.

Seria necessaria ainda uma investigação nos hospícios de alienados?

Na Salpêtrière, entre 1.726 loucas, 1.276 eram solteiras (Jean Marestan).

Tudo isso, por demais conhecido, não inflúe nos bons costumes moraliteistas da gente honesta de toda a cristandade civilizada e piedosa.

Que as mulheres se estrebuchem, que a psicanalise amontõe fatos empilhados aos milhares, que as famílias carinhosas amordacem os seus casos tristes, que aumente a clientéla das "faiseuses d'anges", que os vícios inconfessáveis se alastrem entre a gente virtuosa, contanto que se dê satisfação á sociedade e se evite "o que poderiam dizer".

O problema não cabe nos limites de umas paginas. Demais, aqui, não o abordo em cheio.

E tem mais faces dolorosas. E' "o drama de ser dois", e homens e mulheres se afastam cada vez mais um do outro, porque, cada qual quer modelar o companheiro pelas suas aspirações e pelos seus gostos pessoais, duas pobres raças sociais que se degladiam e se amam, que se querem e se irritam mutuamente, a ponto de não tentarem, por incapacidade alternativa, o entendimento mutuo.

Tragedia de ser dois...

E carecemos de estoicismo. Temos de aceitar as criaturas tais como são, incondicionalmente, com os seus defeitos e as suas qualidades.

Defendendo ferozmente a individualidade propria, conservando a pureza de principios interiores, temos de condescender com as imperfeições dos outros, dos que evolucionaram por escalas diversas, dos que seguem ru-

mos e cruzeiros mesmo antagonicos, si essas criaturas teem bôa vontade e se esforcem tambem pela propria realização.

Muitos são os caminhos... e a missão de nós outros, é, quem sabe? aplainar todas as encruzilhadas para que cada qual se realize segundo as suas possibilidades, e nunca procurar complicar, cada vez mais, as dificuldades e os tropeços e o cansaço da ascensão.

Neste periodo extraordinario de enervamento, degenerencia e desequilibrio social, os tipos de individualismo variam consideravelmente, multiplicam-se em pontos de vista que se desdobram pelo infinito além: ninguem se entende, não ha duas criaturas superiores que se harmonizem perfeitamente em ideias e sentimentos, mesmo porque a duvida avassalou tudo e ha lutas formidáveis, tragedias fantasticas na vida interior de um mesmo individuo, o qual, raramente, excepcionalmente consegue equilibrar, harmonizar o seu pensamento, a sua sensibilidade ética e as suas ações.

Que milagre, que prodigio maravilhoso não é, pois, o encontro de duas harmonias sublimadas no grande amor! São pouquissimos esses eleitos. Quasi todo o genero humano passa pela vida sem viver o verdadeiro Amor, essa "afinidade eletiva" integral, sonhada docemente pelos poetas e pelos visionarios, pelos amorosos e idealistas da santa utopia de uma sociedade mais pura.

Que bondade é necessaria, que imensa bondade precisamos exigir de nós mesmos, para sentirmos a grandeza de outra criatura, para a amarmos incondicionalmen-

te, respeitando a sua individualidade para podermos conseguir que também ela respeite a nossa individualidade.

E' o problema sentido maravilhosamente por Han Ryner, o filosofo do "sorriso da duvida e da musica do sonho"...

E A ESCRAVIDÃO SEXUAL?

Parece incrível que os órgãos sexuais da mulher é que determinam a sua exploração, sob a tutela e a proteção do homem.

Entretanto, afirma a medicina que nada é mais difícil do que verificar a virgindade autentica.

A nada é tão fragil e tão ilusorio.

E do himen nasce a exploração sexual.

A mulher não é dona de seu proprio corpo, e, ainda agora, não sabe ser, não quer ser.

A literatura, as religiões, a astucia masculina criou e a cretinice feminina aceitou e repete, gostosamente, as expressões: belo sexo, rainha, deusa, santa, anjo, sexo sentimental, tantas outras palavras criadas para afastar a razão feminina do verdadeiro sentido da vida.

Parece incrível que um homem de mediana inteligencia possa ainda curvar-se, religioso, ante o altar da himonolatria.

As cousas aprendidas na alta missão social de imbecilizar os individuos, nos escravizam até a cretinice. E o vocabulario da literatura enriqueceu-se com tal fetichismo.

Palavras doces, delicadas, diafanas, envolventes,

mas, a literatura e a religião se esqueceram de que essas expressões não conseguem extirpar a necessidade fisiologica que a natureza teve a preocupação de pôr nos órgãos da multiplicação da especie.

Anjos, deusas de carne e osso, sem asas imponderaveis, podem, com órgãos exigentes como todos os dos outros animais.

E a natureza se vinga, quando é desrespeitada: histeria, beatice, amor-paixão aos animais e vicios — são provas inequivocas de que nos desviamos da vida natural.

Mutilaram a mulher, através dos preconceitos e das convenções sociais: fizeram dela um ser incompleto e desgraçado no tipo solteirona e resolveram o problema sexual masculino, organizando o mercado das relações sexuais, a prostituição, os "cabarets" e casinos, as casas de tolerancia, os "recursos", os rendez-vous" e o castismo.

E' barbaro o prejuizo da virgindade, da castidade forçada para o sexo feminino, castidade imposta pela lei e pela sociedade, como é barbara a prostituição "necessaria" para resguardar a "pureza" da carne das "jeunes-filles" — (como si a carne virgem contivesse a pureza da conciencia, a pureza da alma,) — e para saciar os esfomeados de todas as idades e de todos os estados civis. Também é selvageria a maternidade não desejada, a maternidade imposta pelos maridos comodistas ás mulheres ignorantes e duplamente sacrificadas.

E' irrisoria a ideia da emancipação feminina dentro

da sociedade movida pela cupidez do ouro, pelo delirio erotico do progresso material.

Civilização de castismo do amor e das consciencias, em que todos são cúmplices — vendedores e compradores, os que auferem lucros e os que gozam neste imenso mercado de escravos.

SOB O ASPECTO BIOLOGICO,

chegou-se á conclusão de que nem o homem nem a mulher conseguem elevar-se ás alturas onde pairam investigações delicadas da alma humana, nem chegar á compreensão da vida em todas as suas admiraveis e multiphas perspectivas, si se conservou virgem do contacto de outra criatura do sexo oposto.

E' uma mutilação, e a vida humana é a expansão de todo o nosso ser, o exercicio de todos os nossos órgãos, dos sentidos, de todo o complexo afetivo e psicologico.

Não se podem discutir as exceções geniais.

Nem é preciso respigar dos cientistas para saber que a saude do corpo e a integridade da vida psíquica está intimamente ligada aos órgãos da reprodução da especie.

E, "ignorar a necessidade do comercio sexual para a saude e a virtude do homem e da mulher, é o erro mais fundamental da nossa filosofia medica e moral", diz o eminente cientista inglês Dr. George Drysdale, da grande linhagem mental de Malthus e Darwin.

E' a "lei do exercicio". a lei fisiologica por excellencia,

A nutrição de cada órgão do nosso corpo é favorecida pelo exercicio.

Até ás secreções, as glandulas, estão sob a dependencia da lei fisiologica do exercicio dos órgãos e das emoções.

Musculos, nervos, glandulas e respectivas secreções, tecidos, todo o corpo, todo o ser no seu conjunto organico e emocional está mutilado, doente, incompleto, paralizado, si não vive a vida integral, a vida fisiologica, sentimental afetiva e mental.

Daí o não concordamos com a joven e já illustre escritora castelhana — Federica Montseny — ao fazer de Clara um tipo perfeito tanto quando o concebe em a mulher de amanhã, admiravel, incorruptivel, forte e bela fisica e mentalmente, mulher emancipada da emancipação artificial de votos e burocracia e esportes, emancipação ficticia com que a sociedade se incumbe de a enganar, de a ornar para que se esqueça da sua verdadeira emancipação e para que seja captada a energia feminina entre as forças do passado reaccionario em defesa das "verdades mortas"; mulher que se libertou de todos os "detetives moraes" da sociedade ou da opinião publica e até da "Censura" interior — para ouvir a voz da sua consciencia clarividente, mulher preocupada com altos problemas cientificos e sociologicos, sã de corpo e de mente, e, contudo, mutilada nas necessidades organicas, vivendo inteiramente entregue á solução dos problemas humanas, sem sofrer as consequencias da castidade no sentido absoluto.

O que sabemos de fisiologia é que os órgãos condenados a não funcionar provocam o desequilíbrio de todo o organismo.

Sabemos o que são os eunucos e, conseqüentemente, o que representam os testículos na vida do homem. Sabemos o que são os ovários na vida da mulher.

Que o diga a fisionomia das solteironas autênticas, depois dos 25 anos, ás vezes antes, que o diga a sua ressurreição orgânica integral, si após, resolvem o "seu" problema, de qualquer forma, dentro ou fora da lei.

Não ha familia que não tenha o seu caso doloroso de nevrose em meninas ou nas pobres solteironas. E quasi sempre a histeria ou quaesquer outras manifestações nervosas e mentais continuam a devastar os nervos e todo o organismo pela vida a fora, mesmo si se casam essas mutiladas: é que o mal irrompe após o trabalho lento, devido á continência prolongada, e já os órgãos se haviam prejudicado enormemente, produzindo forte impressão na vida psiquica.

Jean Marestan, no seu magnifico livro "L'Educa-tion Sexuelle", diz que "entre as mulheres indús que sabiamente se casam desde o aparecimento das regras, a histeria é, parece, quasi desconhecida, ao passo que é comum na Europa, onde numerosos são os excitantes ao amor, porem, onde os costumes lhes recusam satisfação durante uma parte da mocidade e, por vezes, durante toda a vida."

A INICIAÇÃO SEXUAL PARA AMBOS OS SEXOS

E é logico: "havemos de morrer de fome, si não encontramos o prato que mais apreciamos?"

Por que não tentar nova experiencia amorosa, si a primeira falhou, matando algumas das nossas ilusões mais caras?

Ninguém pergunta ao homem pela sua vida sexual antes do casamento (e pela existencia a fora...); pelo contrario, é ridicularizada a virgindade masculina e todos são unanimes em achar necessario o tirocinio na questão e é mais que razoavel e ha toda condescendencia para os "pecados" da juventude masculina.

Na sociedade dos países escandinavos, como na Alemanha, na Russia, no norte da Europa geralmente, nos Estados Unidos ninguém mais indaga dos gostos, das predileções ou das experiencias amorosas anteriores — quando procura realizar uma nova experiencia ou a felicidade dentro da liberdade no amor.

Aliás, todos os "casos" se devem resolver segundo as possibilidades individuais

Que cada qual solucione o seu problema, como puder ou como o entender.

Mas, para encontrar o "homem", "esse homem" que todo o nosso ser deseja através de um sonho delicioso e prometedor de integração, é preciso formular um ideal de amor, procura-lo, "saber distingui-lo"; do contrario, corremos o risco de estiolar o nosso organismo, de adormecer a sensibilidade, de mutilar o nosso corpo e esma-

gar o nosso sonho, de matar as aspirações, de embotar as faculdades mentais e sentimentais no tipo "solteirona", fazendo de nós uma criatura fora das leis biológicas, fora da natureza, uma nota desafinada no concerto universal.

Não ha nenhuma criatura humana que passe pela vida sem sentir ou sem provocar a atração de um individuo do sexo diferente.

A lei de atração e repulsão, a lei de gravitação universal é generalizada, abarca os mundos, os seres organicos, todas as cousas no macrocosmo como no microcosmo.

Si, sob o ponto de vista afetivo psicologico, a escolha é difficil e o gosto feminino, talvez mais exigente, si o nosso sonho sonha a perfeição, tanto quanto possivel, ou a harmonia paralela á nossa harmonia interior, a natureza, por sua vez, serve-se do instinto, das nossas criptas subconcientes para as suas leis de atração e repulsão, em prol da multiplicação da especie.

E nos obriga a pagar tributo caro, si a desrespeitamos, cometendo nós os "pecados fisiologicos", os crimes de lesa-natureza que os animais, os chamados irracionais estão longe de perpetrar.

E, sob o ponto de vista ético, por que razão a mulher não pode ou não deve colhêr das experiencias amorosas o mesmo poema, o esforço, a luta, uma batalha, o cinzelar da estatua interior e uma vitoria dentro de si mesma?

Porque a mulher, em busca do grande Amor, em busca dessa verdadeira "afinidade eletiva" integral, que,

para mim, é o poder de combinação, é a atração sob todos os aspectos, é a harmonia e o equilibrio, é a independencia mutua através da interdependencia afetiva de todos os complexos psicologicos, é a atração eletro-magnetica, sentimental e mental de dois polos que se buscam e de duas linhas de evolução paralela que se encontram e se completam, — por que a mulher, buscando esse milagre de felicidade, não tenta a experiencia amorosa através das leis de atração universal, colhendo o que lhe parece mais superior, mais perfeito, mais belo, mais harmonioso?

**

E' erro sob o ponto de vista fisiologico, a ideia de que a castidade absoluta conserva toda a energia vital do individuo — para que possa entregar-se de corpo e alma á atividade mental, e que toda soma de forças poupadas na continencia sexual forçada pode ser aproveitada na vida intelectual.

A vida sexual não exclue a castidade.

Si os excessos de qualquer natureza são sempre prejudiciais, tambem o repouso absoluto de um orgão ou o seu não funcionamento traz os mesmos inconvenientes, quiçá mais graves.

A preocupação constante, a ideia fixa, o poder da vontade applicado a vencer a natureza, desrespeitando-a — produz "fobias", doenças imaginarias, desordens organicas e é, consequentemente, empecilho á atividade intelectual prolongada.

Todos nós conhecemos a historia dos monges da Tebaida, os escandalos dos conventos, a histeria, os estigmatismos e a exaltação mistica doentia ou anormal dos santos e santas da Igreja.

Explique-se como quizer, quer se entre no dominio da psico-patologia, das forças do chamado inconciente ou da metafisica, o que é certo é que o alcool ou a morfina, o opio ou a cocaina — excitantes ou entorpecentes ou venenos e até a sugestão podem produzir exaltações do mesmo genero.

A abstinencia forçada parece agir no organismo de certos temperamentos, como esses entorpecentes momentaneos e fatais.

Encontramos, por vezes, nomes de grandes artistas e eminentes cientistas como sendo celibatarios, ingenuidade que não vem ao caso: celibato não quer dizer castidade perpetua . . .

Assim, é difficil, é quasi impossivel que uma mulher ou um homem conserve toda a integridade fisica e mental, toda a serenidade de espirito para as investigações scientificas e éticas — si vive só, sem um afeto mais intimo, sem satisfazer as necessidades fisiologicas inherentes ao sexo, para a mulher, principalmente, as necessidades de ordem afetiva-sexual.

Agora, satisfazer as necessidades sexuais não é cair no extremo oposto, viciando-se — tal como se dá com a maioria do genero humano, transformando uma função organica em atos repetidos e multiplicados de libertinagem ou luxuria, sem nenhum dominio sobre os sentidos.

Mas, a ansiedade contra a qual impossivel lutar, uma inquietação absorvente, o desassossego de quem espera indefinidamente, o "surmenage", a melancolia, a misantropia, as desordens do aparelho digestivo — eis a estrada larga e angustiosa percorrida pelo intellectual que tenta fugir de exercer todas as suas funções organicas ou que está impedido, por qualquer motivo, de viver a vida em toda a plenitude organica, afetiva e mental.

Para a mulher superior é, de fato, complexa, difficil a solução do problema, no meio latino de protetores e senhores, cavaleiros andantes, moraliteistas farisaicos, cristãos monogamos a representar a comedia do tartufismo da civilização unisexual.

Si não encontra esse grande amor, essa "afinidade eletiva" que é todo o seu sonho de cada instante?

Mas, e a integridade da sua saude, para a qual urge tomar providencia imediata, conforme o seu temperamento?

E a luta interior, a luta contra o preconceito enraizado, contra o que nos ensinaram, o que herdámos, contra tudo que é artificial em nós, contra a timidez aprendida e milenar e que não passa de requintada hipocrisia através da educação dos "bons costumes"?

E a rotina, a moral dos escribas desta sociedade que sabe de tudo isso, porem, prefere o que é feito ás escondidas, e exige, publicamente, o "recato" da mulher e a mimoseia com epítetos os mais deprimentes, os mais humilhantes, si ela não espera que a colham, "como a uma flôr" para enfeite de uma lapela . . . e si se dá ao eleito,

procurando viver a sua vida e evitando, assim, a consequencia desastrosa para a sua saude fisica e psiquica?

Demais, quantos milhares de mulheres baixam á sepultura, envelhecidas de esperar em vão que as colhessem "como uma flôr"?...

E' perfeitamente inutil esse sacrificio contra a natureza, esse "pecado fisiologico" imperdoavel, não mais condizendo a moral dos nossos dias com os conhecimentos biologicos, com a psiquiatria, com a psicanalise, com os esforços ingentes que vem fazendo a mulher para se libertar de todos os "detetives moraes" que a prendem, brutalmente, á geena das convenções sociais.

Si é difficil entre nós, latinos, a solução do problema feminino, si é amargura e tormenta interior o drama da emancipação da mulher, si as precursoras se sacrificam anatematizadas por uma civilização de castismo oficializado, não é desesperador si olharmos o problema na sua verdadeira face que é o prisma individual, porque ha individualidades masculinas de grande valor ético e de admiravel sensibilidade que procuram a solução para o seu problema afetivo, alarmadas de não encontrar o tipo mental feminino que as complete para a harmonia a dois. Ha uma quasi tragedia nesse desencontro...

São mais raras: o homem se contenta mais facilmente. A natureza os fez apenas para fecundar no plano fisico... e tal exigencia fecha-lhes o cerebro na apreciação da mulher. Só os sentidos amam no homem. Embora o seu protesto veemente deante da mulher superior pela elevação ou pela cultura, o homem, si procura, si se entusiasma pela mulher intelectual, ainda é a exigencia

dos sentidos a prever um "caso" original, uma emoção mais requintada, um prazer diferente, a vaidade dos casos singulares... A exceção masculina é quasi a divindade...

Está sempre de pé a tragedia dos sexos, o drama de ser dois: a mulher ama com o coração, com a sensibilidade afetiva.

A SOLUÇÃO E' INDIVIDUAL

Não creio em um progresso coletivo, na felicidade, na harmonia social. A evolução ética, considerado o conjunto humano, é quasi ou inteiramente nula.

O que nos parece progresso moral, é, as mais das vezes ou quasi sempre, uma mudança de atitude baseada na hipocrisia — a virtude social por excelencia: é a perversidade mais requintada.

E dantes, uma figura de sacrificado era alçada aos visos dos mais altos cumes historicos. A taça de cicuta de Socrates — o corruptor da mocidade — ilumina ainda hoje as veredas ardentes dos utopistas do idealismo renovador. Hoje, os Ferrer, os Sacco e Vanzetti contam-se por numeros, são centenas os corruptores e seu martirologio já não deixa um traço de luz tão forte nas consciencias.

Habituaamo-nos aos crimes inominaveis dos reacionarios. Modernizamos os supplicios, e, a cadeira electrica impressiona menos que a taça de cicuta. Orgulhosos de pôr a ciencia e as forças naturais a serviço da perversidade organizada legalmente e com o nome pomposo de

progresso material, quasi nos envaidecemos dos nossos meios scientificos, e a eletrocução é tema para fazer esquecer as figuras delicadas dos sonhadores e utopistas devorados pela reacção bestial, requintadamente civilizada.

Não ha senão alegria interior, felicidade individual. Só podemos aspirar ao progresso moral de cada individuo considerado como unidade.

Nesse caso, a mulher tem de proceder como os individualistas livres, si tem carater, dignidade, si é conciente, si reivindica o direito de viver, o direito de criatura, de ser humano, e até o direito de animal na escala zoológica.

Desprezará "o que poderiam dizer" e procurará dar expansão a todas as suas energias interiores, a todos os impulsos do seu coração, a todos os seus sentimentos nobres e irá colhêr, na vida, o perfume que a vida oferece, na taça da liberdade de pensar e agir, a quem tem coragem para ser anti-social e viver o sentimento humano... fóra da lei.

A mulher terá de deixar as suas tôlas e infantís reivindicações civís e politicas — para reivindicar a liberdade sexual, para ser dona do seu proprio corpo.

E' a unica emancipação possivel, dentro da civilização — mercado humano, tronco de escravos.

Emancipar-se economicamente ganhando a vida pelo seu trabalho e emancipar-se pela liberdade sexual.

E' o inicio do Matriarcado.

A vida social segue uma espiral subindo, lentamente, gradativamente, mas, passando por etapas já verificadas em outras civilizações.

O Matriarcado é a volta ás leis naturais: os animais nos dão exemplos frizantes dos direitos primordiais das mães.

Mas, o Matriarcado agora, conciente. Não mais o comunismo primitivo, porem, a liberdade de amar.

E' biologico, é humano, é natural a mulher reivindicar a posse de seu corpo, aliás, todos os animais gozam desse direito.

A mulher vae compreendendo, felizmente, que as leis são feitas pelos homens e para os homens — sexualmente bem instalados na vida — e que só visam o bem estar, a liberdade, o prazer e o patrio poder do sexo forte, em detrimento do sexo fraco, que, por ser fraco, tem de aceitar a protecção nessa partilha leonina.

E, afetiva, sentimental, si deseja o amigo, o companheiro, não suporta mais o dono, marido, proprietario legal.

A mulher de carater, a mulher superior sente a humilhação a que se submete no casamento. Acompanha a historia dolorosa, a "via crucis", a tragedia do sexo feminino através de todas as civilizações e vae tomar caminho oposto.

Si a apontam como imoral, como corruptura de costumes, isso lhe não importa. E' individualista, reivindica o direito á vida, o direito á alegria de ser alguma cousa mais do que objeto de compra e venda, dentro ou fóra do casamento.

E' a luta aberta, deserção da sociedade, é o collocar-se inteiramente á parte, vivendo a vida simples, dentro de uma moral bem mais humana, como um ser que volta

ás leis cósmicas — as unicas dignas de respeito, as unicas merecedoras do nosso culto, da nossa admiração, do nosso entusiasmo.

E a “mãe de família”, etimologicamente: “mãe de escravos” (que ironia tremenda!) mãe dos cidadãos defensores da patria, mãe da carne para canhões começará a perceber toda a exploração de que tem sido vitima, e, transmitirá ás suas filhas, a coragem de se bastar a si mesmas na luta pela subsistencia, o sentimento da dignidade humana no gesto solidario para com todas as mulheres. Não consentirá em assentar a sua felicidade na exploração organizada das suas irmãs e ganhará a convicção de que só através da liberdade é que se conhece o verdadeiro Amor e a verdadeira emancipação — que é a realização das nossas possibilidades individuais, a expansão da nossas energias voltadas para uma finalidade mais alta: — perfectibilidade interior, o “conhece-te a ti mesmo, para aprenderes a amar.”

E, longe de se degradar a mulher, defendendo os seus legitimos direitos á liberdade de amar e á maternidade livre e conciente, diviniza-se, eleva-se á altura das suas possibilidades latentes.

Lembremo-nos do que disse Havelock Ellis: “As atividades sexuais do homem pertencem, não a essa parte inferior da nossa natureza que nos rebaixa ao nivel do “bruto”, mas, a essa parte mais nobre, a qual nos eleva em direção a atos, os mais delicados, a ideais os mais puros segundo a nossa aptidão para os conceber.” (The Psychology of Sex.)

E a liberdade sexual da mulher será a conquista suprema que remodelará por completo o velho mundo.

E' através da Maternidade conciente que se vão esboçar os contornos iluminados de uma vida nova: seria o exterminio das guerras, da fome, dos prejuisos sociais funestos a todo o genero humano, é o combate aos crimes passionais, é a extinção da prostituição e do crime não menos inominavel da castidade forçada para a mulher solteira e da maternidade imposta á ignorancia da mulher casada, é o exterminio do infanticidio, é a questão resolvida da lei de população.

“O problema humano é uma questão sexual”. A pedra angular para o edificio de uma grande civilização por sobre os escombros da nossa moral de escravos — seria a liberdade sexual da mulher.

A primeira e decisiva conquista será, já o disse, a emancipação economica feminina, para trabalhar e viver livremente ao lado do homem, sem a qual não póde ser senão escrava.

Depois, a supressão das futilidades, do luxo, causas importantes da sua escravidão.

Só é verdadeiramente emancipada a mulher que deixou de ser “femea” para ser mulher.

Depois, tendo a mulher o encargo e a responsabilidade maternal, é justo e é logico que seja livre de escolher o pae para o seu filho.

Tem bem razão Victor Margueritte — (“Ton corps est à toi”) — quando diz: “O unico meio de preservar do aborto o futuro, é que toda mulher, de ora em diante, não seja mãe senão quando queira.”

E mais: si o amor é a preocupação absorvente e única da vida feminina, pela natureza afetiva e sentimental da mulher e, si a ela incumbe a educação da criança, da juventude, e o papel de estimular e de inspiradora, é incrível, é absurdo que o ser feminino seja obrigado pela lei ou pela moral religiosa e social a se contentar com uma só experiencia amorosa em toda a vida ou seja constrangida a renunciar a toda razão de ser da sua existencia, mutilada no tipo *solteirona*.

Difícil a escalada.

A psicologia masculina de cordel supõe que a mulher verdadeiramente emancipada, (e que nem mesmo deve ter o preconceito da emancipação,) é uma prêsa fácil. E se atira ávida á aventura...

E' preciso, mais de uma vez, traçar limites á sua desenvolta ligeireza.

Só isso seria assunto para outras paginas em que hei de narrar um dia o ridiculo com que se aprestam os tais aventureiros do Amor.

Não imaginam que, justamente, a mulher superior protesta contra o fato de que, em todos os tempos, foi o homem quem escolheu. E a mulher, sempre passiva, espera ás vezes, inutilmente, que a colham "como á flôr para enfeite da lapella"... de um Don Juan ou de um Othelo. A mulher conciente escolhe. Demais, do mesmo modo que a mulher fácil desgosta ao homem superior, o homem pressuroso que se oferece á mulher conciente, prova bem que nunca esteve á altura de compreender a nobreza digna da mulher que se preza para só se dar por

Amor e somente a quem estiver á altura da sua propria clarividencia.

Essa é a grande diferença.

Enquanto, para o homem, todas as mulheres representam a especie e, portanto, satisfazem á sua gula curiosa e voluvel, para a mulher que escalou as alturas das suas possibilidades latentes — o homem é olhado, não como genero ou como especie, mas, como individuo.

E é preciso se haver libertado de todos os detetives sociais — pela bondade ou pela sabedoria, pelo carater, pela grandeza ética ou pela sensibilidade de artista de um mundo nôvo.

Um homem desses tem a nobreza, tem o "orgulho da frialdade" para não se oferecer, para não se manifestar, para se bastar a si mesmo si não fôr o eleito da mulher conciente dos seus direitos de sêr humano, mulher que escalou sonhos nas alturas e que se vae realizando á custa da dôr inominavel de se esculpir á si mesma.

Quando o homem e a mulher atingirem a tais alturas, estará resolvido o problema humano.

A verdadeira emancipação é o dominio proprio e o respeito á liberdade e á vida.

Seria, então, suprimida naturalmente a prostituição, ao mesmo tempo que a Maternidade desejada seria conciente, livre, clarividente, "radiante", segundo a expressão eugenica neo-malthusiana.

E nada temos que esperar da sociedade.

As sociedades com os seus prejuisos e a sua rotina, serão sempre limitação, em luta aberta contra os direitos individuais.

Não pôde haver equilíbrio ou proporção harmoniosa entre a perfectibilidade individual e as organizações sociais.

As sociedades — essa fatalidade inexorável, inevitável como a morte, no dizer do filósofo, são as mediações organizadas contra as reivindicações dos indivíduos.

Mais se torna genial o sêr humano, inteligente, livre, conciente, mais se realiza e mais se afasta da sociedade — sua inimiga, no seio da qual se torna indesejável.

Não tem razão Max Nordau (“A essência da Civilização”) censurando a Ibsen o seu admirável aforismo individualista: “O homem mais forte do mundo é o mais solitário”. Nordau não interpretou o pensamento de Ibsen, na sua crítica bastante superficial.

Fôrte não é o dominador das massas, fôrte é o indivíduo que se domina a si mesmo, fôrte é o que se basta na luta pela subsistência, fôrte é o que se sente feliz na sua própria companhia, é o que nunca se sente solitário porque vive integrado em si próprio, na sua realização interior. E’ o que semeia, porque tem o que colhêr . . .

O ser humano se emancipa, quando se torna indivíduo anti-social.

Então, ilumina todo o seu sonho de evolução através da própria luz interior.

Tomemos do cinzêl e cortemos, sem piedade, cada dia, todas as arestas dos preconceitos, da ignorância, da rotina, e modelemos a nós mesmos com o buril do “individualismo da vontade de harmonia” e subamos na es-

calada da vida, para uma evolução sempre e cada vez mais alta.

E, si é preciso “limpar o cerebro de todos os prejuízos”, “é necessario tambem sacudir no fundo, para forçar os sentimentos verdadeiros que aí se occultam, a vir á superficie.” (Victor Margueritte — “Ton corps est á toi”.)

Então, é o despertar do Artista Absoluto que dorme nas criptas do nosso sêr profundo — para criar e divinizar os nossos proprios sonhos e os fazer pairar tão alto quanto o permitam as ondulações das nossas possibilidades latentes.

Então, renasceria de nós mesmos esse Artista Absoluto que concebe e esculpe a nossa propria estatuaría dentro do ritmo da nossa realização interior.

E’ essa a verdadeira emancipação.

Será quando pudermos cantar no coração das crianças o sonho maravilhoso e iluminado da Harmonia das Esferas . . .

Lembre-se

ANARQUIA NÃO É MERCADORIA!



**<http://anarkio.net/fenikso>
email: fenikso@anarkio.net**



SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!

**PREFIRA TROCAR - DOAR -
COMPARTILHAR - RECICLAR ...**

SE TENS PRINCÍPIOS,

NÃO DEIXE OS "VALORES" TE MANIPULAR!



4.^a PARTE

GREGORIO MARANON E OS "TRES ENSAYOS
SOBRE LA VIDA SEXUAL"

TUDO, NA VIDA HUMANA, E' FUNÇÃO DE ORDEM SEXUAL

Em seu livro — "Tres ensaios sobre a Vida Sexual", Marañon sustenta a tese de que toda a vida humana está influenciada pelo sexo. A ação do homem, o trabalho, o desporte, tudo tem carater sexual, tudo é função de ordem sexual.

Do mesmo modo, as características físicas de cada sexo, voz, musculos, tecidos, o sistema nervoso, osseo, são modalidades evidentemente sexuais.

Faz resaltar o equívoco de Freud, confundindo a *fome* sexual com o *instinto* sexual, este ultimo muito mais nobre, muito mais amplo. Daí o exagero dos discipulos de Freud, dando a tudo a interpretação simbolica dos orgãos sexuais. Exagero do proprio Freud, aliás.

Sustentando que a mulher nasceu para mãe e que sua atuação não é social, sinão quando ela perde os seus caracteristicos de feminilidade, acha logico o capitalista pagar salarios inferiores aos individuos do sexo feminino, porquanto a sua constituição física é inferior para o trabalho e o capitalista não deforma com sentimentalismos a visão da realidade.

E incoerente, porque, também faz notar a *adaptação social inevitável* da mulher primitiva, inventando o trabalho. A mulher é a primeira que cultiva os campos, é quem faz a cerâmica, quem semeia e colhe, enquanto o homem caça. Lembra ainda o esforço da mulher durante a guerra, competindo com o homem. Acha que são *atividades de emergência*, fatos de *acomodação circunstancial* "que, de modo nenhum afetam a essência biológica da questão".

A mulher, em algumas tribus primitivas trabalhava e ainda hoje trabalha mais que o homem. E no nosso mundo civilizado, no campo, nas dócas, nas minas, nas oficinas, por toda parte, vemos o esforço físico da mulher competir com o do homem.

Nesse caso, equitativo será — *a trabalho igual, salário igual* e não, sentenciosamente declarar a inferioridade física da mulher e decretar salário inferior para o sexo feminino.

Não haverá diferença entre a musculatura exercitada da mulher do campo, habituada a mourejar de sól a sól e a delicadeza do almofadinha das cidades, anêmico de viver dentro de uma sala de escritorio durante horas consecutivas a escrever no escuro ou á luz artificial?

Mais longe: mesmo o esportista será capaz de resistir ao trabalho interminável e consecutivo de uma mulher do campo? Os esportistas levam a vida entre o repouso, a bôa alimentação e o esforço violento e rápido. A mulher operaria carregadora das dócas ou a mulher do campo não conhece repouso, nem massagens, nem lazer.

Seu esforço é vigoroso e continuado, sem quasi interrupção.

Marañon se refere de certo ás bonecas de salão...

"Atividade de emergência"? Será para as grandes damas da sociedade elegante e essas, contam-se pelos dedos. Nos meios camponeses e proletarios essa atividade de emergência dura a vida inteira e se transmite de geração em geração como herança, salvo si a descendente salta para o ról das prostitutas de qualidade, para descansar... como o esportista.

Pelo contrario, é a essência biológica que prova a vitalidade feminina. A sua adaptação social de parasitismo é que é anti-biológica.

O proprio Marañon sustenta que o trabalho "originaria, fundamentalmente, es una función normal do organismo, como la digestion o la copulación."

Si é função normal do organismo, não o será também para a mulher?

Para mim, o contrario é que eu afirmaria: a maternidade é uma função natural, porem, função de "emergencia"...

Passado o periodo da gestação e lactação, a mulher está apta para a luta social.

As que não são mães, teem a vida toda para se dedicar á atividade social.

Demais, a mulher, hoje, vive do seu trabalho e até auxilia ao homem na manutenção da próle quando não trabalha ou não se prostitue para sustenta-lo...

Não canto hosanas a essa correria louca da civilização de maquinas, porem, não condeno apenas a ativi-

dade brutal da mulher atrás de necessidades perfeitamente dispensáveis, condeno mais ainda o delírio de correr do homem ambicioso, porquanto é ele quem vai arrastando a mulher nesse desvario de competições — para o suicídio coletivo do género humano.

Mas, não é essa a tese de G. Marañon.

A mãe deve ser mãe antes de tudo — com isso estou plenamente de acordo. Mas, este outro aforismo sentencioso: a mulher nasceu para mãe e deve ser mãe antes de tudo — aí já há o sofisma social e o dogma literário da inferioridade feminina.

Demais, si com essas "virtudes de urgencia" ou de "emergencia" de que é dotada a mulher, adquire "repentina aptidão nos transes difíceis para o desempenho de gestões alheias á sua atuação habitual", e, si são essas "as características essenciais de seu sexo", possivelmente, como pensa Marañon, e, si há milhões de mulheres que durante a vida inteira exercem tais "virtudes de urgencia" no trabalho forçado de escravas do salario, do labor domestico e da maternidade inconciente, — parece, podermos afirmar que tais virtudes de urgencia são característicos biológicos da mulher. É claro. A propria adaptação social facil a trabalhos que parecem incompatíveis com o seu sexo — já é característica biológica.

A mulher abandonou o trabalho rude depois da guerra e voltou para o lar, não apenas por uma razão biológica, como quer Marañon, porem, por uma razão psicologica mais profunda: inconcientemente, intuitivamente, a mulher, que não reivindicou ainda o direito de ser dona do seu proprio corpo, dona de si mesma, considerou, nas

criptas do subconciente, que, continuando no lugar do homem, acrescentaria uma servidão a outra escravidão... O homem voltou fatigado, preguiçoso, achando-se com direito a tudo porque viu os horrores da guerra, desejoso de se fazer ainda mais parasita da mulher...

Seria a exploração do trabalho rude da mulher, unida á exploração torpe do seu corpo, dos seus sonhos, da sua razão, dos seus afetos. Multiplicada a escravidão. E a que poude, procurou libertar-se da geena de animal de tiro. É a sua tática, sempre que póde...

A LUTA SOCIAL NÃO É MAIS A LUTA FISICA

Marañon confunde. Luta social é luta de inteligencia e de sentimentos, mais ainda de sentimentos. Que é a luta social, que são as reivindicações sociais senão grandes lutas de sentimentos? Marañon fala de luta social como de trabalho fisico. Mas, e toda a burguesia masculina que não trabalha fisicamente?

O desporte, sim: é luta social...

O exemplo do passaro que vai buscar o alimento para a femea que incubava os ovos, é o instinto da conservação da especie; não quer dizer que seja a adaptação do macho para a luta social e nem que a femea não fosse capaz de se bastar a si mesma na luta para a sua manutenção ou que uma femea não fosse capaz de o fazer para outra femea.

Enquanto a mulher primitiva lavrava a terra e fazia cerâmica e preparava as armas e as armadilhas para o homem apanhar as feras, o homem caçava. Haverá o

carater viril do trabalho na caça do homem primitivo? Até hoje o homem caça para se divertir e ás vezes, apaixonadamente.

Já naquele tempo, lhe era mais agradável caçar do que lavar a terra e trabalhar em as outras occupações que relegou para a mulher.

Essa biologia de que tanto falam os cientistas, já é uma biologia feita a proposito, com carater social, para a defesa dos privilegios masculinos. Não se trata verdadeiramente da biologia.

O homem despreza a natureza e, depois, pretende adaptar a biologia aos fatos sociais, quando o contrario é que se deveria verificar.

O que sabemos da prehistoria é que homens e mulheres eram livres e independentes nas suas cavernas e só se encontravam, como os animais, no momento da copula e cada qual buscava a subsistencia. No dia em que descobriram o fogo, a mulher se escravizou: guardou-o, enquanto o homem foi á caça... E, daí para cá, o fogo eterno do lar sagrado é a escravidão feminina... é o carcere de onde difficilmente se escapará.

Foi na idade das cavernas, quando o homem com o arco e a flecha perseguia as feras, que descobriu o fogo e, domesticou primeiro a mulher — para o auxiliar a domesticar aos outros animais...

Depois, o homem inventou uma biologia social... é prova a inferioridade feminina.

A ANSIA DE LUXO E GOZO DETERMINARA' A DESIGUALDADE ECONOMICA E SOCIAL?

Marañon deixa no ar terrivel incognita: "y como la dinámica del sexo jamás podrá modificarle nadie, mientras haya hombres y mujeres existirá la ansia del lujo, y, por tanto, la desigualdad existirá; por esta razón, más fuerte que todos los motivos estrictamente económicos. Sexo, trabajo, lujo, desigualdad: estas palabras forman una cárcel, de la que la humanidad no saldrá nunca; y es inutil buscar su sentido en la serenidad de las teorías pura y simplemente de un problema de biologia de los instintos".

A mulher desejará sempre se ataviar para conquistar o homem; o homem quererá sempre cumular de bens a mulher amada.

A vaidade do adorno, na mulher; a vaidade de gloria e ambição, no homem — teem suas raizes no sexo. Isso é biologico. Seria preciso que homens e mulheres subissem muito alto para sublimar o amor e adorna-lo com valores espiritualizados, quintessenciados de beleza pura. Então, o corpo vibraria como uma harpa eolea e a volupia da alma faria vibrar a volupia do corpo. E isso apenas conseguirão os individuos de uma alta evolução paralela.

Na massa haverá sempre a luta pelo luxo e pela gloria de o obter, pela gloria do poder e da riqueza. Existirá, pois, sempre, o desejo de subir, o espirito de autoridade, a ansia de poder, a ambição dos bens materiais e a vontade de dominio.

E' ingenuo supor que ha evolução coletiva. E é simples o argumento contrario: em pleno seculo XX, do radio e da relatividade, ha populações de aborigenes vivendo na idade da pedra lascada, na idade da pedra polida, ha tribus de antropofagos, ha fetichismo entre negros da Africa e indigenas americanos, ha todas as etapas da prehistoria e da historia da civilização.

Quantos milenios levarão os indios de Matto Grosso, já não digo os das florestas da Amazonia, para chegar ao radio e á relatividade, a Mme. Curie e a Einstein?

Demais, a que alturas chegou o genio grego para divinizar a forma pura do corpo humano?

Veio a idade-media e decretou que o corpo humano é objecto e que é pecado a propria higiene. O caboclo brasileiro vive em plena idade media . . .

Quantos milenios levará a nossa civilização cristã, piedosa e caridosa a voltar de novo a divinizar a beleza pura do corpo humano sem os adornos do luxo, das joias e dos trapos?

E já ha, mesmo em países catolicos, grandes colonias de nudismo.

E nem é a robustez fisica que assegura a fortuna, o poder, o dinheiro, entre os civilizados. E' a astucia, é a inteligencia, é o privilegio social. Os operarios são fortes, os burgueses são incapazes fisicamente: o mundo é construido pelo proletariado, que conserva as mãos vasias e o burguês é o que manda e goza do trabalho alheio.

Marañon se apoia no equivoco da luta social baseada no esforço fisico. Si fosse coerente, teria de entregar as sociedades á robustez fisica do proletariado. Mas, a

luta social não é o trabalho manual. E' justamente o contrario que caracteriza a civilização do progresso material: são os parasitas os donos da humanidade escravizada.

A mulher burguesa não está excluida da luta social . . .

Acha Marañon que ha uma barreira intransponivel entre a atividade individual e social do homem e da mulher; e, acrescenta: si olvidamos tal obstaculo, o problema tornar-se-á verdadeiramente confuso.

NA CIVILIZAÇÃO MODERNA, LUTA SOCIAL NÃO É TRABALHO MANUAL.

E a razão não é a organização fisiologica.

Marañon confunde sempre luta social com trabalho manual. Atividade social, para mim, é luta de ideias, organização social, agitação intelectual e não esforço fisico.

E as mulheres revolucionarias tem provado de sobra a sua capacidade para a luta social.

Não ha duvida que, fisiologicamente, homens e mulheres são diferentes, são desiguais, completam-se.

Mas, si olharmos tambem o desenvolvimento dos esportes femininos nestes ultimos tempos, nos convencemos de que, daqui a pouco, desgraçadamente, as mulheres poderão ocupar as trincheiras de guerra, fazer barricadas, conduzir canhões, saquear, assaltar, ocupar fortalezas e atacar a baionetas . . . caladas.

Assim, nem sempre tem razão Bernard Shaw quan-

do define magnificamente a mulher: "um ser de diferente especie biologica, com encantos especificos e imbecilidades tambem especificas"...

Maternidade e trabalho fisico são incompativeis. Não ha duvida. Lembra Maraion que a femea-mãe não trabalha em nenhuma especie zoologica. Isso não desdoura a mulher: sempre que uma mãe trabalha é porque um homem a obriga a trabalhar... embora a sua maternidade. Ha tanta cousa que o homem faz e os animais não fizeram...

Por exemplo: o leão caça para a femea e os cachorrinhos. E só come os restos da sua prêsa, depois que todos se saciaram. Ao lado, orgulhoso, assiste á refeição da familia.

Entre os homens, ha tribus cujas refeições são descritas pelo etnologos em duas palavras. Enquanto os homens comem, as mulheres submissas esperam á distancia. Quando encontram eles um osso, qualquer cousa desagradavel, atiram para trás e as mulheres, como cães, seguram nos dentes as sobras das refeições masculinas. Isso, entre os selvagens.

Entre os civilizados, posso citar cousa mais ou menos identica, senão mais grave. Não cito nomes porque trata-se de pessoas da minha familia e é preciso sempre respeitar a familia...

Um moço, 25 a 30 annos, morfiniomaniaco, gastava todo o seu ordenado de funcionario publico com a morfina — cousa cara para um ordenado pequeno. Morfina é vicio da gente elegante ou das familias de medicos...

Esse moço era filho de medico.

O que lhe sobrava, comprava em gulodices, doces finos, queijos, "bonbons", pastelarias.

A mulher e quatro filhos pequeninos, famintos, alimentavam-se com o ordenado da mãe, professora adjunta que ganhava apenas uns 90\$000 mensais, deixando os pequeninos em casa com uma criada que os maltratava, porque lhe pagavam uma miseria ou mesmo nem pagavam... Viam entrar em casa o pae de familia carregado de pequeninos embrulhinhos que fechava no escritorio, trazendo sempre a chave no bolso...

Os filhos sabiam que eram doces e biscoutos.

Só annos depois, morreu esse moço. Não se venha dizer que era a morfina. Convivi com ele na intimidade: nunca perdeu o controle da razão. Era um homem normal, bom, afavel, e que se dava ao luxo da morfina... Perdoem-me a divagação quasi noutra seára.

Cada familia tem um caso, no genero, para narrar.

Quando Anita Garibaldi montava a cavallo, atravessando o incendio ou as balas, com o filho ao cólo, pequenino, para salvar o companheiro, era a mulher ardente, impetuosa, heroica, destemida na luta social. A' mãe estava reservado o plano secundario. Anita Garibaldi era o arrojo revolucionario, a mulher guerreira. A maternidade foi um acidente na sua vida... Te-la-ia evitado, si fosse conciente e estivesse preparada para dominar o seu destino natural de mulher mãe. Os filhos lhe foram impostos. E ela saltou por sobre a maternidade, com o ris-

co de os esmagar, para seguir o destino que o seu temperamento lhe impunha.

E' bela, é nobre, é digna — porque foi, ela mesma, sem contrangimentos, sem pudor hipocrita, sem nenhuma duvida, procurando realizar-se integralmente a si mesma.

E foi bem mulher: levou o seu amor até onde pôde vibrar toda a fibra mais sensível da sensibilidade feminina, no paroxismo do amor.

A questão não é dogmatizar que a mulher, antes de tudo, é mãe e deve ser mãe acima de tudo. Não. Todo individuo, homem ou mulher, deve realizar-se, na plenitude das suas forças.

Ser mãe na accepção fisiologica, é muito pouco para a mulher. Nem sempre lhe basta a maternidade fisica. E é muito mais transcendente a maternidade da alma. E assim, também ha homens que são mães...

Sim, tem razão Marañon: "tener todos los derechos del hombre, tener abiertos todos los caminos intelectuales y sociales: eso sí; pero, ante todo, ser mujeres, cada vez más mujeres". Mas, ser cada vez mais mulheres, não é ser mãe, cada vez mais mãe, no sentido fisiologico. Essa é a deploravel confusão.

Logo adiante, restringe o seu pensamento:

"Hay mujeres que se creen deprimidas por la afirmación de que deben ser madres primero, y luego todo lo demás, y renunciar, si es preciso, a todo lo demás para ser madres." E cita Gina Lombroso cheio de admiração e entusiasmo.

E subscrive a sua afirmação: a ambição da mulher de ser amada é também a ambição de ser mãe.

Não é exato. Não se dogmatize para os individuos. Si eu tive intensos desejos de ser mãe, conheço mulheres mães, em numero consideravel que nunca o desejaram. Apontar para a mulher um unico caminho — a maternidade — é autoritarismo masculino erigido em dogma e repetido servilmente pela mulher, por pudor... Eu sou mulher na mais ampla accepção da palavra, sou por natureza, por instinto, e estou no caso de uma evolução que conquistou "o maior tesouro de sexualidade especifica."

O MAIOR TESOURO DE SEXUALIDADE ESPECIFICA ESTÁ CONTIDO NA AUSTERIDADE

Esse tesouro, que Marañon denomina austeridade, não é o ascetismo ou a virtude do moraliteista: é maior força de expressão da sexualidade desbordante e que conserva aquela castidade original do pudor de só se dar concientemente, por amor, a quem estiver á altura de receber.

"Insistamos en el hecho paradójico de que, en general, la austeridad, virtud que supone precisamente un mayor impetu, una mayor fortaleza; de la misma suerte que casi todos los vicios y desafueros de la conducta, aparentemente resultado de una vitalidad desbordada, indican, en realidad, un caudal mezquino de energia. Y esto es especialmente aplicable al amor. El varón o la mujer austeros en su vida sexual, son los que poseen el mayor tesoro de sexualidad especifica; como el Don Juan o su

equivalente la cortesana, obran movidos por un instinto apáratoso, pero poco profundo.”

Esta pagina de Marañoñ, só por si, daria margem para toda uma obra profunda de psicologia sexual e amorosa.

O trecho que vou citar é uma tese para ser meditada:

“Para mi es evidente que, contra todas as apariencias, el hombre que dedica su vida al amor y hace de él una técnica especializada; el hombre conquistador y mujeriego, que alcanza su expresión culminante en Don Juan, lejos de ser el prototipo de la virilidad, representa una forma de sexualidad aquívoca y ambigua. Los antecedentes fisiológicos sobre los caracteres sexuales, que antes hemos expuestos, justifican *a priori* esto juicio, que se confirma en la práctica; y esto sí quiero repetirlo: los donjuanes que andan por el mundo son, en efecto, hombres de psicología, y a veces de morfología, netamente alejadas del tipo viril estricto, incapaces para una actuación social fecunda, y no raras veces bordeando la zona seminormal en que los dos sexos se confundem.”

E’ preciso apenas dar a exata interpretação ás expressões empregadas por Marañoñ.

O Don Juan é o insatisfeito. Não realizou nunca, integralmente, o amor.

E os individuos rarissimos, excepcionalissimos que o realizam na plenitude integral da sua força física, afetiva e mental — não mais suportam facilmente outros contactos e estão mutilados para a vida inteira, si deixam escapar ou si perdem o companheiro da sua felicidade

única. São em numero insignificante os que passaram por esse momento de vida integral e esses sabem quanto é dolorosa a mutilação, si se vêem sem o complemento da sua vida.

E’ interessante como Marañoñ desce ás cousas mais profundas com a mesma facilidade com que se contradiz em vulgaridades tão vulgares...

Nunca fui mãe. Não foi preciso ser mãe, para eu ser mulher. E a ambição de ser amada, não é a ambição de ser mãe. Não é a condição primordial da mulher a maternidade fisiologica. A maternidade espiritual, sim.

Quando falta á mulher o coração transbordante como uma “crèche” imensa para conter toda a dôr humana — aí sim, a mulher falhou ao seu destino, é anormal: eis a mulher civilizada, mãe de seus filhos e madrasta de todo o genero humano. Caridosa, piedosa e exploradora da sua irmã. Seu lar é a cidadela fechada pelo egoismo e pelo dinheiro. Não vê a dor do mundo e a angustia humana.

E chora diante das telas do cinematografo...

E está convencida de que só a mãe é que chegou a ser mulher. E pontifica, como Gina Lombroso, a superioridade materna. E deixa a tirania estrangular a Italia inteira, sem um protesto de revolta. E’ mãe. E’ apenas mãe. E’ mãe antes de tudo...

E Marañoñ tambem se deixa arrastar por esse conceito estreito da maternidade fisiologica.

Quando sairemos do dominio da literatura?...

Não tróco os meus sentimentos maternos por toda

a maternidade fisiologica de todas as mães do mundo inteiro.

O Amor, o verdadeiro Amor na accepção vasta da palavra, está bem acima da maternidade da carne. A mulher tem de ser Amor, como também o homem. Esse himnario classico ao amor materno, á maternidade da carne, á defesa do lar, á fragilidade feminina como o sacrario de energias para a continuação da especie — todo esse cantochão da literatura romantica e do pensamento de rebanho tem como objetivo unico o prazer immediato do homem e a cultura sistematica daquelas imbecilidades especificas femininas de que fala Bernard Shaw ...

BIOLOGIA E DINHEIRO

E' interessante como a nossa linguagem, como a logica de sofismas dos homens chega a torcer as verdades: Marañon, citando Keyserling defendendo o casamento de conveniencia, vê que "o dinheiro tem uma significação biologica de primeira categoria". Emprega o conceito de *dinheiro* como equivalente ao de *trabalho*, biologicamente, pois, em sentido biologico, dinheiro equivale a força, bem estar, facilidade para o aumento da próle", etc. etc. Questão de instintos, diz elle.

Marañon sustenta uma tese biologica oportunista: isto é, uma biologica para a sociedade industrial e capitalista, uma biologica de adaptação ao ambiente social, uma biologica deslocada do seu eixo ...

Isso é científico?

E' a biologica da prostituição ...

Assim, também o castismo dentro ou fora dos casamentos de conveniencia é fato biologico.

Com tais sofismas os cientistas têm a palavra para defender todas as vilanias e as mais torpes baizezas das organizações sociais de hienas e abutres da consciencia humana. A biologica não pode adaptar-se á vida moderna, á vida social. As sociedades é que desrespeitam as leis biologicas e buscam sofismas para desculpar os seus desatinos.

Como se usa e abusa da biologica. Nesse andar, também o parasitismo tem significação biologica de ótima categoria. E, si tudo se explica pela biologica social, não admira que Nietzsche criasse o "super elephante" do dominismo, da autoridade a andar armada de chicote para cortar as carnes do rebanho humano.

Hoje, a ciencia tem sempre a palavra para explicar toda a imbecilidade e todo o parasitismo da organização social de castens e proxenetas do grande mercado da civilização.

O livro de Marañon, por vezes, perde o ponto de apoio e oscila, sem base, assentado em palavras respeitaveis como *biologia* ou *instintos*.

.....

A questão não se pode resumir em adaptar a biologica á civilização do bezerro de ouro: o problema está em o desmoronamento e a ruina desta organização social de castens e vampiros do sentimento e da consciencia. No torvelinho da vida cidadina é horrivel a luta social da mulher. E' o seu fisico se resente dessa correria louca e a prostituição, a prostituição sob todas as formas, a pros-

tituição da gente honesta e dos bons costumes abre-lhe as portas da sociedade no casamento de conveniencia como nas inumeras concessões de cada instante, nos gestos, na attitude, nas expressões, na vida intima como na vida, no trabalho, no estudo, absolutamente em cada passo dado no ambiente social.

Ou essa prostituição legal da familia honesta e dos bons costumes, ou a prostituição das rotulas e das calçadas para matar a fome e cobrir a nudez, ou a prostituição da alta elegancia mundana, a prostituição das "virtuosissimas" senhoras que elegem os embaixadores e os academicos e organizam as altas negociatas das guerras e das bolsas, do cambio e das relações internacionais.

Daí o desequilibrio e a tragedia em que se debate a mulher superior, sozinha, heroica, lutando contra a corrente, suicidando-se todos os dias no trabalho absorvente, para não resvalar nas inumeras armadilhas, de tocaia em cada canto, destinadas a domestica-la para prostituí-la no imenso salão do bordel social. A tragedia das precursoras!

Que força heroica de resistencia!

Não se quer que a mulher venha para o labutar louco da civilização, fazer concorrência ao homem; é o homem, foi a propria civilização que arrastou a mulher á dansa macabra da correria louca do mundo economico.

A LUTA DOS SEXOS

As mulheres combatem pelos seus direitos, pelas conquistas de seu sexo, por uma cultura mais solida e mais humana.

Si não houver do lado dos homens a mesma cruzada para as conquistas da sua virilidade espiritual, assim como a mulher trabalha para a sua feminilidade mental e espiritual — as lutas entre os sexos se intensificarão de modo cada vez mais assustador.

Já as mulheres superiores esbarram a cada passo com as angustias de serem precursoras, sem lograr encontrar, (entre os latinos pelo menos), com a mesma facilidade com que elas se emancipam, o tipo masculino do homem avanguardista que deixou atrás de si o lastro milenar dos preconceitos sociais.

Geralmente o homem inteligente, para conquistar uma mulher superior, por um natural mimetismo amoroso, solidariza-se com os seus sonhos e as suas ideias de liberdade. Depois, volta a ser o mesmo homem vulgar, vestido de todos os prejuizos do sexo, considerando sempre inferior o gesto da mulher que se dá nobremente.

Rarissimo o tipo masculino que sente a elevação da mulher livre, que se não vende e nem se escraviza ao matrimonio, porem, que se entrega generosamente ao homem a quem ama.

A regra geral é procurar deprimir, ridicularizar, caluniar a mulher que sabe pensar em voz alta e que tem a coragem das suas ideias.

Supõe geralmente que o fato de se emancipar de prejuízos e convenções e o fato de proclamar os seus sonhos de emancipação humana — significa o desejo ou a busca imediata do gozo pessoal ou uma corrida, através da imprensa e da tribuna, atrás da satisfação dos instintos vorazes.

Julgam os outros, por si...

Falta de observação psicológica.

Lembro-me que, no Rio de Janeiro, após uma conferência muito aplaudida em torno da liberdade sexual da mulher, ainda no meio dos cumprimentos, ouvi uma mulher medica, o olhar assombrado, perguntar a outra pessoa, entre confusa e admirada: “— Mas, dizem que essa senhora é tão honesta!”... E, que é ser honesta?...

Daí, ser necessario não apenas uma corrente feminista para defender os direitos da mulher, e sim — uma grande corrente de idealismo para pugnar pela cultura e elevação dos individuos de ambos os sexos na sua respectiva diferenciação, sem o quê — impossivel a harmonia a dous.

Não a luta dos sexos e sim a solidariedade mutua para a compreensão mutua.

O NEO-MALTHUSIANISMO NA NATUREZA

Na estatística de Marañon, pagina 51 da quarta edição (*Editorial Claridad*), parece-me que a soma do total de filhos é 8.289 e não 7.389. Mas, de qualquer modo é aterrador. E o leva á seguinte conclusão: “El malthusianismo más exagerado no ha logrado, en el pais que

se considere más immoral, ni acercarse remotamente a los estragos que produce en nosotros, la miseria y la ignorancia. Ya desde hace tres años, a pesar de todo, la mortalidad global de Espana (18.147) ha superado a la natalidad (16.309). Y se hace cada vez más indudable, esta terrible paradoja: *si las mujeres espanolas parieran la mitad de hijos que en la actualidad, en cien años se duplicaria la población de Espana. Y seguramente no será el nuestro el único país al que esta gran verdad pueda aplicársele.*”

Mas, a superstição cristã de que *ir contra a natureza* é pecado, é a causa dessa tremenda hecatombe.

Entretanto, a natureza sacrifica de duzentos a seiscentos milhões de espermatozoides para salvar um só, o que fecunda o óvulo feminino.

Si é a propria natureza que nos dá o exemplo! E não ha a mais insignificante diferença entre os que morrem em cada emissão de esperma do homem e o unico que sobrevive.

A natureza nos ensina ainda mais, dá-nos o exemplo frizante da fecundidade conciente e limitada: as abelhas, que alimentam a abelha-mãe, só lhe dão o alimento suficiente, sabiamente calculado para que o numero de filhos seja o necessario, o que possa suportar a colmeia, não ultrapassando nunca as possibilidades de coletividade, quanto ao espaço ocupado e á alimentação para todo o enxame. Assim as formigas e as termitas.

O ESPORTE E O SEXO

Tem razão Marañon. O esporte foi feito pela gente ociosa, para substituir o trabalho, considerado indigno pelas classes parasitarias.

E' o "patrimonio dos inferiores, que fazem esporte para que a natureza lhes perdoe o peccado mortal de não trabalhar".

O esporte é esteril, observa Marañon. E' mais: é fonte de riqueza e gloria de arquibancadas e picadeiros.

A inatividade fisica é fonte de degenerencia. Assim, os parasitas inventaram o esporte.

O carater sexual dos esportes é evidente. "Si de las fiestas esportistas se suprimiese este público femenino, es indudable que desertarian la mayor parte de sus actores."

As mulheres que correm para a arena a ver os jogos, a torcer nas olimpiadas, no foot-ball ou nas corridas, pagam o esforço varonil com o amor, "y, en suma, es el transunto de la hembra del ciervo, que espera que rian los machos para ser poseída por el más fuerte."

Nada mais, nada menos...

A MULHER INTELECTUAL E O AMOR

Marañon não focalizou o problema da mulher intelectual como soube focalizar o conceito classico da maternidade.

O fato de George Sand ter tido muitos amantes não quer mesmo dizer vida passional rica.

George Sand, Isadora Duncan, a Duse — todas infelizes, justamente procurando o amor e se desiludindo, incapazes de compreender, deante do maximo problema da tragedia de ser dois... Talvez a Duse tivesse amado. As outras não encontraram o amor.

Duas grandes raças sociais — homens e mulheres — buscaram-se e não se encontram, justamente porque a luta dos sexos chegou a fazer de ambos duas especies, duas raças sociais com caracteres especificos e... "imbecilidades também especificas"... Nem um dos dois chegou a compreender que cada qual deve aceitar o companheiro tal como é, com as suas qualidades "especificas" e os seus defeitos "especificos".

O homem tem receio da mulher superior, mas, a deseja apaixonadamente.

Uma castidade da consciencia a afasta das experiencias vulgares. A's vezes, erra, quasi sempre, na escolha do que lhe parece superior.

Mas, encontra de novo o caminho, que é retroceder... Seria imperdoavel permanecer no erro, e, seria inutil insistir: é-lhe repugnante.

Em todas as classes sociais, o homem (permitam-me a expressão grosseira mas, unica!) "fareja" na mulher superior uma prêsa original.

E nem um deles, desde o operario mais bronico até o intelectual mais fino, nem um compreende o direito de escolha a que deve ter direito uma mulher emancipada. Postam-se á nossa frente, quasi gritando que ali estão para serem os "escolhidos"... Que preciosidade são as exceções!...

Ha tanta mulher "generosa", que uma mulher excepcional, por qualquer característica especifica, pode bem se abster de o ser com os homens comuns — que são, sob todos os rotulos, os que se atravessam no nosso caminho.

Compreendo, entretanto, que George Sand se tenha dado a Chopin, a Bakounine, a Flaubert... Mas, infelizmente, os Bakounine, os Flaubert e os Chopin, são unicos... e nem sempre se encontram no mesmo seculo e ao nosso alcance... E os artistas, e os homens celebres — é melhor conhece-los só pelas suas obras de arte ou de pensamento...

Amo profundamente a Wagner, a Han Ryner, a Romain Rolland, e Beerhowen, a Einstein.

Mas, o homem mais culto e mais sabio dessa ciencia a que dão o nome de sabedoria e o mais grosseiro camponês ou caboclo — são perfeitamente iguais em relação á mulher.

A cultura, a ciencia, a intellectualidade pura sem essa alta espiritualidade que vem do coração — não bastam, não satisfazem ás aspirações da mulher superior.

Não é verdade, pois, que a atitude do homem é diferente ante a mulher de teatro ou a mulher futil.

Todas as mulheres intellectuais encontram em seu caminho muito amor, muito entusiasmo, muita admiração dos homens, e, por mais simples ou mais modestas, podem exacerbar muito desejo.

E deviam dizer dessas cousas — como subsidio psicologico de umas paginas femininas a mais no grande livro da vida.

Não é verdade que as mulheres intellectuais tiveram sempre uma vida passional pobre. Pelo contrario.

E as que subiram muito alto e tiraram das cousas a lição correspondente, procuraram conservar a liberdade por amor ao amor...

E prezar imenso a castidade ou a austeridade sexual — porque se deveriam envergonhar da preocupação absorvente do sexo nas experiencias vulgares das criaturas comuns, que pensam encontrar no contacto sexual apenas — a suprema felicidade e que borboleteiam inutilmente atrás do impossivel. Porque — amor não é contacto de epidermes...

Tem razão Marañon, quando discute a tésede de que esses "corredores" de mulheres, esses Don Juan da variedade são individuos de sexualidade ambigua, equivocada, em vez de prototipo da virilidade...

Para mim, o amor completo, integral, tem de realizar a afinidade mental, espiritual, sentimental afectiva e sexual. Mas, cada um com as suas características de sexo, as suas qualidades especificas, sem que um tente modelar ao outro pelo seu temperamento ou pelos seus atributos pessoais e pela sua individualidade.

Cada qual, sendo o que é, verdadeiramente, e com coragem heroica de se apresentar tal qual é.

Demais, queremos o impossivel, queremos a felicidade a dois. A felicidade não existe a dois: só ha momentos de felicidade, instantes de harmonia a dois.

E é o suficiente para alcançarmos o paraíso. Compreendendo isso, sentindo-o, conseguimos realizar o milagre do Amor.

"LA EDUCACION SEXUAL Y LA
DIFERENCIACION SEXUAL"

Neste estudo, G. Marañon analisa as razões por que o instinto da reprodução se converte em fontes intermináveis de desditas para o genero humano civilizado. Marañon sustenta a tésede de que cada um de nós, quasi todos ou *a imensa maioria leva* dentro de si o duende do outro sexo. Ou melhor: cada mulher tem uma percentagem de homem. Cada homem tem uma percentagem de mulher. E' inutil um sexo fugir do outro. Inutil o ascetismo, a céla ou a castidade absoluta. O demonio... está dentro de cada sêr. A figura é antiga. A tésede, vem de longe: mito do andrógino, Platão, Aristofanes...

Quasi nenhum homem é homem em absoluto, quasi nenhuma mulher é mulher em absoluto. Os seres são bisexuados. Ha predominio de um sexo sobre o outro. Um prevaléce, domina. O outro fica em estado latente. A tésede afirma que o que está adormecido só espera ocasião propicia para assumir o poder e procurar fazer adormecer o que o tiranisa... Essa bissexualidade é a explicação científica de muitos complexos fisiologicos e psicologicos do instinto da multiplicação da especie e a origem do terceiro sexo. Nada de imoral. Segredos da natura. Agora, socialmente, o que é natural pode transformar-se em vicio ou monstruosidade. Ou pode produzir sugestões. E individuos normais procuram parecer anormais — afim de completar a educação(!) ... passando por todos os vicios. O hermafroditismo, a bissexualidade

idade é comum nas plantas e em muitos animais das ultimas escalas zoologicas. As perversões humanas, nos individuos verdadeiramente anormais — são lembranças das perversões animais. Perversões? ... Estagios de evolução das especies.

As chamadas perversões sexuais humanas, segundo a observação dos cientistas, vão diminuindo, apesar da civilização... embora pareça o contrario.

A terapeutica dos extratos de orgãos, preconizada por alguns cientistas, a enxertia a Voronoff, preconizada por Marañon nos casos extremos de homosexualidade — para a diferenciação sexual — me não parece o caminho indicado.

Todo o objetivo da educação deve ser essa *diferenciação sexual* ou o predominio cada vez mais acentuado de cada sexo. Repito: diferenciação fisiologica, aproximação psicologica. Não é essa a tésede de Marañon, que, aliás, é mais equitativo e vae além de Weininger, tão arbitrario e injusto a ponto de achar que, si a mulher chega a ser digna de estima é pela intensidade dos germens varonís que guarda. E o que impéde o homem de elevar-se á perfeição são os elementos de mulher que leva escondidos...

Teoria que voltou a ser moda e enche as paginas dos ultra-modernos. Volta á baila o banquete de Platão...

Tem razão Marañon: o grande erro, não digo da moral, como Marañon, mas, do Cristianismo — é prevenir a mulher contra o homem e o homem contra a mulher, quando, na luta dos sexos, o inimigo está em nós.

Quer a educação *muito viril para o homem, muito feminina para a mulher*. Já é fugir do eixo do problema no exagero literario.

A mulher deve ser bem mulher. Vou mais longe: quero-a integrada no matriarcado espiritual, na maternidade espiritual, divinamente humana — além da carne e do sangue. Mas, razão e sentimento. O homem bem homem é o ser conciente e humano e sensível e forte, estoico e simples, bastando-se a si mesmo na luta heroica pela subsistência — *pelo trabalho manual* para não ser parasita e pensando pelo proprio cerebro culto e clarividente. Razão e sentimento. Não o esportista de musculos rijos, o fascista com o punhal entre os dentes, na mão a carabina e no cerebro a ideia paranoica do dominismo ou da tirania dos punhos firmes. Si se trata só da diferenciação organica o erro pode chegar ao extremo do troglodita feroz... Não. Diferenciação sexual e aproximação psicologica ou espiritual — essa seria a formula feliz.

Agora, circunscrever o problema, que é profundamente psicologico, á censura á mulher, pelo fato de cortar os cabelos (como faz Marañon) é diminuir a importancia transcendental do problema, desvia-lo para o lado superficial. A alma da mulher, nem mesmo a característica da sexualidade especifica se condensa e toma forma nos seus cabelos longos ou curtos... Isso é infantil.

*
**

Acho que todos nós devido talvez ao complexo religioso e de ordem social: preconceitos, costumes, supers-

tições religiosas e sociais, *totem, tabú*, todos nós — preceptores, páis, moralistas, cientistas — fazemos da iniciação sexual um bicho de sete cabeças. Marañon não fôge á regra, como si a revelação sexual não fosse cousa natural e espontanea como qualquer função fisiologica. Misturamos ciencia e literatura. A nossa imaginação de latinos carrega as côres de problemas tão naturais. E complicamos e afastamos o problema em vez de buscar a solução natural e logica no caso da educação sexual. Só estudamos as dificuldades e com côres negras.

Marañon conta o caso citado em Pérez de Ayala na sua novela, como um padre foi encarregado de revelar o segredo do sexo ao protagonista Urbano, conservado pelos cuidados de sua mãe em estado de virgindade absoluta do corpo e do espirito.

Olhem os leitores o veneno literario e o virus do Cristianismo como se revolvem para perturbar a observação fria do fato científico... Mas voltemos: o momento da revelação se caracterizou por um grito agudo do joven, un grito de dano fisico "como o que lançaria uma virgem ao ser deflorada de improviso."

Marañon comenta: "esse admiravel simbolo nos faz pensar no dia semelhante ao da perda de uma inocencia."

Ah! esses novelistas... Ah! esses cientistas literatos... Não fôra a teimosia literaria e moraliteista e a vida se desdobraria serena aos nossos olhos de crianças curiosas e intuitivas, espontanea e natural, e aos poucos nós nos revelaríamos a nós mesmos, sem auxilio de ninguém ou apesar da educação...

AS FORMAS INTERMEDIARIAS DOS SEXOS

Marañon acredita que, nas mulheres chamadas superiores, que "saltam ao campo da atividade do homem" — agitadoras, pensadoras, artistas, inventoras, "en todas las que han dejado un nombre ilustre en la Historia se pueden descubrir los rastros del sexo masculino, adormecido en las mujeres normales, y que en ellas se alza con anormal pujança". "El problema está ahora en saber si estas formas de sexualidad intermedia son formas superiores de la feminilidad o, por el contrario, estratos retrasados, apesar de su aparente eficacia; formas todavía necesitadas de perfección. Yo creo esto ultimo; es decir, que las formas intermedias de los sexos no representan una utilidad superior para la especie ni tampoco para el individuo, y que el progreso de la Humanidad irá eliminándolas de la vida de los sexos."

Com este trecho — Marañon destróe todos os outros argumentos seus em favor dos direitos da mulher, quaesquer que sejam. E' natural e logico que permaneça ao lado de Gina Lombroso, pelos seculos dos seculos de todas as reacões, contra a mulher . . .

Marañon vae e volta, sem ter encontrado ainda o caminho. Um dia se definirá melhor. Mesmo nesse livro seu, o primeiro capitulo está quasi em antagonismo com os seguintes.

Não me admira que Keyserling se tenha entusiasmado pela sua obra . . . incondicionalmente.

Si ha rastros do sexo masculino adormecidos nas mulhetes normais, deve haver rastros do sexo feminino, ador-

mecidos nos homens normais. Isso não dará margem a que pensemos que a grande evolução humana exige virilidade e feminilidade, mente e sensibilidade, energia e delicadeza, força e brandura, ação e pensamento, tudo alternado para a harmonia perfeita dentro de um mesmo ser?

Para mim, a evolução mais alta exige todas as características mentais e afetivas específicas de cada sexo, dentro da diferenciação biologica sexual, que é o que faz com que os dois sexos se completem e se harmonizem.

Um homem pode ser de uma sensibilidade de artista, de delicadeza, de bondade inexcitáveis — essa sensibilidade, essa delicadeza, essa bondade se manifestarão sempre sob a característica do sexo masculino, são diferentes da sensibilidade, da delicadeza, da bondade feminina.

Uma mulher pode ser alta intelligencia servida por uma cultura extraordinaria, pode ser energia, força, tenacidade masculina (aproveitando-me da chapa . . .) entretanto, essa intelligencia, essa cultura, essa energia, essa força, essa tenacidade serão bem femininas, sempre diversas das mesmas manifestações masculinas. E' que a observação as vê confusamente, sem penetrar bem no fundo das características psicologicas dos individuos analisados superficialmente.

E, enquanto não houver essa alta evolução individual paralela — homens e mulheres serão duas raças sociais que se querem e se degladiam, sem nunca atingir á mais restrita, á mais rudimentar compreensão mutua, por incapacidade alternativa, pela ignorancia absoluta das

necessidades específicas do companheiro ou da companheira.

Si alguns cientistas ou quiça toda a ciência oficial se acha de acordo dizendo que a mulher é um ser incompleto, cujo desenvolvimento parou, estacionou no tipo feminino, e, si esse tipo feminino chega a apresentar características opostas á sua sexualidade, saltando no campo da atividade masculina, a mim me parece logico que essas formas chamadas "anormais" buscam mais de perto a perfeição e não como quer Marañon, afirmando que são inúteis á humanidade e tendem a desaparecer.

"As formas intermediarias dos sexos não representam uma utilidade superior para a especie nem tão pouco para o individuo, e o progresso da Humanidade as irá eliminando da vida dos sexos."

Esse argumento a priori, sem nenhuma base científica, equivale a este outro: "o papel de mulher é na familia e não na sociedade, na propagação da especie e não na evolução da sua mentalidade."

Homem e mulher vivem em familia e na sociedade. A sociedade não é de homens e nem pode haver familia só com a mulher. Tem razão Tito Livio de Castro ("A Mulher e a Sociogenia"): "a sociedade é uma determinação da evolução mental e não da evolução testicular; a familia é uma determinação da evolução mental e não da evolução ovarica".

E mais: "Si a educação da mulher é inútil porque ella é "procreadora", onde está o motivo que, justifica a educação do homem? Não é científico pretender-se que

a um sexo mais do que o outro compete a propagação de uma especie que se reproduz por amphigonia."

O argumento de que a *excessiva* cultura mental prejudica a fecundidade é mais um pretexto para empurrar a mulher para o lar sagrado, isto é, para a ignorancia e a escravidão. Isso é questão excepcional, individual e longe estamos, infelizmente, de realizar tal problema. As Clemence Royer e as Curie, me parece, não trouxeram prejuizo á Humanidade. E, si o progresso humano tende a suprimir as Curie e as Clemence Royer, que especie de progresso será esse? ...

Si temos em nós toda a característica do sexo oposto, si o sexo contrario dorme em nós, nesse caso, biologicamente, a mulher não tem somente as tais virtudes de emergencia e sim, tem as possibilidades de evolução física e mental a que o homem pode atingir — tudo dependendo de exercicio e educação — como o homem tem todas as possibilidades femininas em estado latente — sensibilidade mais delicada, intuição mais viva, etc. etc.

A evolução tende a dar a ambos — mais potente virilidade de vontade e mais bela harmonia de sentimentos.

Só assim chegarão a se compreender mutuamente.

A DIFERENCIAÇÃO DOS SEXOS

Si ha "a existencia soterrada de germens heterossexuais" si se aceita "a hipotesé da bisexualidade inicial dos organismos e da sua permanencia em estado latente, du-

rante o resto da vida" (Marañon), — não são virtudes de emergencia as que a mulher põe em ação rapidamente em casos urgentes, e sim, características biológicas do proprio sexo.

Esse fato não vae contra a biologia: confirma-a.

A bissexualidade supõe um estado transitorio na evolução das especies vivas — quando se trata da bissexualidade no terreno fisiológico. Mas, no campo mental ou espiritual de virilidade ou feminilidade — si as duas características se apresentam alternativamente — a mim me parece que é um gráo mais elevado da evolução humana.

Assim, a missão pedagogica seria tornar mais real a diferenciação sob o ponto de vista fisiológico e a aproximação diferenciada ou alternativa, sob o ponto de vista psicologico.

Quando Tagore escreve os seus poemas da infancia com uma alma essencialmente maternal na sua doçura inigualavel, sente como mulher, isto é, sente com a sensibilidade quintessenciada. Nem por isso o censuram, nem por isso deixa de ter virilidade forte de homem.

Mas, quando eu escrevo os meus panfletos e nas entrelinhas não vêem a minha alma essencialmente feminina na maneira de sentir e de viver — batisam-me com todos os adjetivos capazes de mudar o meu sexo... Muita gente precisa me conhecer pessoalmente para se capacitar de que sou mulher, de que tenho a natureza delicada do meu sexo.

Dois pesos e duas medidas. E' a reação masculina procurando impedir a evolução feminina.

Procura-se, com ciencia, provar a asserção: a mulher é utero. Sim. Mas, castrado o homem, torna-se meio mulher: voz fina, tecido adiposo, maneiras mulherengas. Então, tambem é logico afirmar: o homem é testiculo.

E' que a mentalidade nada tem que ver com o sexo, e isso não se quer ver. O que se verifica é que, si ha divergencia na evolução mental do homem e da mulher, esse fato é devido á educação. "Ha uma exogamia mental", isto sim.

Demais, a maioria dos homens está acima, mentalmente, da maioria das mulheres? Acho que se equivalem em "imbecilidades especificas"...

Enquanto, com Weininger, Heinse, e tantos outros, se quizer que o homem seja apenas e somente viril, e a mulher apenas e somente sentimental, homens e mulheres constituirão duas raças biológicas distintas, para continuarem a se degladiar como "os dragões da figura oriental, de fauces abertas, que se olham frente a frente, as garras erizadas, porem, cujos corpos convergem e terminam na mesma cauda"...

E os dois nunca se libertariam da preocupação exagerada do sexo, transformada quasi em vicio, nunca chegariam a se amar verdadeiramente, na alma, na mentalidade, no coração.

A diferenciação dos sexos, para Weininger, para Marañon, está em o homem "sufocar" os restos que tem de mulher, os elementos femininos, e a mulher "sufocar" os restos que tem de homem, os elementos masculinos.

Como tudo isso é absurdo e como Marañon se contradiz a si mesmo.

Primeiramente, a expressão "sufocar" é anti-biológica, anti-científica, no caso. Não se sufocam qualidades específicas da espécie. Podemos fazê-las adormecer, mas, continuarão a existir em estado latente.

O individuo só é feliz quando goza da plenitude das suas forças, quando se expande em todos os seus característicos. Quando se retrai, quando "sufoca" qualquer coisa em si, torna-se desgraçado. Si ambos os sexos levam a vida a "sufocar" tendências, instintos, a recalcar o temperamento, que luta e que irritação para consigo mesmo e desencadeadas contra o sexo oposto, que a exige!

Repito: para mim, a diferenciação sexual deve ser fisiológica, e a aproximação sexual — psicológica.

E' essa a diferença profunda que Marañon não faz. Todos eles confundem-nas e só atendem á forma humana, á espécie considerada biologicamente.

E devemos encarar o individuo na sua psicologia, porquanto *a tragedia de ser dois* não provem propriamente do sexo em si, mas, da psicologia específica de cada individuo de determinado sexo.

Ademais, ninguém quer fazer desaparecer o que é especificamente masculino ou feminino, pelo contrario.

Não somos partidarios de "sufocar" instintos, tendências, temperamentos... Antes, ficamos com Rabelais: *faça o que quizeres*. Ou com Ibsen: *sê tu mesmo*. Ou com Han Ryner: *realiza-te*.

Muito ao contrario de "sufocar", o individuo deve

expandir-se em toda a plenitude de todas as suas possibilidades latentes.

Confundem diferenciação sexual e caracteres específicos psicologicos.

E Marañon chega a aconselhar a cirurgia de Voronoff para a diferenciação sexual! Lamentavel! E, complicando, obscurecendo a questão, confundindo a morfologia organica com a diferenciação psicológica específica, acresce a tudo isso a preocupação da homossexualidade e lembra a necessidade de enxertar glandulas masculinas no homem, para reforçar a sua virilidade, e femininas nas mulheres, com o objetivo de reforçar a sua feminilidade.

Assim, confunde ainda mais o problema. A homossexualidade é outra face do problema, profundo, e analisado superficialmente. Não vem ao caso, neste momento.

Não é também, como pretendem, uma vergonha, uma baixaza, nos individuos sinceros e que a sentem verdadeiramente. Neles, é natural. E o que é natural é natural e não mais. Mas, não é disso que se trata, senão da diferenciação psicológica — para a harmonia a dois.

Não é problema que se resolva com enxertos, nem isso é pratico. O problema é pedagogico, é de auto-educação e não de Voronoff, é também de regimen alimentar e exercicio. Não "sufocar", não é extirpação, não é enxertar. A formula é bem outra: conhecer-se, realizar-se, vontade de harmonia a dois. Reproduzir-se em qualidade e não em quantidade. Maternidade livre e consciente. Nova mentalidade para o sexo masculino, mais

ampla, mais generosa, mais nobre para com a mulher. Não cavalheiresca ou romantica. O que é preciso derrubar e sufocar é o idolo da honra, são os altares onde collocaram e adoram a deusa...

O HOMEM AMA O GENERO, NA MULHER.
A MULHER AMA O INDIVIDUO, NO HOMEM

"El varón ama en la mujer al género y no al individuo," diz Marañon. Sim. E o que é preciso é justamente fazer sentir ao homem que a mulher chega a ser individuo e fazer subir a mulher até reintegrar-se na sua individualidade.

A teoria de Schopenhauer — exaltação das qualidades varonis no homem e das femininas na mulher — fariam talvez o ato genesico mais brutal, mais voluptuosamente violento, mais triunfante a luta amorosa, porem, psicologicamente, aumentaria, multiplicaria a tragedia dos sexos e os afastaria, cada vez mais, no drama de ser dois.

E a sublimação, parece-me, deve tender a fazer delicado o gesto amoroso, mais requintado, mais belo, e não mais animal no sentido da brutalidade.

Demais, os prazeres psicologicos, a imaginação, a afetividade, a gratidão tomam parte na volupia sexual.

A mulher bem feminina, na accepção de toda essa literatura cavalheiresca e com o nome pomposo de scientifica ou filosofica — é a mulher bem "coquette", ignorante, inferior, "bibelot", animalzinho domestico, astu-

cia e frivola, protegida, amparada, seduzida pelo homem.

E' conservar eternamente as "imbecilidades especificas" femininas e masculinas...

A prova é que Marañon simboliza o varão archetipo na figura de Otélo! Parece incrível!

"Si vais com uma mulher, não te esqueças do chicote"... Nietzsche...

Varga Vila... "mata-a, si roubou tua honra"...

O homem ama o genero, na mulher, mas, mata o individuo... lavando a honra! Já vê Marañon que o problema é profundamente psicologico...

Que contradicções criadas pela bestialidade civilizada!

O grande sabio alemão, professor Nicolai, em duas palavras, me definiu a sua opinião a respeito do amor e da mulher:

"Um homem quando está com uma mulher, não pensa: brinca"...

"O amor é como um jogo de xadrez, um pouco melhor que o jogo de xadrez"...

Marañon defende a monogamia!...

O livro de Marañon não é a sua ultima palavra: é uma etapa de evolução... As suas duvidas saltam aos olhos do leitor nos tres ensaios sucessivos, de que o primeiro é bem burguês. No ultimo, tem frases banais como qualquer vendedor de esquina, porque o preconceito é inato em todos os homens de todas as classes sociais.

Sem embargo, quando se desprende do espirito espanhol, do espirito latino, tem conceitos magistraes e a

sua cultura admirável e sólida o faz entrever possibilidades extraordinárias para a evolução feminina.

Marañon defende a monogamia como estado superior de diferenciação, mas, confessa que o biólogo, si não é hipócrita, não pode aceitar de maneira alguma a eternidade do laço conjugal.

Essa monogamia é a escolha, é o amor integral, é a sexualidade específica. E' isso que todos os Otélo e os Don Juan e os Barba-Azul procuram incessantemente, insatisfeitos ou sentindo nas criptas do inconciente, que a companheira, resignada, passiva ou indiferente, não realiza também essa sexualidade específica. E' ela, a sexualidade específica que faz com que dois seres se absorvam um no outro, integralmente, em toda a plenitude. Cada qual, fóra desse beijo, será incapaz de amar e foge aterrado, sentindo repugnancia e desespero e ansiedade e desalento nos braços de outro sêr. Porque, só amamos verdadeiramente — dentro da sexualidade específica da monogamia do verdadeiro amor e só nos divinizamos, através da carne, si, depois do ato sexual, nos sentimos mais belos e mais generosos e mais amorosamente ligados ao sêr com quem acabámos de nos confundir. Mas si durante e após o ato sexual experimentamos abatimento e desconsolo, si nos sentimos abaixo de nós mesmos, humilhados e envergonhados, si desejaríamos fugir e nos isolar — então, não ha amor. E, repetir, nas mesmas condições, com o mesmo sêr, o mesmo ato — é deprimente e indigno dos seres que se prezam.

Por isso, quando as criaturas superiores erram na escolha, a fuga é desabrida.

Não se trata aqui de prostituição ou de amores de bordél, cuja fuga tem outra significação, bem diversa. Falamos de criaturas livres, emancipadas e nobres. Também o amor plural é para os que buscam o amor, para aqueles que, infelizes, não encontraram o amor e não viveram a harmonia integral a dois, não sentiram essa sexualidade específica divinizada noutro sêr, convergindo simultaneamente uma para a outra. Também não defendemos a eternidade do laço conjugal, dentro ou fora da lei.

O problema do amor é muito mais complexo e nas criaturas superiores, a imaginação e o sonho da perfectibilidade no sêr amado, a sensibilidade do artista e a mente do verdadeiro intelectual (— o homem livre ou a mulher pura e superior, ambos idealistas e generosos —) tomam parte importantíssima na seleção e na sexualidade específica, criando, divinizando o tipo perfeito. O anseio de uma realização a dois — é o paraíso e o tormento inominável dos que vivem a vida integral no amor que diviniza a carne e sóbe até *arrebatam um ser, dois seres, ao rebanho...*

Marañon tem dessas cousas: intuitivamente, deixa escapar um pensamento profundo que nos léva longe em cogitações, mas, também resvála nas banalidades de toda gente senão, vejamos:

*
**

Marañon diz que os instintos "são poucos escrupulosos e ás vezes profundamente imorais. Por isso, toda a

obra da educação não é mais do que uma superação ética dos instintos.”

Confusionismo lamentavel.

Procuramos adaptar o nosso tartufismo aos instintos. Defendemos a crapulagem em nome do instinto.

Apoiamos as vilezas humanas em as leis biologicas. Decretamos imoral o que é são e natural. Fazemos da hipocrisia uma capa afim de nos ornarmos do que chamamos “educação”, a “vernissage” para encobrir as fealdades do nosso carater, que se defende das suas baixeza e da covardia, em nome dos instintos. E a ciencia e os intellectuais são sempre os culpados de tal “comouflage”. Poluimos tudo, maculamos todas as cousas, empregamos a nossa intelligencia na astucia manhosa para adaptarmos a perversidade humana ás leis naturais. A isso, denominamos ciencia.

Não. Nós conservamos pela tradição, pela educação, pela rotina, instintos que não mais teriam razão de ser, no nosso estado de evolução. Não são os instintos que são pouco escrupulosos ou imorais: nós é que queremos moralizar ou legalizar os instintos. Nós é que fossilizamos instintos dentro de nós. Vivemos instintos que hoje são para nós, o que é o apendice, por exemplo, na opinião de alguns cientistas: um órgão ou a recordação de um órgão que teve a sua utilidade, porem que hoje é inutil ou até prejudicial.

E’ o contrario: a obra da educação estatal e moraliteista que, de fato devia ser uma superação ética dos instintos, é, ao inverso, a conservação mumificadora de

instintos que deveriam ser substituidos por outros instintos. Vejamos um exemplo:

As guerras modernas são as consequencias do regimen burguês-capitalista: comercio ou conquista de terras para a expansão da superpopulação dos países já repletos. Um exemplo: o Japão contra a China. E o patriotismo belicoso é o residuo do instinto de defesa das primitivas organizações sociais, do mesmo modo que os cães raspam o asfalto com as pernas trazeiras — procurando não deixar vestigios da sua passagem onde acabam de satisfazer uma necessidade fisiologica, estupidamente, repetindo o gesto do lobo, seu ancestral, escondendo os excrementos para não ser perseguido pelo homem (Jorge Nicolai: *Biologia da Guerra*).

Aqui era instinto de defesa. O cão já percebeu a inutilidade desse gesto, mas o faz mesmo superficialmente, na sua estupidez rotineira.

O gesto patriotico é o gesto do cão... Nada mais, nada menos.

O homem conserva no subconciente a lembrança de haver organizado as primitivas sociedades, e hoje repete a brutalidade do troglodita ao se defender das feras ou a ataca-las para comer, ao proteger a sua grei, a sua conquista de guerra, contra outras greis que pretendem escraviza-las para as dominar e aniquilar.

O cão repete o gesto de defesa do lobo. O homem repete o gesto de defesa do troglodita.

Podemos dizer que o instinto belicoso do homem seja imoral ou pouco escrupuloso?

Seria absurdo, porque aí já não é mais instinto natural. No homem foi deformado o instinto de defesa: patriotismo ou violência estatal organizada são as duas pernas trazeiras do cão... no gesto repetido do lobo no seu instinto de defesa.

O instinto nunca é imoral. Nada ha de imoral no que é natural. Imoral e pouco escrupulosa é a sociedade que organiza e explora os instintos de defesa do homem primitivo, instintos conservados no subconciente e os canaliza e lhes dá forças para explodirem e auxiliarem aos poderosos na defesa dos seus interesses particulares.

Não é a biologia que se adapta ás sociedades. São as sociedades que tentam deformar as leis naturais e decretam uma biologia social, uma economia social, uma sociologia biologica dentro do quadro adaptavel ás circunstancias e ás necessidades de determinado grupo de indivíduos ou de uma classe social.

*
**

Indicar á mulher, como livros de cabeceira, nem que seja temporariamente, por um ano apenas, como quer Marañon, a "Vida" de H. Ford, me parece muito burguês. Indicar como conselheiros eternos — os Livros Sagrados, a Biblia — me parece muito cristão... muito espanhol, muito sacerdotal e moraliteista... A Biblia é castilete de dois gumes: só a entendem, os espiritos absolutamente emancipados, os homens livres, as consciencias que podem caminhar sem quaesquer muletas. E' difficil

desenterrar o Cristo do meio das ruinas, dos escombros e das chantages clericais do Novo Testamento. E o Velho — tambem se fez novo...

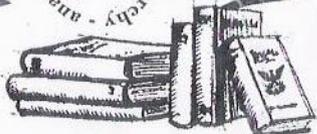
Indicar qualquer guia dos bem casados é ridiculo.

Eu tomaria a liberdade, não de indicar, mais amplamente, para os nossos seculos, para o nosso estado de evolução, como livros de cabeceira — para homens e mulheres — os "*Elementos de Ciencia Social*" de Drysdale; "*De Profundis*", de Oscar Wilde; "*Minha Vida*", de Isadora Duncan; "*Les Pacifiques*", "*Le Subjectivisme*", "*Le Sphynx Rouge*", de Han Ryner "*Clérambauld*" e "*Jean Christophe*", de Romain Rolland; e as "*Maximas*" de Epicteto, porem, de dizer que nesses evangelhos estão condensados os problemas humanos. E os problemas humanos são propostos para ambos os sexos...

Lembre-se

ANARQUIA NÃO É MERCADORIA!

Danças das Ideias



<http://anarkio.net/fenikso>
email: fenikso@anarkio.net



**SE NÃO PRECISA, NÃO COMPRE!
PREFIRA TROCAR - DOAR -
COMPARTILHAR - RECICLAR ...
SE TENS PRINCÍPIOS,**

NÃO DEIXE OS 'VALORES' TE MANIPULAR!



A MULHER DE APÓS GUERRA CONTRA O HOMEM, NO CASO DE UMA NÓVA CONTENDA

Sob a epigrafe acima, recebi de Buenos-Aires o artigo de José Sebastian Tallon, que não conheço, publicado em *Bandera Negra*, enviado por uma amiga que me pede para responder ao inquerito sugerido pelo referido artigo.

Bandera Negra, jornal anti-militarista, publicação contra as guerras, foi suprimido pela revolução buena-rensense, ha quasi dois anos, em 1930 "*Bandera Negra*" reapareceu no 1.º de Maio de 1932.

Revejo papeis e recomponho a minha resposta que seguiu, porem não chegou a ser publicida, devido á censura dos salvadores da patria argentina.

Analizando o pensamento de Tallon, respondo ao inquerito.

ACLARAÇÃO PRELIMINAR

Aceito com Tallon:

Ha dois modos de combater a guerra, mas, podem interpenetrar-se.

1.º — Contra o instinto. Pela nova consciencia. Contra a guerra:

2.º — Contra o fato. Por um estado de consciencia. Contra a "proxima" guerra.

Ao 1.º corresponde: o trabalho indireto: reforma individual.

Ao 2.º corresponde a ação direta.

Advertencia: Tambem, como Tallon, para evitar confusões, peço a maxima atenção para o desenvolvimeto da minha ideia e para a substituição de palavras que significa a substituição de posição para estudar o problema. Pontos de vista opostos, talvez.

Segunda advertencia: Para combater a guerra — ação indireta; para combater a proxima guerra — ação direta. Podemos estar de acordo até aí. Dois metodos de ação. Não concórdo que "confundindo-se e interpenetrando-se os metodos, as intenções portanto, a ação será inutil e até prejudicial, por mais nobre que o seja em sua origem." Não. Não vejo motivo para uma afirmação tão categorica. E me vou explicar.

Terceira advertencia: O momento obriga á ação individual direta e indireta, cada individuo aplicando o seu proprio metodo ou ação direta na campanha contra a proxima guerra.

ACÇÃO INDIRECTA:

Pela palavra. Pela pena. Mostrar os horrores da guerra, sob o aspecto da brutalidade imediata e sob o as-

pecto da degenerencia humana na seleção ás avessas, nevróses, imoralidade, todos os aleijões fisicos e mentais e amorais desenvolvidos na ultima guerra e em todas as guerras.

E' a sugestão pelos fatos e a sugestão pelos argumentos scientificos, tiradas as próvas no ultimo massacre europeu. E' a linguagem ao inconciente para despertar uma consciencia nôva e substituir o instinto ancestral rotineiro e estúpido do patriotismo belicoso pelo espirito de cooperação e não-violencia.

Não creio em reformas sociais: creio na realização individual. Assim, me são indiferentes todas as cruzadas sociais, todos os grupos, as coletividades, as associações. Entretanto, para resistir á guerra, seria preciso a resistencia em massa.

Tudo isso começa muito belo e muito nobre — porque é sonho de um individuo, de dois, de tres que se harmonizaram em linhas gerais. Logo após, degenera-se. Formam-se os nucleos que se combatem, tornam-se fócios de intrigas, invejas e discordias perenes. Toda associação deve durar pouquissimo e deve morrer antes de se transformar em nucleos de lutas pessoais.

Nesse caso, cada consciencia livre nada pôde esperar dos outros, senão de si mesma. E tem por primeiro dever iniciar a sua campanha anti-militarista, anti-guerreira, disposta a dar toda a sua energia em toda parte onde se possa fazer algo em pról da paz e da solidariedade humana.

Escrever e falar de todas as tribunas cujas portas se lhe não fechem...

AÇÃO DIRETA

Para o homem:

Objecção de consciencia.

Recusar-se ao serviço militar.

Recusar pegar em armas.

Recusar ir á guerra.

Recusar terminantemente qualquer occupação no serviço militar, na Cruz Vermelha, em quaesquer departamentos da guerra.

Não matar, nem na guerra, nem a favor da paz... contra a guerra.

Não resistir. Não fugir. Declarar serenamente que é objecto de consciencia, que não está disposto a matar o semelhante, que não contribúe nem coopera com os forjadores das guerras.

Dispor-se á prisão. Deixar-se fuzilar, mas, recusar-se obstinadamente a ser soldado, a ser assassino ou cúmplice dos assassinos profissionais, assalariados.

Para a mulher:

Pela palavra, pela pena, mostrar ao homem qual deve ser a *ação direta* contra a guerra.

Na escola, no lar, aos filhos, aos amigos, a todos, mostrar os horrores da guerra, a brutalidade do massacre humano e as consequencias dessa loucura coletiva.

Não comparecer ás paradas militares, nem consen-

tir em levar seus filhos ou discipulos para vêr as paradas da bestialidade da força armada.

Não cooperar de modo algum em quaesquer departamentos da guerra: nem como vivandeira nem como enfermeira da Cruz Vermelha.

Não procurar ver os regimentos em partidas para o "front", recusar-se a fornecer-lhes *bonbons*, quaesquer auxilios ou divertimentos.

Não lhes proporcionar nenhum prazer. Não cooperar de modo algum para as guerras: preferir morrer de fome a trabalhar em usinas de armas ou munições de guerra.

Fugir de quaesquer exhibições patrioticas, nacionalistas ou militaristas. Não corresponder com a sua presença ou com os seus aplausos para o espectáculo exhibicionista e vaidoso do aparato militar — cujas côres vistosas e penachos e rufos de tambor teem por fim agradar e conquistar as mulheres, as crianças e as massas populares infantilizadas pela ignorancia e servidão. Guerra de extermínio aos brinquedos que lembrem militarismo ou violencia armada.

Mas, a "suprema resistencia" ou a resistencia heroica da mulher em face da civilização capitalista é a *greve dos ventres*, é a maternidade conciente e *limitada*, recusando-se a engendrar a carne para os canhões. Esse deve ser o metodo da não-violencia feminina; da não-cooperacão. E' a abstenção, a recusa terminante para não alimentar as mandibulas vorazes das guerras ou dos prostribulos.

As sociedades, as patrias, as nações, os privilegios

tem sua base estabelecida sobre a violencia. A unica arma eficaz e ao alcance das consciencias livres contra a maldade da violencia — é a não-cooperação, a não violencia. Foi com essa arma que Gandhi matou a grandeza e o poderio da Inglaterra. E' com a mesma arma, a greve dos ventres que a mulher acabará com as guerras.

Demais, demonstrar a hipocrisia do pacifismo que tem por fim enganar e melhor preparar as guerras, pacifismo de toda a horda dos vampiros — financistas, diplomatas, capitalistas e politicos, reis ou ditadores que se nutrem do material industrial e humano, fazendo-os se destruirem simultaneamente nos campos de batalha.

A Cruz Vermelha é uma das mais ferozes armas de guerra: muitos homens vão á guerra porque ha mulheres na Cruz Vermelha. Ou por sentimentalismo ou por crapulagem. O sentimentalismo doentio desses rapazes deve ser transformado em raciocinio contra os exploradores do material humano e a favor do amor ao proximo, do pan-humanismo. E a libertinagem deve ter como resposta o protesto conciente da mulher que só se entrega, quando é nobre e digna, a quem está á altura do sonho da emancipação humana. E' o amor que ha de fazer a seleção mental da especie.

No dia em que a mulher subir tão alto, o homem, como premio, para obte-la, deverá escalar tambem muito alto.

E, si a mulher se engana na escolha do seu companheiro de sonhos, si ele não está á altura da nobreza de carater dos verdadeiros idealistas, resta-lhe retroceder e se libertar desse élo que a irá rebaixar em vez de a iluminar

de inquietações que enobrecem e exaltam para a escalada através do tempo e para além do espaço.

As almas simples e boas merecem as nossas homenagens. Mas, uma mulhre superior o que não pode suportar é o vasio da vulgaridade conciente, a repugnancia da mediocridade cultivada, o despudor do descarater, o parasitismo revoltante e jactancioso.

Errar é humano, mas, permanecer no erro é baixeza e servilismo.

E quando a mulher souber manter-se á altura da sua alta missão do "matriarcado moral" de que falava Ferrer, o homem fará tudo para subir até merecer o seu amor.

Mas, enquanto a mulher der atenção a todos os vulgares e cabotinos, aos charlatães do sonho, aos tartufos e fariseus da fraternidade humana, aos "cabaretiers" e "chaufeurs" elegantes, aos escroques de todas as bancas, aos idiotas e presunçosos, despresando as almas nobres dos homens de bem — haverá guerra e a miseria do corpo e dos sentimentos povoará a terra de fantasmas e sombras de homens e mulheres — todos insatisfeitos, famintos de pão e amor.

Assim, uma das mais fortes armas contra a guerra é o desprezo á vulgaridade, á mediocridade, á imbecilidade masculina, ao tartufismo dos aproveitadores da sensibilidade ou da generosidade feminina.

E a gréve dos ventres, a maternidade desejada e conciente, ou o protesto contra a maternidade impôsta pelo comodismo ou pela perversidade masculina — é o metodo feminino de ação direta.

TALLON CITA MARAÑON

Marañon acentúa que uma das características do espirito feminino é sua tendencia reacionaria ante as atitudes políticas inovadoras. E' sabido. Po's bem: Tallon quer aproveitar-se disso para fazer ingressar a mulher num movimento anti-guerreiro, sem nenhum perigo por parte da burguesia na sua reacção costumeira, porquanto a mulher será a primeira a se declarar tacitamente livre de qualquer intenção revolucionaria.

Começa aí o sofisma. Nada ha mais revolucionario do que a objecção de consciencia, o anti-militarismo ou a guerra á guerra.

*
**

Marañon confunde luta social com trabalho fisico.

Tratei disso em outras paginas. Acha que a mulher, salvo as que escapam á lei normal do sexo, não está biologicamente apta para a luta social. Em vista, porem, da energia desenvolvida pela mulher durante a guerra, "*a biologia se vê forçada*" (!) a declarar que "em um momento de inquietação, dotada em sumo gráo dessas virtudes que os americanos chamariam de emergencia, póde suplantar o homem". "O sexo póde, peremptoriamente, ser vencido por uma razão de ordem social" (G. Mara-ñon).

Que esforço para torcer, e que dificuldade para não conseguir o objetivo desejado! "*A biologia se vê forçada*" — é uma frase ouca e anti-cientifica. Não reproduzo aqui

o que já comentei em torno dos "tres ensaios" de Mara-ñon. Passemos a Tallon que baseia o seu metodo de propaganda anti-belicosa nos erros de observação psicológica de Mara-ñon.

Tallon tira a conclusão de que, em casos de emergencia a mulher poderá lutar *contra* o homem.

A mulher tomou o lugar do homem na guerra e o superou. Acabada a guerra, voltou contente para os lares. A que pode voltar, aliás. A Europa, o mundo inteiro está cheio de mulheres que continuam o labor pesado do homem. Superficialmente Mara-ñon declara e com ele afirma Tallon que a mulher regressou ao lar porquanto "obedece a leis biologicas das quaes não póde escapar sem ser imoral ou vencida". E que a mulher não deseja permanecer no lugar do sexo contrario. Isto é bem mais profundo e já tirei minhas conclusões em outro capitulo.

E como si o trabalho domestico não bastasse!

E como si a escravidão da maternidade e os labores caseiros fossem de molde a tentar o homem a uma vida mais calma... e mais pacata!... Demais, foi a civilização unisexual que empurrou a mulher para o que Mara-ñon denomina a luta social. De fato: é o homem que exige, além dos trabalhos domesticos, o salario da mulher.

A conclusão de Tallon é que a campanha contra a guerra deveria obedecer a essa ordem de ideias, pondo em evidencia e exaltando uma característica "anti historica e fundamental de seu sexo: a que faz de uma mãe beata uma inimiga de Deus, si lhe pede a vida de seu filho."

E diz Tallon: "*essa campanha teria como base de partida o sexo, uma razão de ordem antropológica e não política ou sentimental*".

E' falsa e anti-científica a conclusão e por conseguinte o metodo, porque as premissas são falsas. Não é o caminho.

Continuemos o raciocinio.

*
**

O maior perigo, para Tallon, no caso de apelarmos para a mulher européa, está nas homenagens que o mundo inteiro lhe tributou. O homem, como sempre, explorou a sua vaidade e não lhe faltaram elogios porque fabricava os gazes com que envenenaram os homens nas trincheiras.

Tallon conclúe: "Es, en realidad, más heroica que el hombre. Pero se la engaña con mucha facilidad."

E Tallon arquiteta um plano para engana-la tambem...

Sem duvida, tem razão quando afirma que é preciso arrancar de sua consciencia ludibriada a simpatia por seu passado heroismo, "faze-la compreender que não foram senão seres monstruosos, traidores do proprio destino que lhes traça um caminho na terra, na sociedade humana". E chega á sua conclusão: a unica força poderosa contra seu erro é o sentido antropológico de seu sexo, a obscura e obstinada necessidade de que os filhos vivam apesar de tudo. Devemos começar por aí, diz ele.

Portanto, todo o seu metodo de ação anti-belicoso

deve ser posto nas mãos das mulheres e a base de tal campanha deve ser o instinto da maternidade na defesa incondicional dos filhos.

A obsessão do perigo exalta a maternidade, é o corollario de Tallon.

O perigo de uma nóva guerra que ameaça a paz da Europa, (e da Asia, acrescentaria agora Tallon,) deve levar a mulher européa á campanha psicologica de conduzir de novo a mulher aos seus instintos, não permitindo que seja mais enganada com as ideias de patria ou de heroismo e sacrificio.

E Tallon resume todo o seu conceito e todas as suas conclusões neste periodo:

"La mujer europea debe organizarse y estar lista para convertirse, llegado el momento y en virtud de su instinto maternal, en una fiera de la paz."

E sua ação, tratando-se de uma campanha urgente, não dependeria, segundo Tallon, em relação ao homem, de um metodo puramente persuasivo, e sim violento. *"Ponerse frente al hombre y no dejarlo pelear."*

Mas, é covarde o homem que toma da carabina e vae para a caserna esperar que a mulher o impeça de seguir para a linha de fogo. O homem não tem que esperar a ação direta da mulher. Tambem deve agir diretamente, por si mesmo, sem estar á espera de que outros o venham obrigar ao papel de espadachim dos romances de capa e espada, em que fingem os covardes e charlatães estar dispostos á luta, porem, pedindo, gritando que os soccorram, que os agarrem, senão eles agridem e matam mesmo ao adversario...

Imaginar um plano pacifista empurrando a mulher para a frente, sob qualquer pretexto, me não parece muito nobre.

Não é serio formar um partido politico ou um plano de ação, mesmo em pról da paz, ou de qualquer iniciativa generosa — procurando atraír a mulher e enganando-a que não se trata de partido revolucionario. Si a objeção de consciencia ou a ação direta contra a guerra é supinamente revolucionaria — como teriam coragem de afirmar á mulher o contrario ou obriga-la a afirmar outro tanto?

Isso me repugna.

A mulher sempre esteve a serviço dos desejos ou dos ideais masculinos. Ainda agora, desperta para a politica, para a vida civil e para os sonhos revolucionarios.

Nós outros, os avanguardistas, não teriamos pejo de usar dos mesmos processos para aproveitar a mulher nos planos revolucionarios?

Trata-se, ao contrario, não de formar "um estado de consciencia" para o caso de emergencia, e sim despertar a nova consciencia contra o instinto reacionario, o instinto belicoso, contra o instinto do troglodita.

E não é querendo que a mulher seja "uma féra da paz" que se ha de conseguir o despertar de sua verdadeira consciencia de individuo clarividente.

Ha muita confusão em tudo isso. Justamente as mulheres que não foram mães é que fizeram alguma coisa mais humana. A maternidade é uma cidadela fechada pelo egoismo. Não é apelando para o egoismo estreito da

maternidade fisiologica que o mundo ha de caminhar para mais altos destinos. Não confundam a maternidade espiritual, a maternidade conciente, o matriarcado moral com a maternidade fisiologica de todos os animais.

Ha muitas mulheres que não são mães e se teem dedicado a nobres e puros ideais de pan-humanismo. Não é preciso nos servirmos do instinto maternal fisiologico para fazer da mulher "uma féra", mesmo da paz.

"Uma féra da paz"! ... expressão que é contrasenso e contradição.

De fato, a mãe é uma féra, no sentido puramente fisiologico. E é essa ferocidade que é preciso justamente transformar no matriarcado moral, na maternidade conciente.

A galinha é uma fera na defesa dos seus pintos e no ataque aos pintos das outras galinhas... Assim é a maternidade fisiologica.

Não é apelando para isso que chegaríamos á paz. Engano lamentavel.

Demais, por que negar á mulher o seu direito de individuo na escala social?

Antes de ser mãe, a mulher é mulher. Eu nunca fui mãe e nem por isso deixei de colaborar um só dia da minha vida para o advento da liberdade e do fraternismo entre os humanos.

Será que camaradas libertarios se unem aos pseudo-cientistas para afirmar *a priori* que a mulher é só e exclusivamente útero?

Por que razão não seguem um pouco mais longe e

não afirmam com aquele cientista que afirma ser a mulher inferior e incapaz — porque não tem testículos?...

E poderíamos chegar á conclusão acaciana de que o homem não é mulher porque não tem ovários.

Como tudo isso é comico.

A biologia não se pode prestar ou adaptar-se ás expressões e aos desejos do homem da civilização unisexual. Os homens não podem torcer as leis biologicas, nem as leis biologicas se adaptam aos momentos sociais de emergencia. Si, em um momento de emergencia, em instantes de inquietação e sobresalto, como durante a guerra, a mulher se revelou sob aspecto masculino de energia e vitalidade, fazendo tanto ou mais do que o homem, assombrando pela sua força de resistencia fisica e moral e extraordinaria capacidade de adaptação — é que dentro dela trabalham energias latentes que a civilização unisexual fez adormecer.

A biologia não se vê forçada(!) a declarar que em certos momentos de emergencia o sexo pode ser vencido por uma razão social. A biologia provou que energias latentes ha na psicologia e na fisiologia femininas que podem, para o futuro, fazer *de novo* a mulher equivalente ao homem em vigor fisico e em capacidade mental de adaptação ás circunstancias do meio ambiente.

Quanto ao fisico, já ha mulheres atletas competindo com os homens, mesmo estabelecendo a diferença muscular, as diferenças organicas.

Quanto á mentalidade, quantos homens serão precisos, mesmo inteligentes, para fazer uma Staël, uma Curie, uma Isadora Duncan?

Mas, não se trata disso: a luta social de que se fala hoje, não é luta de peso-pesado...

E' luta de ideias, luta revolucionaria.

E' questão de despertar a mulher ou fazer vibrar a sua tonica sensivel.

A prehistoria da evolução humana prova que homens e mulheres, entre os trogloditas, eram livres e fortes e cada qual lutava pela vida com as proprias armas.

No dia em que descobriram o fogo — daí data a escravidão feminina: a mulher ficou a guarda-lo, e ali está ela até hoje, ha milenios, a pôr a lenha no fogo sagrado do lar...

Nunca será demais repeti-lo.

No dia em que a mulher se dispuzer a libertar-se do jugo do estomago civilizado, passar a comer frutas e legumes, a apagar o fogo domestico que é o "fogo eterno" do inferno feminino na sua escravidão ao estomago do homem — nesse dia ela recommeará a sua auto educação fisica e mental e iniciará a sua verdadeira libertação humana.

Marañon discute com a mulher "bibelot", fragil, e necessitando da proteção do homem — o que lhe é sempre agradavel, mesmo sendo ele cientista...

O homem finge ignorar que, no campo, muitas vezes, quasi sempre, a mulher trabalha mais do que o homem, porque trabalha de sól a sól, com a enxada na mão e faz a cozinha e cuida dos filhos e de todos os labores domesticos.

E tem os pés e as mãos deformados pelo trabalho

físico e a velhice é precoce, porém, a resistência feminina é fantástica e a mulher se arrasta no trabalho heroicamente, sem repouso, enquanto os seus homens — paes, marido ou filhos teem a taverna, o botequim, ou a camaradagem do trabalho ou das tardes domingueiras para se distrair.

Demais, todos são unânimes em proclamar que, durante a guerra, sem preparo, sem evolução, a mulher fez tudo quanto o homem faz. Que mais é preciso?

Sim. Regressaram aos serviços domesticos alegremente. Porque a intuição feminina é maravilhosa: a mulher presentiu que não eram chegados os tempos. Si ficasse a trabalhar brutalmente — seria acrescentar uma escravidão a outra escravidão. Teria de trabalhar para o homem, duplamente, continuando a ser a sua escrava domestica. Seria isso alguma conquista vantajosa?...

Compreenderam ou presentiram que seu sacrificio durante a guerra não seria recompensado porque os homens lhes não concederiam os direitos civis e politicos nem a emancipação sexual. Nesse caso, por que carregar ás costas mais o peso de arrastar com o trabalho do homem que voltou esfalfado e preguiçoso e exigente, após as refréguas do campo de batalha?

Seria multiplicar a sua escravidão milenar.

E, quantas foram obrigadas pelo homem ou pelas circunstancias da vida a continuar o labôr rude?

Não é que a mulher não deseje permanecer no lugar do sexo contrario — é que ela percebe que, até hoje, foi inutil todo e qualquer esforço seu para se libertar: não

encontrou ainda o caminho e nem o homem lhe quer conceder os seus direitos de ser humano.

E' o caso do proletario: faça o que fizer, tem sempre as mãos vazias.

A mulher está vendo que só tem servido de instrumento. E quando o homem alcança os fins desejados, ela volta a ser a sua propriedade e um juguete nas suas mãos de senhor.

Em muitos países da Europa, ou em quasi todos, a mulher é tratada hoje com um desprezo que não conhecia antes da guerra.

As "leis biologicas das quaes a mulher não pôde escapar sem ser imoral ou vencida" — não são leis biologicas, são leis da civilização unisexual, leis sociais da civilização masculina.

O conceito do moral e do imoral não é biologico, é muito subjectivo e parcial.

A campanha anti-militarista, contra a guerra, não pôde ser baseada no sexo, segundo esse ponto de vista estreito.

A vida do homem e da mulher tem duas faces que naturalmente se completam, mas, que podem ter atividades distintas: a vida sexual e a vida individual.

O homem pode ser politico, magistrado, comerciante, palhaço de circo ou "camelo" — isso é independente da função sexual.

Tambem a mulher, pode ser cozinheira, costureira, aviadora, tenista, amazona ou professora, rainha ou traqueira, cientista como Mme. Curie ou artista como Isado-

ra Duncan e Eleonora Duse. Que tem que ver com isso o sexo?

Deixei de ser mulher pelo fato de não ter sido mãe? Não colaboro para a emancipação humana com a minha palavra, a minha pena, com a minha vida?

Ha mulheres cuja existencia é um gesto de nobreza e devotamento e nunca tiveram filhos.

Por acaso a figura heroica de Luisa Michel, a virgem revolucionaria, poderia ter sido tão generosa e tão pura, tão desinteressada e tão nobre si tivesse sido mãe?

Toda a sua attitude, toda a sua vida é nimbada num halo fulgurante de maternidade espiritual. E' essa a verdadeira maternidade.

E ha mães que antes não o fossem.

Fazer da maternidade o "pivot" em torno do qual deve girar a vida da mulher, é absurdo, é preconceito arraigado no subconciente de todos, inclusive dos libertarios ou dos cientistas.

Demais, essa maternidade inconciente que anda por aí aos montões, que recebe os filhos aos ponta-pés, em meio de blasfemias — isso não é maternidade.

Bato-me pela ideia de que o individuo é homem ou mulher antes de ser pai ou mãe.

Pelo contrario, não podemos envolver a mulher em nenhum movimento, por mais generoso que seja, apelando para as dores provindas da maternidade fisiologica. Antes, é preciso despir a maternidade do charlatanismo dos louvores incondicionais da literatura de cordél, para que a mulher não seja mãe por acaso ou por descuido,

para que só deem á luz as mulheres capazes da verdadeira maternidade, da maternidade espiritual, da maternidade conciente.

*
**

O maior perigo, no conceito de Tallon, é o preconceito ancestral de patria e dever, honra e fronteiras nacionais. Perigo tanto para o homem quanto para a mulher.

Mas, si os libertarios pensassem em contar com essa cousa abstrata que se chama a mulher, mormente a mulher burguesa, para um movimento geral anti-belicoso — teriam decepção imediatamente, do mesmo modo, si quizessem organizar tal movimento com a entidade abstrata, global, o homem.

Só um ou outro individuo — homem e mulher — destacado da massa humana ou do rebanho social poderá encorporar-se a um movimento de natureza tão superior.

E, desarraigado de suas pobres consciencias enganadas miseravelmente a simpatia pelo passado de heroismo durante a guerra — já é dar á mulher uma consciencia nova e trabalhar contra a guerra, contra o instinto. E' o primeiro postulado.

Chegar a convencer a mulher do seu erro e lhe dar a noção antropologica da necessidade de viverem os seus filhos — já é entrar no dominio da lei de população e da maternidade conciente e livre, da limitação dos nascimentos. E é tão profundo tudo isso que, no dia em que a mulher o presentir — já tem uma consciencia nova, e,

como individuo, não como mãe, se oporá terminantemente á guerra. Primeiro postulado.

A educação official, o patriotismo reaccionario ou revolucionario mata o instinto da maternidade.

As mães teem orgulho dos filhos mortos nos campos de batalha ou nas barricadas.

Isso é anti-natural. E' artificialismo da civilização unisexual.

Ensinar-lhes a se buscar a si mesmas e a defender a vida do filho contra a patria — é dar-lhe uma consciencia nóva.

Sempre o primeiro postulado.

O "rasgo" favoravel do instinto da maternidade defendendo o filho do perigo, vae desaparecendo com a civilização.

Despertar na mulher o instinto conciente de defesa da próle — é dar-lhe uma nóva clarividencia. Primeiro postulado.

*
**

A imbecilidade humana é infinita. Toques de clairs e ruflos de tambores são mais expressivos e mais espetaculosos que a objecção de consciencia ou qualquer protesto verdadeiro e justo contra a guerra.

E o heroismo do desertor é considerado crime de lesa-patria.

Mas, si ainda ha imbecis que se deixam estripar em pról dos canibais do capital e do poder, nós outros, os avanguardistas da emancipação humana bem nos pode-

mos abster de cooperar nesse crime inominavel.

A Europa vae ser aniquilada na proxima guerra. E' o "ocaso do ocidente", o ocaso da civilização burguesa capitalista.

Não se creia que eu esteja convencida de que os programas pacifistas poderiam evitar as proximas guerras ou as guerras em geral.

Os erros e crimes da civilização são tantos e de tal ordem que só podemos esperar os efeitos das causas anteriores desencadeadas ferozmente contra o genero humano.

Mas, si fosse possivel organizar, dominar, dirigir, canalizar a pedra que róla? . . .

E' o que pretendem os revolucionarios da Russia nóva. Mas, tambem eles já iniciaram errando, seguindo quasi os mesmos caminhos palmilhados ha milenios.

Já tomaram desvio errado. Voltarão, ao ponto inicial, para recommear a escalada? Não creio. Rumaram para a civilização mecanica, para o advento do cerebro humano transformado em maquinas. Transformaram a vida simples do camponês num sonho de dinamos e motores, de alavancas ou polias gigantescas: a Russia do mujic é hoje a maior potencia industrial do mundo. E' o mesmo progresso material para bestializar . . .

A volta á natureza seria o ponto de partida.

Desgraçadamente a Russia tambem já está errada e pagaremos caro esse transviar da mente humana.

O orgulho da ciencia sangrará o coração do mundo.

E' inutil querer impedir a passagem da pedra que róla.

*
**

Finalmente, recuso-me servir de instrumento nas mãos de quem quer que seja, para uma ação qualquer, mesmo a mais nobre.

Como individuo, sou responsavel pelos meus atos. A minha consciencia me indica o que devo fazer e os meus olhos estão sempre abertos — *mesmo quando alguém me dá a mão* . . . segundo o principio fisolofico.

Repugna-me servir da mulher para quaesquer fins, como instrumento inconciente nas minhas mãos. Falar á razão, não despertar paixões — será sempre o caminho da verdadeira sabedoria.

Procuo despertar-lhe a consciencia, busco acordala para a ação direta. Nunca me serviria do meu prestigio, si o tivesse, para alicia-la nessa ou naquela campanha, mesmo que me pareça nobre ou indispensavel — processo de que se tem servido até hoje os homens, dispondo do prestigio do forte e jogando com a sensibilidade ou com o servilismo feminino. E assim, ele tem obtido da mulher o seu auxilio, o seu esforço heroico o seu sacrificio e dedicacão — pela força, pelo amor, pela sugestão ou pelo mimetismo do sexo fraco.

E não posso conceber nenhuma mulher como fêra da paz . . .

A ferocidade não pode estar a serviço do Amor. A não-violencia, a desobediencia civil, a não-cooperacão são as unicas armas que a consciencia possui e pode empregar contra os meios formidaveis de destruição produzidos pela ciencia e pela industria e colocados nas mãos dos politicos e dos açambarcadores e detentores do poder

e das riquezas sociais — para o massacre e a destruição do genero humano.

Os comediantes das Sociedades das Nações declaram a guerra fóra da lei, e entretanto todas as Patrias e todas as Nações condenam aqueles que se recusam ir á guerra em nome da Paz e do Amor ao proximo.

Tartufos que organizam as Ligas e as Sociedades das Nações, cujos diplomatas elaboram e preparam as guerras, ao mesmo tempo que os pais das patrias distribuem premios, fazem discursos pacifistas e fingem pactos de desarmamento, comediantes que leem no rosto, uns dos outros, a hipocrisia dos seus propositos e a mentira cinica dos seus gestos.

A humanidade poderia voltar a um ponto de partida e recomeçar uma evoluçãõ mais alta si a mulher se decidisse a perscrutar o problema humano: e o problema humano está ligado á lei de populaçãõ, á maternidade conciente. E, sem paradoxo, olhando-o sob outra face que não a de Maraõn, "o problema humano é uma questãõ sexual" . . .

INDICE

Um programa?...	11
Declaração de princípios?...	

1.ª PARTE

FÓRA DA LEI	25
A intelligencia tem sexo?	27
Feminismo?	37
O Voto	41
A Politica	53
A Politica me não interessa.	56
A Mulher na politica?.	60
A Familia	66
A Caridade humilha, desfibra a quem dá e a quem recebe	70

2.ª PARTE

O IDOLO DA HONRA	79
Desgraçada	81
Seduzidas e Deshonradas	85
Nutrição e Sexualidade	90
Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra	95
Honra de Galo	102

3.ª PARTE

A LEI DE POPULAÇÃO	111
Sébastien Faure e a Lei de População	114
A Lei aterradora: a fecundidade da mãe está em relação direta com a mortalidade dos filhos	123
O problema da Maternidade	126
Abolição legal do direito de Paternidade	131
A "Sagrada Instituição"	183
Que é emancipação?	141
Uma moral para cada sexo?	146
E a escravidão sexual?	150
Sob o aspecto biológico	152
A iniciação sexual para ambos os sexos	155
A solução é individual	161

4.ª PARTE

GREGORIO MARAÑON E OS "TRES ENSAYOS SOBRE LA VIDA SEXUAL"	171
Tudo, na vida humana, é função de ordem sexual.	173
A luta social não é mais luta física	177
A ansia de luxo e gozo determinará a desigualdade economica e social?	179
Na civilização moderna, luta social não é traba- lho manual	181
O maior tesouro de sexualidade especifica está contido na austeridade	185
Biologia e Dinheiro	188
A luta dos sexos	191
O neo-malthusianismo na natureza	192
O esporte e o sexo	194

"La Educacion sexual y la diferenciacion sexual".	198
As formas intermediarias dos sexos	202
A diferenciação dos sexos	205
O homem ama o genero, na mulher. A mulher ama o individuo, no homem	210
A mulher de após guerra contra o homem, no caso de uma nóva contenda	219